

# Agatha Christie

MISS MARPLE

UM PASSE  
DE MÁGICA

6ª EDIÇÃO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Agatha  
Christie

UM PASSE  
de MÁGICA

*Uma aventura de Miss Marple*

Título original inglês  
*They Do It With Mirrors*  
1952

# Capítulo Um



Mrs. Van Rydock recuou um pouco diante do espelho e suspirou.

— Bem, acho que está bom — murmurou. — Que lhe parece, Jane?

Miss Marple contemplou a criação de Lanvanelli com ar de aprovação.

— Parece-me um vestido muito bonito — respondeu.

— O vestido, sim — disse Mrs. Van Rydock, suspirando de novo. E pediu: — pode tirar, Stephanie.

A velha camareira de cabelos grisalhos e pequena boca franzida puxou cuidadosamente o vestido dos braços estendidos de Mrs. Van Rydock.

Mrs. Van Rydock ficou parada na frente do espelho, só de combinação de cetim cor de pêssego. Estava muito bem espartilhada. Meias de nylon da melhor qualidade envolviam as pernas ainda bonitas. O rosto, sob uma camada de cosméticos e permanentemente avivado por massagens, parecia até jovem a certa distância. O cabelo, impecavelmente penteado, tendia mais para o azul hortênsia que para o grisalho. Olhando, era quase impossível imaginar Mrs. Van Rydock ao natural. Tudo o que o dinheiro pode comprar tinha-lhe sido aplicado — reforçado por dietas, massagens e ginástica constante.

Ruth Van Rydock olhou irônica para a amiga.

— Você acha, Jane, que alguém seria capaz de dizer que nós duas temos, praticamente, a mesma idade? — Que esperança, de jeito nenhum — respondeu Miss Marple, lealmente, tranquilizando-

a. — A impressão que eu tenho é que trago na cara cada minuto que vivi.

Miss Marple tinha cabelos brancos, o rosto corado e macio, cheio de rugas, e inocentes olhos de porcelana azul. Parecia uma velha muito simpática. Ninguém chamaria Mrs. Van Rydock de velha simpática.

— Creio que você tem razão, Jane — disse Mrs. Van Rydock. De repente sorriu: — Eu também trago. Só que de outro modo. "É impressionante como aquela velha megera se mantém em forma". É o que dizem de mim. Mas bem que sabem que sou velha! E é como me sinto, por Deus! Deixou-se cair pesadamente na cadeira forrada de cetim.

— Por enquanto é só, Stephanie — disse. — Pode ir. Stephanie pegou o vestido e saiu.

— Boa Stephanie — comentou Ruth Van Rydock. — Já faz mais de trinta anos que trabalha pra mim. É a única mulher que sabe a verdadeira cara que tenho! Preciso falar com você, Jane.

Miss Marple curvou-se mais para frente. Seu rosto assumiu uma expressão atenta. Parecia, de certo modo, uma figura incongruente naquele ornamentado dormitório do luxuoso apartamento do hotel. Vestida com um costume preto meio fora de moda, trazia uma grande sacola de compras e dava toda a impressão de ser uma senhora.

— Estou preocupada, Jane. Com Carrie Louise.

— Carrie Louise? — repetiu Miss Marple, pensativa.

Aquele nome lembrava-lhe um passado já remoto. O pensionato em Florença. Ela, a corada moça inglesa de cidade do interior. As duas irmãs Martin, americanas, tão estimulantes devido à maneira pitoresca de falar, o comportamento franco, cheias de vitalidade. Ruth, alta, impetuosa, interessada por tudo; Carrie Louise, baixinha, elegante, calada.

— Quando foi que você a viu pela última vez, Jane?

— Ah, faz muitos anos. Uns vinte e cinco, pelo menos. Claro que ainda trocamos cartões de natal.

Que coisa estranha, a amizade! Ela, a jovem Jane Marple, e as duas americanas. Seus caminhos se separando quase em

seguida e, no entanto, persistindo o velho afeto; — cartas ocasionais, cumprimentos pelo Natal. O mais curioso é que das duas fosse Ruth, cuja casa — ou, melhor, casas — ficava na América, a que via com mais frequência. Não, talvez não fosse tão curioso assim.

Como quase todas as americanas de seu nível social, Ruth era cosmopolita, viajando no mínimo de dois em dois anos para a Europa, correndo de Londres a Paris, depois até a Riviera, e voltando de novo, sempre fazendo questão de procurar as velhas amigas por onde quer que passasse. Já tinham tido vários encontros como este. No Claridge, no Savoy, no Berkeley ou no Dorchester. Uma refeição requintada, reminiscências carinhosas e um adeus apressado e afetuoso.

Ruth nunca tirou tempo para ir a St. Mary Mead. E Miss Marple, para dizer a verdade, não contava com isso. A vida de todo mundo obedece a um andamento. O de Ruth era presto, ao passo que Miss Marple se contentava com um adágio.

Portanto era a americana Ruth que via com mais, frequência — embora já fizesse vinte e tantos anos que não via Carrie Louise, que, porém, morava na Inglaterra. Incrível, mas perfeitamente natural, pois quando duas pessoas moram no mesmo país não há necessidade de marcarem encontros. Presume-se que, cedo ou tarde, o acaso favoreça uma aproximação. Só que, circulando em meios diferentes, tal não acontece. Os caminhos de Jane Marple e Carrie Louise não se cruzavam.

Apenas isso.

— Por que você está preocupada com Carrie Louise, Ruth? — perguntou Miss Marple.

— Pois é isso que, de certo modo, mais me impressiona! Simplesmente não sei.

— Ela anda doente?

— É muito frágil... Sempre foi. Eu não diria que ande pior do que antes, levando-se em conta que o tempo passa, tanto para ela como para todas nós.

— É infeliz?

— Oh, não.

Não, não podia ser isso, pensou Miss Marple. Seria difícil imaginar Carrie Louise infeliz — apesar de que sua vida não devia ter sido um eterno mar de rosas.

Só que — não enxergava a imagem com clareza. Perplexa — sim —, incrédula sim —, mas uma mágoa profunda — não.

As palavras de Mrs. Van Rydock vieram a propósito.

— Carrie Louise sempre viveu completamente fora da realidade — disse. — Não conhece nada do mundo. Talvez seja isso que me preocupe.

— Quem sabe o meio — começou Miss Marple, mas parou logo, sacudindo cabeça. — Não — disse.

— Não, é ela mesma — afirmou Ruth Van Rydock. De nós duas, Carrie Louise sempre foi a que tinha ideais. Lógico que quando éramos moças isso estava na moda — todo mundo tinha ideais, ficava bem ter. Você queria cuidar de leprosos, Jane, e eu ia ser freira. A gente se cura dessas tolices. Acho que se pode dizer que o casamento tira essas ideias da cabeça. Mesmo assim, considerando de modo geral, até que não me saí tão mal.

Miss Marple achou que Ruth estava sendo modesta. Casada três vezes, sempre com homens extremamente ricos, os divórcios resultantes só tinham contribuído para aumentar-lhe o saldo bancário sem o menor prejuízo para a sua boa disposição.

— Claro — continuou Mrs. Van Rydock, — sempre fui forte. Não me abalo por ninharias. Nunca esperei muito da vida e muito menos dos homens... e não me arrependo...nem guardo rancores. Tommy e eu continuamos amigos e o Julius vive consultando minha opinião sobre o mercado. — Ficou bem séria. — Creio que é isto que me preocupa a respeito de Carrie Louise — sabe, ela sempre teve mania de casar com excêntricos.

— Excêntricos? — Gente com ideais. Carrie Louise sempre foi boba em matéria de ideais. Lá ficava ela, linda que só vendo, com apenas dezessete anos, a ouvir de olhos esbugalhados o velho Gulbrandsen expor seus planos para a raça humana. Ele estava com mais de cinquenta, e mesmo assim ela casou com ele, viúvo, com filhos já grandes — só por causa das ideias filantrópicas que tinha. Ficava sentada, escutando, fascinada. Que nem Desdêmona e

Otelo. Ainda bem que não houve nenhum lago para complicar as coisas — e Gulbrandsen, afinal, não era negro, mas sueco, norueguês ou sei lá o quê.

Miss Marple sacudiu a cabeça, pensativa. O nome de Gulbrandsen despertava uma ressonância internacional. Homem de grande perspicácia para negócios e absoluta honestidade, havia juntado uma fortuna tão colossal que a única solução para o seu uso era a filantropia. O nome ainda despertava ressonância. O Fundo Gulbrandsen, as Bolsas de Estudos e pesquisas Gulbrandsen, os Asilos de Indigência da Administração Gulbrandsen e, os mais conhecidos de todos, os vastos Centros Educativos para os filhos de operários.

— Ela não casou com ele por dinheiro, sabe? — disse Ruth. — Eu é que faria isso, se estivesse na mesma situação. Mas não a Carrie Louise. Não sei o que teria acontecido se o velho não morresse quando ela estava com trinta e dois anos. Uma ótima idade para enfiar, por sinal. A gente já adquiriu experiência e ainda pode se adaptar.

A solteirona que a escutava concordou de leve com a cabeça, enquanto lembrava certas viúvas que conhecera em St. Mary Mead.

— A maior alegria que Carrie Louise me deu foi quando casou com Johnnie Restarick. Claro que ele, sim, casou com ela por dinheiro — ou se não foi bem assim, em todo caso ele não teria casado se ela não tivesse nada. Johnnie era safado, egoísta, preguiçoso, só pensava em se divertir, mas é preferível isso a ser excêntrico. A única coisa que Johnnie queria era viver na moleza. Fazia questão que Carrie Louise tivesse os melhores vestidos, iates e aproveitasse a vida na companhia dele. Esse tipo de homem é muito mais garantido. Basta lhe dar conforto e luxo que ele se põe a ronronar feito gato e se mostra um parceiro ideal pra gente.

Nunca levei a sério aquela mania dele de ser cenógrafo teatral. Mas Carrie Louise vivia empolgada com isso — encarava tudo como Arte com A maiúsculo e forçou-o, mesmo, a voltar àquele meio; aí aquela horrenda iugoslava agarrou e simplesmente ficou com ele. No fundo ele não queria. Se Carrie Louise não fosse boba e tivesse esperado, continuariam casados até hoje. .

— Ela sofreu muito? — perguntou Miss Marple.

— Isso é que é engraçado. Realmente, acho que não. Se portou da maneira mais simpática... o que é bem dela. Ela é uma simpatia. Estava louca para que o divórcio saísse logo, a fim de que ele pudesse casar com aquela bisca. E se ofereceu para cuidar dos dois filhos do primeiro matrimônio dele porque seria mais conveniente para os meninos. Foi aí que o coitado do Johnny se viu mal — teve de casar com a tal mulher, passou seis meses horríveis de vida em comum e no fim ainda se atirou de carro do alto de um precipício num ataque de raiva. Dizem que foi acidente, mas eu acho que foi puro mau gênio! Mrs. Van Rydock parou, ergueu um espelho e contemplou minuciosamente o rosto. Depois pegou a pinça e arrancou um fio da sobrancelha.

— E o que faz então a Carrie Louise? Casa com esse tal de Lewis Serrocold.

Outro excêntrico! Outro homem de ideais! — Ah, não digo que não goste dela — acho até que gosta mas tem a mesma mania de querer melhorar a vida alheia. E você sabe que, na verdade, não há ninguém que seja capaz de conseguir isso.

— Não sei, não — disse Miss Marple.

— Só que, naturalmente, há uma moda para essas coisas, que nem para roupas. (Minha querida, você viu o que o Christian Dior pretende que a gente use em matéria de saias?) Onde é que eu estava? Ah, é, modas. Pois também há uma moda para a filantropia. No tempo de Gulbrandsen era a instrução. Mas isso agora já pertence ao passado. O governo tomou providências. Todo mundo conta com a instrução como uma espécie de direito adquirido — e não vê nenhuma vantagem depois que a — obtém! A delinquência juvenil — eis aí a coqueluche atual. Essa malta de jovens transviados e criminosos em potencial. Não se fala noutra coisa.

Precisava ver como brilham os olhos de Lewis Serrocold por trás daqueles óculos dele. Doido de entusiasmo! Um desses homens de uma força de vontade imensa que são capazes de viver só de banana e fatias de torrada, concentrando todas as energias em prol de uma Causa. E Carrie Louise, como sempre, vai na onda.

Mas eu não estou gostando, Jane. Houve uma reunião dos Curadores e a casa inteira passou a servir a essa nova ideia. Transformaram-na num centro de reabilitação completa para esses criminosos juvenis, com psiquiatras, psicólogos e tudo mais. E lá continuam morando o Lewis e a Carrie Louise, rodeados por aqueles rapazes — que talvez nem sejam normais. E o lugar apinhado de terapeutas ocupacionais, professores e entusiastas, a metade deles completamente louca. Excêntricos, na totalidade, e a minha pobre Carrie Louise no meio disso tudo! Fez uma pausa — e olhou desanimada para Miss Marple.

— Mas, Ruth — disse Miss Marple, com uma ponta de perplexidade na voz, — você ainda não me explicou do que é mesmo que você tem medo.

— Já disse que não sei! E é isso que me preocupa. Há pouco estive lá — para uma visitinha rápida. E durante o tempo todo senti que havia algo errado. Na atmosfera — na casa — tenho certeza de que não estou enganada. Sempre farejo as coisas no ar. Nunca lhe contei como insisti para que Julius vendesse a Amalgamated Cereals antes do colapso da bolsa de valores? Tinha ou não tinha razão? É, há algo errado lá. Mas não sei por que nem o que — se são aqueles terríveis delinquentes juvenis — ou se é na própria família. Não consigo atinar com o que possa ser. O Lewis fica lá, vivendo para suas ideias, sem ligar para mais nada, e a Carrie Louise, coitadinha, é incapaz de enxergar ou ouvir qualquer coisa — visão, som ou ideia — que não seja bela. É tudo muito bonito, mas nada prático. O mal é uma coisa que existe — e eu quero, Jane, que você vá lá de uma vez para descobrir exatamente o que é que está havendo.

— Eu? — exclamou Miss Marple. — Por que logo eu? — Porque você tem faro para essas coisas. Sempre teve. Você sempre foi uma criatura simpática com ar de inocência, Jane, quando no íntimo não há nada capaz de surpreendê-la, porque você está sempre preparada para o pior.

— Que tantas vezes é o que acontece — murmurou Miss Marple.

— Não sei como é que você pode ter uma ideia tão pessimista da natureza humana... morando naquele lugarejo simpático e tranquilo onde você mora, tão velho mundo, tão puro.

— É que você nunca morou em cidade pequena, Ruth. Senão provavelmente se surpreenderia com as coisas que acontecem num "lugarejo puro e tranquilo".

— Sim, pode ser. Mas o que interessa é que você não se surpreende com elas. Você vai, então, a Stonygates para descobrir o que está havendo, não vai? — Mas, minha cara Ruth, isso será difícilimo.

— Não vejo por quê. Já pensei em tudo. Se promete não ficar brava comigo, eu lhe explico o que é preciso fazer.

Mrs. Van Rydock parou, olhou meio inquieta para Miss Marple, acendeu um cigarro e começou, um pouco nervosa, a explicação.

— Você há de reconhecer, tenho certeza, que a situação neste país depois da guerra se tornou difícil para quem vive de pequenas rendas fixas... para pessoas como você, Jane.

— Sim, lógico. Não fosse a bondade verdadeiramente excepcional de meu sobrinho Raymond, nem sei de fato onde estaria a estas horas.

— Seu sobrinho não vem ao caso — atalhou Mrs. Van Rydock .  
— Carrie Louise nada sabe a respeito dele — no máximo, é capaz de saber que é escritor, mas nem sonha que seja seu sobrinho. O que interessa, conforme frisei a Carne Louise, é que a situação é simplesmente lamentável para a nossa querida Jane, que às vezes mal tem o que comer e, naturalmente, é orgulhosa demais para recorrer às velhas amigas. Eu disse que não se poderia falar em dinheiro — mas um longo e confortável descanso, num ambiente maravilhoso, com uma velha amiga e mesa farta, sem cuidados nem preocupações... — Ruth Van Rydock parou e depois acrescentou, desafiante: -Pronto. .. agora fique brava comigo, se quiser.

Miss Marple arregalou, surpresa, os suaves olhos de porcelana azul.

— Mas brava por que, Ruth? É uma tática muito engenhosa e plausível. Estou certa de que Carrie Louise respondeu.

— Ela disse que ia lhe escrever. Decerto a carta já chegou à sua casa. Seja franca, fane. Não acha que tomei uma liberdade imperdoável? Você não se importa...

Hesitou e Miss Marple completou habilmente a frase para ela: — De ir a Stonygates como um objeto de caridade. .. sob um pretexto mais ou menos falso? De modo algum... se for necessário. Você acha que é... e sinto-me inclinada a concordar com você.

Mrs. Van Rydock olhou-a, assombrada.

— Mas por quê? O que foi que você ouviu falar? — Não ouvi falar nada. Basta-me a sua convicção. Você não é mulher de se entregar a fantasias, Ruth.

— Sim, mas não tenho nada de definido para me basear. — Estou me lembrando — disse Miss Marple, pensativa, — de um domingo de manhã na igreja — era o segundo domingo do Advento — sentada atrás de Grace Lambly e me sentindo cada vez mais preocupada com ela. Absolutamente certa, sabe, de que havia algo errado — totalmente errado e sendo, no entanto, absolutamente incapaz de dizer o quê. Uma sensação positivamente inquietante e bem, mas bem definida, mesma.

— E havia algo errado? — Se havia... O pai da Grace, o velho almirante, há muito tempo vinha se comportando de modo esquisito. No dia seguinte saiu atrás dela de martelo em punho, gritando que era o Anticristo disfarçado de filha dele. Só faltou matá-la.

Internaram o velho no hospício e ela, com o tempo, se restabeleceu, depois de meses no hospital — mas escapou por um triz.

— E aquele dia na igreja você teve mesmo uma premonição? — Eu não chamaria de premonição. Tinha fundamento... essas coisas geralmente têm, embora na hora nem sempre se perceba. A Grace Lambly estava com o chapéu virado para trás, o que me chamou logo a atenção, pois ela era muito meticulosa, sem nada de vaga ou distraída, e as circunstâncias que a levariam à igreja sem reparar como tinha posto o chapéu na cabeça eram, de fato, extremamente limitadas. O pai havia-lhe atirado um pesa-papéis de

mármore que espatifou o espelho. Ela pegou o chapéu, pôs na cabeça e saiu correndo de casa.

Ansiosa para salvar as aparências e para que os empregados não ficassem cientes de nada. Sabe, ela atribuía esses acessos ao "mau-gênio naval do querido papai", sem se dar conta de que o cérebro do almirante estava definitivamente desequilibrado. Apesar que já devia ter visto isso com a maior clareza. O pai vivia se queixando para ela de ser espionado, de ter inimigos — todos os sintomas característicos, em suma.

Mrs. Van Rydock olhou com respeito para a amiga.

— Vai ver, Jane — comentou — que essa St. Mary Mead onde você mora não é bem o refúgio idílico que eu imaginava que fosse.

— A natureza humana, minha cara, é exatamente igual em todos os lugares. A única diferença é que se torna mais difícil observá-la atentamente numa cidade grande.

— Você vai, então, a Stonygates? .

— Vou, sim. Talvez seja um pouco injusto para meu sobrinho Raymond. Deixar que julguem que ele não me ajuda, quero dizer. Em todo caso, está passando seis meses no México. Até lá tudo já estará terminado.

— Terminado o quê? — O convite de Carrie Louise dificilmente será por tempo indeterminado. Três semanas... um mês, no máximo. Já dá.

— Para você descobrir o que está havendo.

— Para eu descobrir o que está havendo.

— Puxa, Jane — disse Mrs. Van Rydock, — você tem muita confiança em si mesma, hem? Miss Marple fez uma leve cara de reprovação.

— Você é quem tem em mim, Ruth. Pelo menos é o que você diz... Só posso lhe garantir que tudo farei para merecê-la.

## Capítulo Dois

Antes de tomar o trem para regressar a St. Mary Mead (tarifa reduzida especial às quartas-feiras), Miss Marple, de uma forma

precisa e eficiente, colheu alguns dados.

— Carrie Louise e eu de certa maneira nos correspondemos, mas tem sido mais uma questão de cartões de Natal e calendários. Ruth, minha cara, eu gostaria de conhecer melhor os fatos — para ter alguma ideia de quem é que vou encontrar, exatamente, em Stonygates.

— Bem, você sabe do casamento de minha irmã com Gulbrandsen. Não tiveram filhos, o que deixou Carrie Louise penalizada. Gulbrandsen era viúvo, com três filhos adultos. Com o tempo, adotaram uma menina, que recebeu o nome de Pippa — uma criança linda. Tinha apenas dois anos quando ficaram com ela.

— De onde ela veio? Quais eram seus antecedentes? — Olha, Jane, francamente não me lembro — se é que algum dia soube. De uma Sociedade de Adoções, talvez? Ou alguma enjeitada de que o Gulbrandsen tivesse ouvido falar. Por quê? Tem importância? — Bem, sempre se gosta de conhecer os antecedentes, por assim dizer. Mas continue, por favor.

— A primeira coisa que aconteceu foi que Carrie Louise descobriu que afinal estava grávida. Segundo os médicos, isso acontece com bastante frequência.

Miss Marple concordou com cabeça.

— Creio que sim.

— Seja como for, aconteceu e de um modo até engraçado. Carrie Louise ficou quase sem jeito, não sei se me entende. Naturalmente, se fosse antes, teria ficado louca de alegria. Mas agora, já tinha dedicado tanto carinho a Pippa que sentiu praticamente vontade de lhe pedir desculpas por relegá-la ao segundo plano, digamos. E ainda por cima a Mildred, quando chegou, era uma criança muito sem graça. Puxou aos Gulbrandsen — sólidos e respeitáveis — mas decididamente feios.

Carrie Louise sempre teve tanta preocupação de não estabelecer diferenças entre a filha adotiva e a legítima que acho que tendia mais a mimar Pippa em detrimento de Mildred. Às vezes tenho a impressão de que Mildred se magoava com isso. Mas eu as via com pouca frequência. Pippa ficou uma moça muito bonita e Mildred não melhorou nada. Eric Gulbrandsen morreu quando

Mildred tinha quinze anos e Pippa dezoito. Aos vinte, Pippa casou com um italiano, o Marchese di San Severiano — ah, um marquês de verdade mesmo — não um aventureiro ou algo semelhante. Ela estava em vésperas de herdar uma fortuna (lógico, se não San Severiano não casaria com ela — sabe como são os italianos!). Gulbrandsen deixou igual soma de bens tanto à filha legítima como à adotiva. Mildred casou com um tal de cônego Strete — um sujeito simpático, mas que vivia sempre resfriado. Uns dez ou quinze anos, mais velho que ela. Parece que foram bem felizes.

Há um ano atrás ele morreu e Mildred voltou a Stonygates para morar com a mãe. Mas estou indo muito ligeiro, pulei um ou dois casamentos. Vamos recapitular.

Pippa casou com o italiano. Carrie Louise ficou radiante. Guido era educadíssimo, uma beleza de homem e praticava tudo quanto é esporte. Um ano depois, Pippa teve uma filha e morreu do parto. Foi uma tragédia horrível e Guido San Severiano ficou arrasado. Carrie Louise andou de um lado para outro entre a Itália e a Inglaterra durante algum tempo, até que em Roma conheceu Johnnie Restarick, com quem casou. O marquês também casou de novo e estava disposto a entregar a filha para ser criada na Inglaterra pela riquíssima avó. De modo que todos se instalaram em Stonygates: Johnnie Restarick e Carrie Louise, os dois filhos de Johnnie, Alexis e Stephen (a primeira mulher de Johnnie era russa) e a pequena Gina. Mildred casou com o tal Cônego logo em seguida. Aí veio toda essa história.

De Johnnie com a iugoslava e o divórcio. Os rapazes continuaram passando as férias em Stonygates porque gostavam muito de Carrie Louise e depois, acho que foi em 1938, Carrie Louise casou com Lewis.

Mrs. Van Rydock parou para tomar fôlego.

— Você não conheceu Lewis? Miss Marple sacudiu a cabeça.

— Não, creio que a última vez que vi Carrie Louise foi em 1928. Ela se mostrou gentilíssima, me levou ao Covent Garden — para assistir à ópera.

— Ah, sim. Pois bem, Lewis era a pessoa ideal para casar com ela. Dirigia uma firma de contabilidade muito conhecida. Tenho a

impressão de que a encontrou pela primeira vez para tratar de questões de finanças do Fundo Gulbrandsen e do Colégio. Era rico, regulava de idade com ela e levava uma vida absolutamente impecável. Mas era excêntrico. Absolutamente fanático em matéria de regenerar jovens transviados.

Ruth Van Rydock suspirou.

— E como eu disse há pouco, Jane, existe moda em filantropia. No tempo de Gulbrandsen era instrução. Antes foi a sopa dos pobres...

Miss Marple concordou com a cabeça.

— Isso mesmo. Geleia de vinho do Porto e caldo de vitela, que davam aos doentes. Minha mãe fazia isso.

— Exato. Começaram a alimentar o corpo depois de alimentar o espírito. Todo mundo ficou louco para educar as classes inferiores. Bem, isso passou. Daqui a pouco, no mínimo, vai virar moda conservar os filhos analfabetos até os dezoito anos. Mas, como ia dizendo, o Fundo Gulbrandsen andava em dificuldades porque o governo tinha assumido as mesmas funções. Aí então apareceu Lewis com aquele entusiasmo todo pela reabilitação produtiva dos delinquentes juvenis. A primeira vez que se sentiu atraído pelo assunto foi no exercício da própria profissão — examinando contas que rapazes espertos haviam alterado com propósitos fraudulentos. E cada vez se convencia mais de que os delinquentes juvenis não são retardados mentais e sim donos de grande inteligência e capacidades, à espera de boa orientação.

— Sim, de certo modo — disse Miss Marple. — Mas não é bem assim. Eu me lembro...

Interrompeu a frase e olhou o relógio.

— Deus do céu... não posso perder o trem das 6h30min.

— E você irá a Stonygates? — perguntou Ruth Van Rydock, ansiosa.

Recolhendo a sacola de compras e a sombrinha, Miss Marple respondeu: — Se Carrie Louise me convidar...

— Ela vai convidá-la. Você irá, Jane? Promete? Jane Marple prometeu.

## Capítulo Três

Miss Marple desceu do trem na estação de Market Kindle. Um passageiro amável entregou-lhe a mala pela janela e Miss Marple, já carregada de uma sacola de alça, uma velha bolsa de couro e vários pacotes, agradeceu da melhor forma que pôde.

— Quanta gentileza... Hoje em dia é tão difícil... com essa falta de carregadores.

Fico toda atrapalhada quando viajo.

Os agradecimentos foram abafados pela voz trovejante do locutor da estação, anunciando em altos brados, mas de maneira confusa, que o trem das 3h18min estava parado na Plataforma 1 e já ia seguir para uma série de destinos que não puderam ser identificados.

Market Kindle era uma ampla estação vazia, batida pelo vento, quase sem passageiros ou funcionários à vista. Caracterizava-se apenas pela distinção de possuir seis plataformas e um pátio de manobras onde uma locomotiva puxava um único vagão com ares de grande importância.

Miss Marple, vestida mais modestamente que de costume (que sorte não ter dado a ninguém o velho traje de petit-pois) , olhava em torno, hesitante, quando um rapaz se aproximou.

— Miss Marple? — perguntou. A voz tinha um tom inesperadamente dramático, como se o nome dela fossem as primeiras palavras de um papel que estivesse interpretando numa peça de teatro amador. — Vim buscar a senhora... para levá-la a Stonygates.

Miss Marple olhou-o, agradecida: uma velhota simpática, de ar atarantado, mas que se ele reparasse bem, notaria que tinha astutos olhos azuis. A personalidade do rapaz não combinava com a voz. Era menos marcante, quase insignificante, se poderia dizer. As pálpebras tremiam, nervosas.

— Ah, obrigada — disse Miss Marple. — É só esta mala. Percebeu que o rapaz, em vez de pegar a mala, chamou com o

dedo um carregador que passá-la por perto, empurrando uns caixotes em cima de um carrinho.

— Venha cá, por favor — pediu, acrescentando pomposamente: — É para Stonygates.

— Tá certo. Não demoro — respondeu o carregador, bem humorado.

Miss Marple achou que essa resposta não tinha agradado ao seu novo conhecido. Era como se o palácio de Buckingham fosse preterido por um cortiço qualquer.

— Essas estradas ferroviárias estão cada dia mais impossíveis! — exclamou ele. E indicando a saída para Miss Marple, explicou: — Meu nome é Edgar Lawson. Mrs.

Serrocold me pediu para vir buscá-la. Eu ajudo Mr. Serrocold no trabalho dele.

Havia novamente na leve insinuação de que um homem ocupado e importante tinha graciosamente acedido em adiar assuntos importantes por puro espírito de cavalheirismo com a mulher do patrão.

E, mais uma vez, a impressão não era totalmente convincente possuía um sabor teatral.

Miss Marple começou a desconfiar de Edgar Lawson.

Saíram da estação e Edgar encaminhou a velhota para o lado de um Ford V-8 já meio vetusto.

— A senhora vai na frente comigo ou prefere o banco de trás? — estava perguntando quando aconteceu um imprevisto.

Um Rolls-Bentley novo, cintilante, de dois lugares, entrou roncando no pátio da estação e parou na frente do Ford. Uma moça lindíssima saltou do volante e aproximou-se deles. O fato de usar calça de veludo cotelê suja e camisa esporte aberta no pescoço parecia de certo modo realçar o fato de que era não apenas bela como também acostumada ao luxo.

— Você já está aí, Edgar? Pensei que eu não chegaria a tempo. Pelo que vejo já encontrou Miss Marple. Vim buscá-la. — Sorriu de um modo deslumbrante para Miss Marple, mostrando uma fileira de dentes perfeitos no rosto meridional bronzeado de sol. — Eu sou a Gina — disse. — A neta de Carrie Louise. Como foi a

viagem? Simplesmente horrenda? Ah, mas que linda sacola de alça. Adoro sacolas de alça.

Deixa que eu levo junto com os casacos e aí fica mais fácil para a senhora entrar.

Edgar avermelhou. E protestou.

— Escuta aqui, Gina, eu vim buscar Miss Marple. Já estava tudo combinado...

Os dentes brilharam de novo naquele largo sorriso indolente.

— Ah, eu sei, Edgar, mas de repente achei que seria bom eu também vir. Vou levá-la comigo enquanto você espera aqui para trazer a bagagem.

Bateu a porta contra Miss Marple, correu ao outro lado do carro, subiu para o assento da direção e saíram chispando da estação.

Virando-se para trás, Miss Marple viu a cara de Edgar Lawson.

— Minha querida — disse ela, — acho que Mr. Lawson não ficou muito contente.

Gina riu.

— O Edgar é um tremendo idiota — disse. — Sempre tão pomposo a respeito de tudo. A gente até seria capaz de pensar que ele é importante! — E ele não é? — perguntou Miss Marple.

— O Edgar? — Havia uma ponta de crueldade inconsciente no riso escarninho de Gina. — Ah, ele não passa de um doido.

— Doido? — Todo mundo é doido em Stonygates — respondeu Gina. — Não quero dizer Lewis, vovó, eu e os rapazes... nem tampouco Miss Bellever, lógico. Mas os outros.

Às vezes tenho a impressão de que eu mesma ainda vou acabar doida morando lá.

A própria tia Mildred sai por aí caminhando e falando sozinha o tempo todo... e a gente não espera que a viúva de um cônego faça isso, não é? Desviaram-se das proximidades da estação e seguiram rápido pela plana superfície da estrada deserta. Gina olhou de relance para a companheira.

— A senhora foi colega de vovó, não é? Parece tão estranho.

Miss Marple sabia muito bem o que ela queria dizer. A juventude acha esquisitíssimo que a velhice possa ter sido jovem,

usado tranças e lutado com decimais e literatura inglesa.

— Já deve fazer muito tempo — continuou Gina, com a voz cheia de respeito e não querendo, evidentemente, ser grosseira.

— Faz, sim — disse Miss Marple. — Garanto que você sente isso mais comigo do que com sua avó, não? Gina concordou com a cabeça.

— Que amor a senhora dizer isso. Vovó, sabe, dá uma curiosa sensação de não ter idade.

— Faz séculos que não a vejo. Será que mudou muito? — O cabelo dela, naturalmente, ficou grisalho — respondeu Gina, de um modo vago. — E tem que andar de bengala por causa do artrismo. De uns tempos para cá piorou muito. Suponho que... — Interrompeu a frase e depois perguntou: — A senhora já esteve em Stonygates? — Não, nunca. Mas ouvi falar muito a respeito, claro. — É um lugar bem horrendo, mesmo — disse Gina, pensativa. — Uma espécie de monstruosidade gótica. O que Steve chama de Melhor Estilo Sanitário Vitoriano. Mas não deixa de ser interessante, até certo ponto. Só que evidentemente todo mundo mantém uma seriedade louca e se tropeça com psiquiatras por tudo quanto é canto. Divertindo-se feito doidos. Meio parecidos com chefes de escoteiros, só que ainda pior. Alguns dos jovens transviados são umas gracinhas. Teve um que me ensinou a abrir cadeados com um pedaço de arame e outro com cara de anjo, que me deu uma série de informações sobre a melhor forma de esbordoar pessoas.

Miss Marple estremeceu um pouco com essa última informação.

— É dos assassinos que eu gosto mais — continuou Gina. — Os esquisitões não me agradam muito. Lógico que Lewis e o Dr. Maverick acham que todos são esquisitões — quer dizer, eles acham que se trata de desejos reprimidos e uma vida familiar desequilibrada, as mães fugindo com soldados e tudo mais. Eu não concordo com isso, porque tem gente que comeu fogo em casa e no entanto terminou sendo respeitável.

— Estou certa de que deve ser um problema difícilíssimo — disse Miss Marple.

Gina riu, mostrando de novo os belíssimos dentes.

— Não me preocupo muito com isso. Creio que tem gente com uma espécie de impulso para melhorar o mundo. Lewis é completamente maluco por essa história toda... semana que vem ele pretende ir a Aberdeten só porque lá vai haver um julgamento no tribunal... um rapaz que já foi sentenciado cinco vezes.

— E aquele moço que veio me buscar na estação? Mr. Lawson. Ele me disse que ajuda Mr. Serrocold. É secretário dele? — Ah, o Edgar não tem cabeça para ser secretário. É um caso sério, mesmo.

Se hospedava em hotéis, fingia que era piloto de guerra, condecorado com a Cruz da Vitória, depois pedia dinheiro emprestado e sumia. Acho que ele não vale nada.

Mas o Lewis passa todos eles por uma espécie de rotina. Faz com que se sintam membros da família, lhes dá serviço e tudo mais, para encorajar seu senso de responsabilidade. Tenho a impressão de que qualquer dia destes ainda seremos assassinados por um deles.

Gina riu alegremente. Miss Marple não achou graça. Cruzaram por um portão imponente, onde um porteiro montava guarda numa postura militar, e subiram por um caminho ladeado por azáleas. Tudo estava muito mal cuidado e os jardins pareciam abandonados.

Adivinhando o pensamento da companheira, Gina comentou: — Não havia jardineiros durante a guerra e depois nunca mais ligamos. Mas isto aqui de fato está com um aspecto terrível.

Contornaram uma curva e Stonygates surgiu em todo o seu esplendor. Era tal como Gina tinha dito: É uma vasta mansão do gótico vitoriano — uma espécie de monumento à plutocracia. A filantropia adicionara-lhe várias alas e prédios anexos que, embora de estilo não totalmente diverso, destruíra qualquer coesão ou finalidade de conjunto da estrutura.

— Medonho, não acha? — disse Gina, com carinho. Lá está vovó no terraço. Vou parar aqui para a senhora poder ir falar com ela.

Miss Marple avançou pelo terraço, em direção à sua velha amiga.

Vista de longe, aquela silhueta magra causava uma estranha impressão juvenil, apesar da bengala em que se apoiava e do passo

lento e flagrantemente penoso.

Parecia uma garota se esforçando para imitar uma velha.

— Jane — exclamou Mrs. Serrocold.

— Minha cara Carrie Louise. Sim, não havia dúvida — Carrie Louise.

Estranhamente imutável, estranhamente moça ainda, embora, ao contrário da irmã, não usasse cosméticos nem auxílios artificiais para manter a juventude. O cabelo estava grisalho, mas sempre fora de um louro prateado e a cor pouco mudara. A pele, apesar de enrugada, continuava nacarada como pétala de rosa. Os olhos conservavam a mesma expressão de cintilante inocência. Mantinha o corpo esbelto de uma jovem, a cabeça levemente inclinada, atenta como um pássaro.

— A culpa é toda minha — disse Carrie Louise naquela voz meiga -, por ter deixado passar tanto tempo assim. Faz anos que não te vejo, minha querida Jane.

Que bom que você veio finalmente nos visitar aqui.

Da ponta do terraço Gina gritou: — É melhor a senhora entrar, vovó. Está esfriando... e a Jolly vai ficar danada.

Carrie Louise deu uma risadinha aguda.

— Todo mundo se preocupa tanto comigo — disse.

Até parece que sou velha.

— Coisa que você não se sente.

— Não me sinto, não, Jane. Apesar de todas as minhas dores e achaques... que não são poucos. Por dentro continuo me sentindo uma garota como Gina. Acho que todo mundo é assim. O espelho mostra como a gente envelhece, mas ninguém acredita. Parece que foi ontem que estivemos em Florença. Lembra-se de Fraulein Schweich e suas botas? As duas velhas começaram a rir de coisas acontecidas meio século atrás.

Dirigiram-se a uma porta lateral. Na soleira, uma mulher magra, já de idade, as esperava. Tinha nariz arrogante, cabelos curtos e usava um costume de mescla grossa bem talhado.

— Mas que loucura, Cara — ralhou, enérgica -, ficar aí fora até essa hora. Você é absolutamente incapaz de se cuidar. O que dirá

Mr. Serrocold? — Não me censure, Jolly — implorou Carrie Louise. Apresentou-a a Miss Marple.

— Esta é Miss Bellever, que simplesmente faz tudo por mim. É enfermeira, dragão, cão de guarda, secretária, governanta e amiga fidelíssima.

Juliet Bellever fungou e a ponta do narigão ficou meio rosada — indício de emoção.

— Faço o que posso — explicou, mal-humorada. — Esta casa é um hospício.

Simplesmente não dá para se ter ordem.

— Claro que não dá, minha querida Jolly. Nem sei por que você ainda teima.

Onde Miss Marple vai ficar? — No Quarto Azul. Quer que a leve até lá em cima? perguntou Miss Bellever.

— Sim, por favor, Jolly. E depois venham tomar chá.

Acho que hoje será servido na biblioteca.

O Quarto Azul tinha grossas cortinas de um belo brocado azul desbotado que, na opinião de Miss Marple, já deviam ter uns cinquenta anos de uso. Os móveis, grandes e sólidos, bem como a vasta cama de quatro colunas, eram de mogno, Miss Bellever abriu a porta que dava para o banheiro — inesperadamente moderno, cor de orquídea e cheio de metais cintilantes.

— John Restarick mandou instalar dez banheiros na casa quando casou com Cara — comentou, carrancuda. — O encanamento é praticamente a única coisa que foi modernizada, Ele nem quis saber de alterar o resto... disse que tudo era uma perfeita peça de museu. Não o conheceu? — Não, nunca nos encontramos. Mrs. Serrocold e eu também raramente nos vemos, apesar de sempre nos correspondermos.

— Era um sujeito simpático — disse Miss Bellever.

Não que valesse alguma coisa, é lógico! Não prestava para nada. Mas agradável para se conviver. Tinha muito charme. As mulheres eram loucas por ele.

Isso o botou a perder. Não era mesmo o tipo de Cara. — E reassumindo bruscamente sua maneira prática, acrescentou: — A camareira pode abrir-lhe as malas. Quer se refrescar um pouco

antes do chá? Diante da resposta afirmativa, avisou que Miss Marple a encontraria à espera junto da escada.

Miss Marple entrou no banheiro, lavou as mãos e enxugou-as com certo nervosismo numa lindíssima toalha cor de orquídea. Depois tirou o chapéu e ajeitou os fofos cabelos brancos.

Abrindo a porta, deparou com Miss Bellever à sua espera. Desceram juntas a grande escada sombria, atravessaram um vasto corredor escuro, até chegar a uma sala repleta de estantes de livros que tocavam no teto e com uma janela ampla que dava para um lago artificial.

Carrie Louise estava parada à janela. Miss Marple foi ao seu encontro — Que casarão mais imponente — disse. — Sinto-me perdida aqui dentro.

— Sim, eu sei. E francamente ridículo. Foi construído por um próspero fabricante de ferro... ou coisa parecida. Pouco tempo depois ele entrou em falência. Não é de admirar mesmo. Tinha umas quatorze salas... todas imensas. Nunca pude entender o que as pessoas querem com mais de uma sala de estar. E todos estes quartos descomunais. Quanto espaço desperdiçado. O meu chega a intimidar... e a distância que se tem de percorrer da cama até o toucador! E aquelas cortinas pesadíssimas, vermelho escuro.

— Não mandou modernizar e redecorar? Carrie Louise pareceu meio surpresa.

— Não. De modo geral continua tal como era quando vim morar aqui com Eric.

Foi pintado de novo, é claro, mas da mesma cor de antes. Mas isso de fato não tem importância, não é? Quero dizer, não vejo necessidade de se gastar tanto dinheiro numa coisa dessas quando há outras muito mais importantes.

— Então não houve grandes mudanças na casa? — Ah, sim... aos montes. Nós deixamos apenas uma espécie de bloco no meio tal como era... o salão de entrada e as peças em torno. São as melhores e Johnnie — o meu segundo marido — ficou encantado com elas e disse que nunca deveriam ser tocadas ou alteradas... e ele naturalmente era um artista, um cenógrafo e entendia do assunto. Mas as alas leste e oeste. foram inteiramente reformadas.

Todas as peças repartidas e divididas, para se ter escritórios, quartos para os professores e tudo mais. Os rapazes ficam no prédio do Colégio. .. daqui dá para ver.

Miss Marple olhou na direção indicada. Entreviam-se amplas construções de tijolo vermelho no meio de árvores copadas. Depois enxergou algo mais perto e sorriu de leve.

— Que moça bonita que a Gina é — disse.

O rosto de Carrie Louise se iluminou todo. — Não é mesmo? — murmurou. — E tão bom tê-la de novo aqui conosco. Mandei que fosse para a América quando a guerra começou... para ficar com Ruth. A Ruth não falou nada sobre ela? — Não. No máximo mencionou-a.

Carrie Louise suspirou.

— Pobre Ruth! Ela se aborreceu tanto com o casamento da Gina. Mas já cansei de lhe repetir que não teve a mínima culpa. A Ruth, ao contrário de mim, não compreende que as velhas barreiras e convenções sociais não existem mais... ou estão caindo por terra.

Gina colaborava nos esforços de guerra quando conheceu o tal rapaz. Era fuzileiro naval, com excelente folha de serviços. Uma semana depois, estavam casados. Claro que tudo aconteceu muito rápido, sem dar tempo de verificar se combinavam de gênio... mas hoje em dia as coisas são feitas assim mesmo. A juventude é dona do próprio nariz. A gente pode achar que não sabem o que fazem, mas tem que aceitar as decisões que tomam. Ruth, porém, ficou tremendamente aborrecida.

— Julgou que o rapaz não convinha? — Não. parava de repetir que ninguém sabia nada a respeito dele. Era do meiooeste, não tinha dinheiro... e muito menos profissão. Existem por aí centenas de rapazes nessas mesmas condições... mas Ruth achou que Gina merecia coisa melhor. O fato, porém, estava consumado. Fiquei tão contente quando Gina aceitou meu convite para vir para cá com o marido. Aqui tem tanta coisa para se fazer...

empregos de todo tipo, e se o Walter quiser se especializar em medicina, tirar um diploma ou qualquer outra coisa, não há nada que o impeça neste país. Afinal de contas, esta é a casa de

Gina. E maravilhoso tê-la de volta... uma criatura tão afetuosa, alegre e cheia de vida entre nós.

Miss Marple concordou com a cabeça e olhou de novo para o casal parado perto do lago.

— Os dois também formam um par muito bonito — disse. — Não me admiro que Gina se apaixonasse por ele! — Ah, mas aquele. .. aquele não é Wally. — De repente surgiu uma ponta de constrangimento, ou discrição, na voz de Mrs. Serrocold. — É Steve... o mais moço dos dois filhos de Johnnie Restarick. Quando Johnnie... quando ele foi embora, os meninos não tinham onde passar as férias, de modo que sempre fiquei com eles aqui. Consideram Stonygates um verdadeiro lar. E Steve agora reside permanentemente aqui. Dirige o nosso departamento de arte dramática. Temos um teatro, sabe, e montamos peças... para estimular as vocações artísticas. Lewis diz que grande parte dos crimes da juventude provém do exibicionismo, que a maioria dos rapazes teve uma vida de família tão infeliz e frustrada que começam a assaltar e roubar só por espírito de aventura. Nós os animamos a escrever peças, a interpretá-las e a projetar e pintar os próprios cenários. Steve se encarrega do teatro. Ele é tão entusiasmado. E formidável a vitalidade que ele imprime à coisa toda.

— Sei — disse Miss Marple, pensativa.

Era capaz de enxergar a grandes distâncias (como muitos de seus vizinhos no povoado de St. Mary Mead já tinham aprendido à própria custa) e via, com nítida clareza, a bonita cara morena de Stephen Restarick parado de frente para Gina, falando animadamente. Não dava para divisar o rosto de Gina, que estava de costas, mas a expressão na fisionomia de Stephen Restarick era inequívoca.

— Não tenho nada a ver com isso — disse Miss Marple -, mas você decerto já percebeu, Carrie Louise, que aquele rapaz está apaixonado por ela.

— Oh não... — Carrie Louise pareceu inquieta. — Não é possível. Tomara que não...

— Você sempre andou com a cabeça nas nuvens, minha querida. Quanto a isso não há dúvida.

## Capítulo Quatro



Antes que Mrs. Serrocold pudesse retrucar, seu marido entrou na biblioteca com um punhado de cartas abertas na mão.

Lewis Serrocold era baixo, de aspecto nada marcante, mas de uma personalidade que se destacava em seguida. Ruth certa vez tinha dito que parecia mais um dínamo do que um ser humano. Em geral concentrava-se por completo no que fazia, sem prestar atenção aos objetos ou pessoas que o cercassem.

— Uma notícia desagradável, meu bem — disse. — Aquele rapaz, Jackie Flint. Fez de novo das suas. E eu que realmente achei que desta vez, se tivesse uma verdadeira oportunidade, ele se emendaria. Você sabe que descobrimos que ele sempre gostou muito de estradas de ferro... “e tanto o Maverick como eu pensamos que se ele arrumasse um emprego por lá, terminava ficando e dando tudo certo”.

Mas é a velha história. Um furto sem importância na seção de encomendas. Nem sequer uma coisa que ele pudesse querer ou vender. Isso prova que deve ser psicológico. Ainda não atinamos com a causa do problema. Mas eu não desisto.

— Lewis... esta é a minha velha amiga Jane Marple. — Ah, como vai? — disse Mr.

Serrocold, distraído. Muito prazer... vão processá-lo, naturalmente. E um rapaz tão bonzinho, não muito inteligente, mas bonzinho mesmo. Também, teve uma família abominável. Eu...

De repente parou e atentou para a hóspede.

— Mas Miss Marple, estou encantado em tê-la conosco por uns tempos. Fará uma diferença tão grande para Caroline contar

com uma amiga de longa data para trocar recordações. Ela, em vários sentidos, pouco se distrai aqui... há tanta tristeza nas histórias desses pobres garotos. Faço votos para que fique muito tempo conosco.

Miss Marple sentiu o magnetismo e compreendeu como devia ter sido atraente para sua amiga. Que Lewis Serrocold era um homem que sempre colocaria causas antes das pessoas, ela não duvidava nem um pouco. Isso podia irritar certas mulheres, mas não Carrie Louise.

Lewis Serrocold separou outra carta.

— Em todo caso, também trago boas notícias. Esta é do Wiltshire & Somerset Bank. O jovem Morris vai indo muito bem. Estão plenamente satisfeitos com ele e será até promovido no mês que vem. Eu sabia que ele só precisava de um cargo de responsabilidade — isso é uma perfeita compreensão da maneira de lidar com dinheiro e o que ele significa.

Virou-se para Miss Marple.

— Metade desses rapazes não sabe o valor do dinheiro. Para eles significa poder ir ao cinema, às corridas de cães ou comprar cigarros... são espertos para algarismos e acham emocionante fazer trapanças com eles. Pois eu acredito em...

como direi? . . . esfregar-lhes o troço no nariz... treiná-los em contabilidade, em cifras... mostrar-lhes o lado romântico do dinheiro, por assim dizer. Dar-lhes a habilidade e depois a responsabilidade... deixar que lidem oficialmente com ele.

Nossos maiores sucessos foram obtidos assim... de trinta e oito, apenas dois nos decepcionaram. Um era caixa de farmácia... um cargo de suma responsabilidade...

Interrompeu a frase para anunciar à esposa: — O chá já está na mesa, meu bem.

— Pensei que íamos tomá-lo aqui. Avisei a Jolly.

— Não, é no salão. Todo mundo já está lá.

— Pensei que não ia ter ninguém.

Carrie Louise enfiou o braço no de Miss Marple e dirigiram-se ao salão de entrada. O chá parecia meio destoante daquele cenário. Os acessórios tinham ficado empilhados a esmo na bandeja

— xícaras brancas comuns misturadas com remanescentes de serviços de chá Rockingham & Spode. Havia pão, dois potes de geleia e uns bolinhos baratos, de aspeto pouco apetitoso.

Uma gorducha de meia-idade e cabelos grisalhos estava sentada atrás da mesa.

— Esta é Mildred, Jane — disse Mrs. Serrocold. — Minha filha Mildred. A última vez que você a viu ela era bem pequena.

Mildred Strete era a pessoa mais de acordo com a casa que Miss Marple tinha visto até então. Parecia próspera e toda digna. Casara quase aos quarenta anos com um cônego da igreja anglicana e agora era viúva. Dava a impressão exata de ser isto mesmo: a viúva de um cônego, respeitável e levemente apática. Uma criatura sem graça, de largo rosto inexpressivo e olhar parado. Miss Marple achou que devia ter sido muito feia quando criança.

— E este é Wally Hudd — o marido de Gina.

Wally era um rapaz grandalhão de cabelo escovinha e ar emburrado.

Cumprimentou sem jeito com a cabeça e continuou a encher a boca de bolo.

Dali a pouco chegou Gina com Stephen Restarick. Estavam muito animados.

— A Gina teve uma ideia fabulosa para o pano de fundo — disse Stephen. — Sabe, Gina, você tem verdadeira vocação para cenógrafa teatral.

Gina riu, toda contente. Edgar Lawson entrou e sentou ao lado de Lewis Serrocold. Quando Gina lhe dirigia a palavra, fingia não ouvir.

Miss Marple achou tudo meio desconcertante e deu graças a Deus de se recolher ao quarto para se deitar depois do chá.

À hora do jantar havia ainda mais gente. O jovem Dr. Maverick, que era psiquiatra ou psicólogo — Miss Marple não entendia bem a diferença — e cuja conversa, utilizando quase que exclusivamente a terminologia técnica da sua profissão, foi-lhe praticamente ininteligível. Havia também dois rapazes de óculos que deviam ser professores, um tal de Mr. Baumgarten, terapêuta ocupacional, e três garotos muito tímidos que estavam cumprindo a

sua semana de "hóspedes da casa". Um deles, louro, de olhos bem azuis era, segundo Gina cochichou-lhe, o especialista das "bordoadas".

A comida não estava especialmente apetitosa. Preparada sem capricho e servida no mesmo estilo. A variedade de trajes era grande. Miss Bellever usava vestido preto de gola alta, Mildred Strete, um longo coberto por blusa de lã. Carrie Louise tinha posto uma saia curta de lã cinza — Gina estava resplandecente numa espécie de chemisier. Wally, como Stephen Restarick, não trocara de roupa. Edgar Lawson vestia um discreto temo azul-marinho. Lewis Serrocold trajava o dinner jacket convencional. Comeu muito pouco, mal parecendo reparar no que havia no prato.

Depois do jantar Lewis Serrocold e o Dr. Maverick retiraram-se para o escritório deste último. O terapeuta ocupacional e os professores foram para os seus quartos.

Os três "problemas" voltaram ao colégio. Gina e Stephen dirigiram-se ao teatro, para discutir a ideia de Gina para um cenário. Mildred tricotou um agasalho qualquer e Miss Bellever cerziu meias. Wally sentou numa cadeira meio inclinada para trás e ficou olhando as moscas. Carrie Louise e Miss Marple falaram sobre os velhos tempos. A conversa parecia estranhamente irreal.

Só Edgar Lawson dava impressão de não ter o que fazer. Não parava de sentar e levantar.

— Será que não devia ir procurar Mr. Serrocold?, perguntou em voz bastante alta. — Talvez precise de mim.

— Ah, acho que não — respondeu Carrie Louise afável. — Ele já tinha combinado que hoje ia tratar de uns assuntos com Maverick.

— Então não vou atrapalhar! Longe de mim meter o bedelho onde não fui chamado. Já basta o tempo que perdi indo à estação quando Mrs. Hudd também pretendia ir.

— Ela devia ter-lhe avisado — disse Carrie Louise.

Mas parece que resolveu à última hora.

— A senhora sabe Mrs. Serrocold, ela me fez bancar o palhaço! Um verdadeiro palhaço! — Não, não — protestou Carrie Louise, sorrindo. — Nem diga uma coisa dessas.

— Eu sei que ninguém precisa nem gosta de mim... Sei muito bem disso. Se a situação fosse diferente... se eu tivesse vencido na vida, a coisa mudaria de figura.

Mudaria, mesmo. Se não venci, a culpa não é minha. .

— Ora, Edgar — disse Carrie Louise. — Não se amofine por tão pouco. Jane acha que você foi muito amável em ir buscá-la. A Gina sempre tem dessas venetas... ela não fez por mal.

— Que nada. Fez sim. Foi de propósito... só para me humilhar...

— Ah, Edgar...

— A senhora não sabe a metade do que está acontecendo. Mrs. Serrocold. Mas é melhor eu calar a boca. Boa noite.

E saiu, batendo a porta com estrondo.

— Que falta de educação — rosnou Miss Bellever.

— Ele é tão suscetível — comentou vagamente Carrie Louise.

Mildred Strete estalou as agulhas e afirmou ríspida: — Para mim ele não passa de uma criatura detestável. A senhora não devia aturar um comportamento desses, mamãe.

— Lewis diz que ele é assim mesmo.

— Ninguém tem o direito de ser grosseiro — retrucou Mildred, implacável. — Se bem que a culpa seja toda da Gina. Ela não pensa um segundo antes de agir. Só sabe criar problemas. Uma hora encoraja o rapaz e depois o ignora. O que é que se pode esperar? Wally Hudd abriu a boca pela primeira vez durante a noite.

— Esse cara é doido — disse. — Mais nada. Doido varrido!

No quarto, antes de dormir, Miss Marple procurou analisar a situação em Stonygates, mas ainda estava demasiado confusa. As impressões eram contraditórias — e não dava para dizer se justificariam as preocupações de Ruth Van Rydock. Não lhe parecia que Carrie Louise estivesse sendo atingida pelo que ocorria ao seu redor. Stephen se apaixonara por Gina — e nada garantia que fosse correspondido. Walter Hudd, evidentemente, não estava achando graça na história.

Isso era uma coisa possível e passível de acontecer em qualquer lugar a toda hora.

Não tinha, infelizmente, nada de extraordinário. Terminava sempre em divórcio, com todo mundo recomeçando da estaca zero — caso houvesse possibilidades para tanto. Mildred Strete sentia, sem dúvida, ciúmes de Gina e não gostava dela. Mas Miss Marple achou que era perfeitamente natural.

Refletiu sobre o que Ruth Van Rydock lhe havia dito. A decepção de Carrie Louise por não ter filhos — a adoção da pequena Pippa — e depois a descoberta de que, afinal de contas, estava grávida.

— Isso é muito comum — afirmara o médico de Mrs Marple. — A tensão, talvez, passe e aí a natureza se encarrega do resto. E acrescentou que geralmente quem sai perdendo é o filho adotivo.

Mas não nesse caso. Tanto Gulbrandsen como a mulher adoravam a pequena Pippa. Conquistara-os de uma maneira definitiva demais para ser posta de lado.

Gulbrandsen já era pai. A paternidade não significava nenhuma novidade para ele.

Os anseios maternos de Carrie Louise haviam sido aplacados por Pippa. A gravidez foi incômoda e o parto, propriamente dito, difícil e demorado. Era provável que Carrie Louise, que nunca se abalara com a realidade, se ressentisse desse primeiro contato com ela.

Eis ali, portanto, duas meninas em fase de crescimento, uma linda e vivaz, a outra feia e apática. O que era outra vez, segundo Miss Marple, perfeitamente natural. Pois quando se adota uma filha, prefere-se que seja bonita. E embora Mildred pudesse ter tido a sorte de sair aos Martins, que produziram a bela Ruth e a graciosa Carrie Louise, a natureza decidiu que sairia aos Gulbrandsen, que eram grandes, lerdos e irremediavelmente feios.

Além disso, Carrie Louise fazia questão que a filha adotiva jamais se sentisse relegada ao segundo plano; por isso mostrava-se excessivamente indulgente com Pippa, e às vezes injusta com Mildred.

Pippa casou e partiu para a Itália, e Mildred, durante algum tempo, tinha sido a única filha da casa. Mas depois Pippa morreu e Carrie Louise trouxe a netinha para morar em Stonygates; mais

uma vez Mildred ficou preterida. Houve o novo casamento — os filhos de Restarick. Em 1934 Mildred casou com o cônego Strete, arqueólogo erudito, quase quinze anos mais velho que ela, e foi morar no sul da Inglaterra. Tinha sido feliz, provavelmente — mas sabe-se lá. Não tiveram filhos. E agora ei-la de volta à mesma casa em que se criara. E outra vez, segundo Miss Marple, não especialmente satisfeita com isso.

Gina, Stephen, Wally, Mildred, Miss Bellever — que gostava de ver tudo em ordem e não conseguia limpá-la. Lewis Serrocold, radiante de alegria, levando a vida que pedira a Deus: o idealista capaz de converter Seus ideais em medidas práticas. Em nenhuma dessas personalidades Miss Marple encontrava o que as palavras de Ruth faziam crer que encontraria. Carrie Louise parecia estar em segurança, longe do centro da voragem — como sempre estivera, a vida inteira. O que era, então, que Ruth havia percebido de errado naquela atmosfera? Será que ela, Jane Marple, também havia percebido? E o que dizer das outras pessoas, mais alheias à voragem? — os terapeutas ocupacionais, os professores, rapazes sérios, inofensivos; do jovem e seguro Dr. Maverick; dos três delinquentes juvenis, tão rosados, com olhar inocente — de Edgar Lawson? . .

E aqui, pouco antes de pegar no sono, os pensamentos de Miss Marple se detiveram e começaram a girar, especulativamente, em torno da figura de Edgar Lawson. Edgar Lawson lembrava-lhe alguém ou algo. Havia qualquer coisa estranha nele — talvez mais do que isso. Edgar Lawson era um desajustado — como estava na moda dizer. Mas que relação isso poderia ter com Carrie Louise? Miss Marple sacudiu, mentalmente, a cabeça.

Não era só isso que a preocupava.

## Capítulo Cinco

Na manhã seguinte, esquivando-se gentilmente da dona da casa, Miss Marple saiu a andar pelos jardins. Encontrou-os num estado deplorável. Já tinham tido a ambição de ser memoráveis.

Tufos de azáleas, suaves encostas cobertas de grama, cercas formadas por folhagens, sebes aparadas ao redor de um canteiro de rosas.

Agora estava tudo praticamente abandonado: a grama cortada com desleixo, as cercas repletas de ervas daninhas, com as flores se enredando e lutando no meio delas, os passeios recobertos de musgo e esquecidos. A horta, em compensação, fechada por muros de tijolo vermelho, parecia luxuriante e bem suprida.

Provavelmente porque tinha um valor utilitário. Assim, também, boa parte do que antigamente era gramado e canteiros de flor estava agora gradeada e transformada em quadras de tênis e cancha de bocha.

Examinando a folhagem das cercas, Miss Marple estalou a língua, irritada: arrancou um galho de tasneira.

Enquanto ficava ali parada com aquilo na mão, Edgar Lawson surgiu-lhe pela frente. Ao ver Miss Marple, estacou, hesitante. Miss Marple não pretendia deixá-lo escapar. Chamou-o, incisiva. Quando se aproximou, perguntou-lhe se sabia onde estavam guardadas as ferramentas de jardinagem.

Edgar respondeu vagamente que quem podia lhe dizer isso era o jardineiro que devia andar por ali.

— É uma lástima ver uma cerca abandonada deste jeito — resmungou Miss Marple. — Gosto tanto de jardins.

E como não tinha nenhuma intenção de dar a Edgar a oportunidade de ir lhe buscar qualquer utensílio necessário, continuou logo: — É praticamente a única coisa que uma velha inútil encontra para se distrair.

Mas não creio que o senhor, Mr. Lawson, se preocupe com essas coisas. Com tanto trabalho de verdade e importância para fazer. Ocupando uma posição de responsabilidade aqui, com Mr. Serrocold. Deve achar tudo interessantíssimo.

— Sim, sim, de fato acho — respondeu ele rápido, quase apressado.

— E deve prestar uma ajuda inestimável a Mr. Serrocold. O rosto dele se anuviou.

— Sei lá. Não tenho certeza. É o que está por trás de tudo...

Deixou o resto da frase no ar. Miss Marple observava-o, pensativa. Um rapaz baixinho, patético, num simples terno escuro. Um jovem que poucos se dariam o trabalho de olhar duas vezes ou se lembrariam de ter visto...

Havia um banco por perto. Miss Marple encaminhou-se, displicente, para ele e sentou-se. Edgar permaneceu de pé, carrancudo, à sua frente.

— Estou certa — disse Miss Marple, toda animada de que Mr. Serrocold confia muito no senhor.

— Não sei, não — retrucou Edgar. — Francamente, não sei. — Franziu a testa e sentou, meio distraído, ao lado dela.

— Encontro-me numa situação bem difícil.

— Lógico — disse Miss Marple.

O jovem Edgar ficou com o olhar parado no vácuo.

— O que vou lhe contar é uItrassigiloso — avisou de repente.

— Lógico — repetiu Miss Marple.

— Se eu usasse dos meus direitos...

— Sim?

— É melhor dizer logo... Promete não espalhar para ninguém?

— Claro que prometo.

Reparou, porém, que ele não estava interessado na resposta.

— Meu pai... olha, meu pai é um homem muito importante.

Desta vez não tinha necessidade de fazer comentários.

Bastava escutar.

— Ninguém sabe, a não ser Mr. Serrocold. O caso é que, se a história transpirar, meu pai poderia sair prejudicado. Virou-se para ela. Sorriu. Um sorriso cheio de tristeza e dignidade. — Que sou filho de Winston Churchill, compreende?

— Ah! — exclamou Miss Marple —, compreendo, sim. E compreendia mesmo.

Lembrou-se de uma história bastante lamentável, acontecida em St. Mary Mead... e do jeito que tinha terminado.

Edgar Lawson continuou falando — de um modo que até parecia um trecho de diálogo de peça teatral.

— Havia motivos. Minha mãe não era livre. O marido dela tinha sido internado no hospício... os dois não podiam se divorciar... o casamento estava fora de cogitação.

Não posso, realmente, culpá-Ias. Ao menos acho que não posso... Ele sempre fez o que pôde. Discretamente, claro. E foi assim que começaram a surgir os problemas.

Ele tem muitos inimigos... que também me odeiam, é lógico. Conseguiram nos manter separados. Cuidam de tudo o que eu faço. Onde quer que eu vá, lá estão eles me espionando. E dão um jeito para que nada dê certo comigo.

Miss Marple sacudiu a cabeça.

— Que coisa, não é? — murmurou.

— Em Londres eu estava estudando para ser médico. Eles mexeram nas minhas provas... alteraram as respostas. Queriam que eu fosse reprovado. Seguiam-me pela rua. Inventavam coisas a meu respeito para a senhoria.. Perseguem-me por tudo quanto é parte.

— Ah, mas disso o senhor não pode ter certeza — disse Miss Marple, para acalmá-lo.

— Estou lhe dizendo que sei! Ah, são espertíssimos. Nunca consigo vê-Ios nem descobrir quem são. Mas um dia ainda descubro. .. Mr. Serrocold me tirou lá de Londres e me trouxe pra cá. Ele foi camarada... muito camarada. Mas mesmo aqui, sabe, não estou seguro. Eles também andam por aqui. Trabalhando contra mim.

Fazendo os outros antipatizarem comigo. Mr. Serrocold diz que não é verdade...

mas Mr. Serrocold não sabe. Ou então... será... às vezes penso que...Não concluiu a frase. Levantou-se.

— Tudo isso é ultrassigiloso — repetiu. — A senhora compreende, não é? Mas se notar alguém me seguindo... espionando, quero dizer... talvez possa me informar quem é! Afastou-se, então — simples, patético, insignificante. Miss Marple ficou olhando-o, pensativa...

— Maluco — disse uma voz. — Simplesmente maluco.

Walter Hudd estava parado a seu lado, de mãos no bolso e seguindo com os olhos, carrancudo, o vulto de Edgar que se afastava. .

— Que espécie de lugar é este, afinal? — comentou. Todo mundo aqui está precisando de camisa de força. Todos, sem exceção.

Miss Marple continuou calada, deixando Walter falar.

— Esse tal de Edgar... o que é que a senhora acha? Diz que o pai dele é mesmo o Marechal Montgomery. Parece-me pouco provável. Logo o Monty! Não com tudo o que ouvi falar a respeito dele.

— De fato — concordou Miss Marple. — Não parece nada provável.

— Ele contou uma coisa bem diferente pra Gina... uma besteira qualquer sobre ser o legítimo pretendente ao trono russo... disse que era filho de não sei que Grão— Duque. Que diabo, será que esse sujeito nem sabe direito quem foi o pai dele? — Tenho a impressão de que não — disse Miss Marple.

— Vai ver que é esse justamente o problema.

Walter sentou ao lado dela, deixando cair o corpo num movimento flexível. E repetiu: — Todo mundo aqui está precisando de camisa de força. — O senhor não gosta de Stonygates? O rapaz fechou a cara.

— Simplesmente não entendo... só isso! Não entendo. Veja este lugar, por exemplo... a casa... esse negócio todo. Essa gente é rica. Não precisa de dinheiro...

tem de sobra. E espie só como vivem. Porcelana antiga rachada e material ordinário, tudo misturado. Os criados não estão habituados a servir pessoas finas...

são contratados ao acaso, sem nenhum critério. As tapeçarias, cortinas e panos que cobrem os móveis... é tudo de cetim brocado, e não sei que mais... e caindo aos pedaços! O chá vem em grandes bules de prata e, quando se vê... estão amarelados e manchados por falta de limpeza. Mrs. Serrocold simplesmente nem liga. Olhe o vestido que ela botou ontem à noite. Cerzido debaixo dos braços, quase puído... e no entanto

podia ir numa loja e comprar tudo o que quisesse. Em Bond Street ou seja lá onde for. Dinheiro? São podres de ricos.

Fez uma pausa e sentou, ponderando.

— Sei o que significa ser pobre. Não tem nada de mal nisso. Se a gente é jovem, forte e está disposto a trabalhar. Nunca tive muito dinheiro, mas estava decidido a conseguir o que queria. Ia abrir uma garagem.

Tinha feito umas economias. Conversei com Gina a respeito. Ela me ouviu. Pareceu compreender. Não sabia quase nada sobre ela. Todas essas moças de uniforme têm a mesma cara. Quero dizer, olhando não dá para ver quem tem ou não tem dinheiro. Achei que talvez fosse de um nível social um pouco melhor do que o meu, em matéria de instrução e tudo mais. Mas isso não fazia diferença. Nos apaixonamos um pelo outro. Casamos. Eu tinha minhas economias e Gina me contou que também tinha alguma. Íamos instalar um posto de gasolina lá na minha cidade...

Gina estava disposta. Éramos duas crianças sem juízo... loucos um pelo outro. Aí aquela tia arrogante começou a criar problemas... E Gina quis vir cá pra Inglaterra para ver a avó. Bom, até aí tudo bem. Afinal era a casa dela e eu estava curioso para conhecer a Inglaterra. Tinha ouvido falar uma porção de coisas sobre isto aqui. Aí a gente veio. Só de visita... foi o que eu pensei.

Fechou ainda mais a cara.

— Mas não aconteceu nada disso. Caímos neste negócio de loucos. Por que não ficam aqui?... não se estabelecem aqui? — dizem eles. Tem uma porção de empregos para mim. Empregos! Então vou querer um emprego de dar doce a esses rapazes safados e ajudar esse pessoal a brincar com eles... que sentido tem isso? Este lugar podia ser ótimo... ótimo mesmo. Será que quem tem dinheiro não percebe a sorte que tem? Será que não compreendem que a maioria das pessoas não possui um lugar bom como este, enquanto que eles sim? Não é simplesmente uma loucura tratar aos pontapés a sorte que se tem? Não me importo de trabalhar quando preciso. Mas num emprego que eu goste e do jeito que eu quero — para alcançar uma boa posição. Isto aqui me dá a sensação de que estou preso numa teia de aranha. E Gina — não entendo a Gina.

Não é mais aquela garota que casou comigo lá nos Estados Unidos. Já não consigo... que droga... não consigo nem falar com ela. — Ah, que inferno! — Compreendo perfeitamente o seu ponto de vista — disse Miss Marple com delicadeza.

Wally olhou rápido para ela.

— A senhora é a única pessoa com quem me abri até agora. A maior parte do tempo eu me fecho que nem ostra. Não sei o que a senhora tem — é bem inglesa, totalmente inglesa — mas da maneira mais incrível me faz lembrar a tia Betsy lá na minha terra.

— Ah, mas que simpático. .

— Era muito sensata — continuou Wally, pensativo. Parecia tão frágil que bastava a gente estalar os dedos que ela se partiria ao meio, mas na verdade era forte — puxa, se era. Levantou-se.

— Desculpe estar falando assim — disse. Pela primeira vez, Miss Marple o viu sorrir. Era um sorriso muito atraente e Wally Hudd, de repente, transfigurou-se de garoto tímido e emburrado em rapaz bonito e charmoso. — Acho que precisava desabafar um pouco. Só que não precisava pegar a senhora de vítima.

— De maneira nenhuma, meu filho — protestou Miss Marple. — Também tenho um sobrinho, só que, naturalmente, bem mais velho que você.

E ficou pensando um instante no sofisticado escritor moderno Raymond West.

Não poderia haver maior contraste com Walter Hudd.

— Aí vem outra visita pra senhora — disse Walter Hudd. — Essa fulana não vai com a minha cara. Portanto vou dar o fora. Até logo mais. Obrigado pela conversa.

Bateu em retirada e Miss Marple viu Mildred Strete aproximando-se pelo gramado.

— Pelo que vejo a senhora estava sendo tiranizada por aquele rapaz horrível — disse Mrs. Strete, ainda ofegante, instalando-se no banco. — Que tragédia.

— Tragédia?

— O casamento de Gina. Também, para que mandá-la para a América? Eu disse logo à mamãe que não tinha cabimento. Afinal de contas, isto aqui é uma região muito sossegada. Os aviões

inimigos quase nunca passavam por estes lados. O ódio que me davam as pessoas que ficavam em pânico por causa das famílias e de si mesmas, é lógico, na maioria dos casos.

— Não devia ser fácil tomar uma decisão — ponderou Miss Marple, pensativa. — Sobre o que fazer com as crianças, quero dizer. Ante a perspectiva de uma invasão iminente, podia-se temer que fossem criadas sob um regime nazista... além do perigo das bombas.

— Tudo bobagem — retrucou Mrs. Strete. — Nunca duvidei de que a vitória seria nossa. Mas mamãe sempre foi impossível em relação a Gina. Quando pequena, mimou-a e estragou-a de todas as maneiras. Para começar, não havia a menor necessidade de tirá-la da Itália.

— Parece que o pai não fez nenhuma objeção, não é?

— Ah, o San Severiano! Sabe como são os italianos. Para eles, a única coisa que importa é o dinheiro. Casou com Pippa por interesse, é óbvio.

— Que horror. Sempre pensei que fosse apaixonada por ela e que tivesse ficado simplesmente inconsolável quando morreu.

— Puro fingimento, claro. Não sei como mamãe pôde consentir no casamento dela com um estrangeiro. Vai ver que foi só por causa dessa mania que os americanos têm pelos títulos de nobreza.

— Mas sempre imaginei que a minha querida Carrie Louise mantivesse uma atitude totalmente desinteressada em relação à vida — observou Miss Marple com suavidade.

— Sim, eu sei. Não tenho paciência pra essas coisas. As venetas, caprichos e projetos idealistas de mamãe. Tia Jane, a senhora não faz ideia do que vem a ser isso. Falo com conhecimento de causa, lógico. Fui criada no meio disso tudo.

Miss Marple levou um pequeno choque ao ser tratada de tia Jane. E no entanto antigamente o costume era esse. Os presentes de Natal que enviava às filhas de Carrie Louise sempre tinham um cartão "Com o abraço da tia Jane" e como "tia Jane" a lembravam — quando lembravam. O que, segundo Miss Marple, não devia ocorrer com muita frequência.

Contemplou pensativa a mulher de meia-idade sentada a seu lado. A boca franzida, os vincos que flanqueavam o nariz, as mãos crispadas.

— Você deve ter tido uma infância difícil — disse com doçura. Mildred Strete lançou-lhe um olhar de gratidão.

— Ah, que bom que notou. Ninguém imagina o que as crianças têm de suportar.

Pippa, sabe, era a beldade da família! Também era mais velha que eu. Concentrava todas as atenções. Tanto papai como mamãe a estimulavam a se destacar... não que precisasse de estímulo para isso... a se exhibir. Eu sempre fui quieta, Era tímida.

Coisa que Pippa nunca soube o que fosse. Uma criança pode sofrer muito, tia Jane.

— Eu sei disso — disse Miss Marple.

— "Mildred é tão burra" — vivia repetindo a Pippa. Mas é que eu era mais moça que ela. Ninguém, naturalmente, poderia esperar que tivéssemos o mesmo grau de desenvolvimento. E não é nada justo invocar a toda hora o exemplo da irmã para uma criança.

"Que menina mais linda", estavam sempre dizendo para mamãe. Jamais reparavam em mim. E era com Pippa que papai gostava de pilheriar e brincar. Não sei como ninguém via como ficava difícil pra mim. Todos os agrados e atenções iam para ela. Eu ainda não tinha idade de compreender que o importante é o caráter.

Seus lábios tremeram e depois endureceram de novo.

— E foi injusto... injusto mesmo... eu era a verdadeira filha deles. Pippa tinha sido apenas adotada. Eu é que era a filha da casa. Ela não era... ninguém.

— Talvez fosse por isso que se mostravam mais indulgentes com ela — opinou Miss Marple.

— Que nada, eles gostavam mais dela — retrucou Mildred Strete: E acrescentou: — Uma criança que os próprios pais não queriam... ou mais provavelmente ilegítima.

Continuou: — A prova está aí, na Gina. e coisa de sangue que não presta. O sangue não mente. Lewis pode fazer as teorias que

quiser sobre a influência do meio. Sangue ruim não dá para esconder. Veja a Gina.

— Gina é um encanto de moça — disse Miss Marple. — Mas não na conduta — contrapôs Mrs. Strete. — Só mamãe é que não nota o que ela anda fazendo com Stephen Restarick. Uma coisa simplesmente nojenta. Está bem que tenha sido infeliz no casamento, mas quem casa deve se preparar para o que der e vier. Afinal de contas, se ela casou com esse rapaz horrendo, foi porque quis.

— E tão horrendo assim? — Ah, tia Jane! Ele me olha como se fosse um gangster. E depois é tão grosseiro e malcriado. Quase nunca abre a boca pra falar. E sempre parece tão tosco e desajeitado.

— Acho que é porque se sente infeliz — observou Miss Marple com suavidade.

— Não vejo por quê... tirando o comportamento da Gina, quero dizer. Fizeram tudo por ele aqui. Lewis sugeriu várias maneiras pelas quais ele poderia ser útil...

mas ele prefere se esquivar para ficar de braços cruzados.

Explodiu: — Ah! tudo isto aqui é impossível — simplesmente impossível. Lewis só pensa nesses horríveis transviados. E mamãe só pensa nele. Tudo o que Lewis faz está certo. Olhe o estado deste jardim... as ervas daninhas... as macegas. E a casa...

nada é feito como se deve. Ah, eu sei que hoje em dia é difícil conseguir empregados que prestem, mas também não é preciso exagerar. E não que haja falta de dinheiro. e apenas que ninguém liga. Se fosse minha casa... — deixou a frase no ar.

— Eu acho — disse Miss Marple — que todos temos que encarar o fato de que as coisas mudaram. Essas vastas mansões constituem um grande problema. Deve ser triste para você, de certo modo, voltar para cá e encontrar tudo tão diferente: Prefere mesmo morar aqui a... bem... ter uma casa que fosse só sua?

Mildred Strete avermelhou. — Afinal, isto aqui é o meu lar — disse. — Foi a casa de meu pai. Não há nada que possa alterar isso. Tenho o direito de ficar aqui, se quiser. E eu quero. Se ao menos

mamãe não fosse tão impossível! Não é nem capaz de comprar roupas decentes. A Jolly vive preocupada.

— Ia mesmo lhe perguntar sobre Miss Bellever.

— É um alívio tê-la conosco. Ela adora mamãe. Já faz muito tempo que trabalha pra ela... desde a época de John Restarick. E me parece que foi ótima durante toda aquela triste história. Acho que a senhora já sabe que ele fugiu com uma iugoslava terrível... uma criatura das mais devassas. Tenho a impressão de que já havia tido uma porção de amantes. Mamãe se portou muito bem, com toda a dignidade. Divorciou-se dele dentro da maior discricção. Chegou ao cúmulo de ficar com os filhos de Restarick durante as férias... o que, francamente, não tinha a menor necessidade. Podiam ter encontrado outra solução. Claro que seria inconcebível deixar que fossem viver com o pai e a tal fulana. Enfim, mamãe ficou com eles aqui... E Miss Bellever aguentou tudo, com a resistência de uma fortaleza.

Às vezes até acho que contribui para que mamãe seja ainda mais vaga do que já é, encarregando-se pessoalmente de todas as questões práticas da casa. Mas de fato não sei o que faríamos sem ela.

Fez uma pausa e depois exclamou num tom de surpresa: — Eis aí o Lewis. Que estranho. Ele quase nunca vem ao jardim.

Mr. Serrocold encaminhava-se para elas com o mesmo modo decidido com que resolvia tudo. Pareceu não reparar em Mildred porque só estava com a ideia em Miss Marple.

— Desculpe-me — disse. — Eu queria levar a senhora para lhe mostrar a instituição. Foi Caroline quem me pediu. Infelizmente vou ter que ir a Liverpool. O caso daquele rapaz da seção de encomendas da estrada de ferro. Mas Maverick pode mostrar-lhe. Dentro de poucos minutos estará aqui. Só volto depois de amanhã. Seria ótimo se puder convencê-los a desistir do processo.

Mildred Strete levantou do banco e afastou-se. Lewis Serrocold nem notou.

Contemplava seriamente Miss Marple por trás dos óculos.

— Sabe — disse -, os juízes quase sempre procedem errado. Às vezes se mostram severos demais, mas às vezes também são

demasiado clementes. Se esses rapazes recebem uma sentença pequena, não ficam nem intimidados — até se divertem com a história. Vangloriam-se para as namoradas. Mas uma sentença rigorosa faz com que se moderem. Percebem que o negócio não vale a pena. Ou então que é melhor não cumprir pena na prisão. O treinamento corretivo... o adestramento vocacional, como o que temos aqui...

— Mr. Serrocold — interrompeu Miss Marple -, o senhor está satisfeito com o jovem Mr. Lawson? Ele... ele é perfeitamente normal? Uma expressão perturbada surgiu no rosto de Lewis Serrocold.

— Espere que não tenha sofrido nenhuma recaída. Que foi que ele andou dizendo?

— Contou que é filho de Winston Churchill...

— Claro... claro. É o que sempre diz. É filho ilegítimo, como a senhora provavelmente já percebeu, e de origem muito humilde. Veio pra cá com a recomendação de uma Associação de Londres. Tinha agredido um homem na rua, alegando que o sujeito o estava seguindo. Um caso bem típico... o Dr. Maverick lhe explicará. Examinei os antecedentes dele. A mãe era pobre, mas pertencia a uma família respeitável de Plymouth. O pai, um marinheiro — cujo nome ela nem sequer sabia... O filho foi criado em circunstâncias penosas. Começou a romancear coisas a respeito do pai e depois de si mesmo. Andava de uniforme e condecorações a que não tinha direito... tudo bem típico. Mas Maverick acha que dá para ter esperanças. Se conseguirmos incutir-lhe confiança própria. Já coloquei-o num cargo de responsabilidade aqui, procurando fazê-lo compreender que o que importa não é o berço em que se nasce, mas o que se é. Venho tentando animá-lo a ter fé em suas próprias habilidades. Melhorou a olhos vistos. Estava contentíssimo com ele... E agora a senhora diz...

Sacudiu a cabeça.

— Será que não é perigoso, Mr. Serrocold?

— Perigoso? Acho que nunca demonstrou tendências para o suicídio.

— Não me refiro a isso. Ele me falou em inimigos... em perseguições. Me perdoe, mas isso não é... um sintoma perigoso?

— Francamente, não creio que tenha chegado a esse ponto. Mas vou consultar Maverick. Até aqui ele tem sido otimista... muito otimista.

Olhou o relógio. — Tenho que ir. Ah. cá está a nossa cara Jolly. Ela se encarregará da senhora.

Miss Bellever, chegando com passo enérgico, avisou: — O carro já está na porta. Mr. Serrocold. O Dr. Maverick ligou lá do Instituto. Eu disse que levaria Miss Marple. Ele vai nos esperar no portão.

— Obrigado. Tenho que ir. A minha pasta?

— No carro, Mr. Serrocold.

Lewis Serrocold afastou-se às pressas.

— Um dia esse homem ainda cai morto na rua — comentou Miss Bellever, acompanhando-o com o olhar. — É contra a natureza humana andar sempre correndo sem descansar. Só dorme quatro horas por dia.

— E muito dedicado a essa causa — disse Miss Marple.

— Não pensa noutra coisa — continuou Miss Bellever, implacável. — Nem se lembra de cuidar da mulher ou de ter qualquer atenção para com ela. Ela é uma criatura meiga, como a senhora sabe, Miss Marple, e necessita de carinho e atenções. Mas aqui ninguém pensa nem cogita noutra coisa que não seja esse bando de garotos e rapazes queixosos que querem levar uma vida fácil e desonesta e não se preocupam com a ideia de fazer um pouco de trabalho duro. E os rapazes honestos de famílias honradas? Por que ninguém se interessa por eles? A honestidade não atrai excêntricos como Mr. Serrocold e o Dr. Maverick e toda essa cambada de sentimentais de meia tigela que temos por aqui. Eu e meus irmãos fomos criados com dificuldades, Miss Marple, e ninguém nos encorajou a nos queixar. O mundo de hoje é um mundo de moloides! Tinham atravessado o jardim, passando por uma abertura na cerca, e chegaram ao arco que Eric Gulbrandsen mandara erigir para servir de pórtico ao Colégio — uma horrível construção maciça, de tijolos vermelhos.

O próprio Dr. Maverick, que, segundo Miss Marple, dava impressão de ser nitidamente anormal, veio ao encontro de ambas.

— Obrigado, Miss Bellever — disse. — Agora, Miss... hum... ah, sim, Miss Marple... tenho certeza de que a senhora vai se interessar pelo que estamos fazendo aqui. Pela nossa esplêndida maneira de atacar esse grave problema. Mr. Serrocold é um homem de grande sagacidade... e visão. E contamos com o apoio de Sir John Stillwell, meu ex-chefe. Ele fez parte do Ministério do Interior até se aposentar e exerceu influência decisiva para o lançamento do nosso projeto. E um problema médico... é disso que precisamos convencer as autoridades legais. A psiquiatria só veio a ser reconhecida durante a guerra. A única coisa positiva que se tirou dela...

Agora, antes de mais nada, quero que veja a nossa maneira inicial de abordar o problema. Olhe aí em cima...

Miss Marple ergueu os olhos para as palavras gravadas no grande pórtico arqueado: RECUPEREM AS ESPERANÇAS, OH VÓS QUE AQUI ENTRAIS — Não é uma beleza? Não é exatamente a primeira coisa que se deve dizer? Ninguém quer repreender nem castigar esses rapazes. É isto que vivem temendo a metade do tempo... o castigo. Nós queremos que eles saibam que são criaturas esplêndidas.

— Como o Edgar lawson? — perguntou Miss Marple. — Caso interessante, esse.

Já conversou com ele?

— Ele é que conversou comigo — retrucou Miss Marple. E acrescentou, para se desculpar: — Fiquei imaginando se não seria, talvez, meio louco?

Dr. Maverick riu despreocupadamente. — Minha cara senhora, todos nós somos loucos — disse, enquanto a fazia passar pela porta. — Eis aí o segredo da vida. Todos nós somos meio loucos.

## Capítulo Seis

De modo geral, o dia foi bastante exaustivo.

O entusiasmo, em si, pode ser extremamente cansativo, pensou Miss Marple.

Sentia-se vagamente descontente consigo mesma e com suas próprias reações. Ali havia alguma explicação — talvez várias, e no entanto não conseguia vislumbrar qual — ou quais seriam. Toda a vaga apreensão que sentia se concentrava em torno da personalidade patética, mas insignificante de Edgar Lawson. Se ao menos pudesse localizar a lembrança da comparação correspondente.

Rejeitou, a caro custo, a curiosa conduta do caminhão de entregas de Mr.

Selkirk — o carteiro distraído — o jardineiro que trabalhava na segunda-feira de Pentecostes — e aquele estranhíssimo caso das combinações de peso no verão.

Havia qualquer coisa que não lograva definir e que não estava certo em relação a Edgar Lawson — qualquer coisa que ultrapassava o limite dos fatos observados e aceitos. Mas era-lhe humanamente impossível perceber de que modo isso, fosse lá o que fosse, afetava sua amiga Carrie Louise... No confuso molde de vida de Stonygates, os problemas e interesses pessoais se sobrepunham uns aos outros.

Mas nenhum deles (mais uma vez, segundo podia ver) colidia com os de Carrie Louise.

Carrie Louise... De repente Miss Marple se deu conta de que era somente ela, com exceção da ausente Ruth, que usava esse nome. Para o marido, era Caroline.

Para Miss Bellever, Cara Stephen Restarick geralmente a tratava de Madona. Para Wally era cerimoniosamente Mrs. Serrocold e Gina preferiam chamá-la de vovó.

Existiria algum significado, talvez, nos vários nomes encontrados para Caroline Louise Serrocold? Seria, para todos, um símbolo e não uma pessoa de carne e osso? Na manhã seguinte, quando Carrie Louise, arrastando um pouco os pés para caminhar, veio sentar no banco do jardim ao lado da amiga e perguntou-lhe no que estava pensando, Miss Marple respondeu prontamente: — Em você, Carrie Louise.

— Em mim? Por quê?

— Diga-me com sinceridade — tem alguma coisa aqui que te preocupa?

— Que me preocupa? — A outra, espantada, arregalou os claros olhos azuis. — Mas Jane, o que é que poderia me preocupar?

— Bem, quase todos nós temos preocupações. — Os olhos de Miss Marple cintilaram de leve. — Eu, por exemplo. Com as lesmas, você sabe — e com a dificuldade de encontrar alguém que saiba cerzir linho direito — e não poder conseguir açúcar refinado para fazer meu licor de ameixas. Ah, uma porção de coisas — parece absurdo que você não tenha nenhuma espécie de preocupação.

— Vai ver que no fundo eu tenho — disse Mrs. Serrocold, vagamente. — Lewis trabalha tanto, Stephen esquece até de comer mourejando no teatro e Gina é muito inquieta mas nunca consegui modificar ninguém — não vejo como é que se pode.

Portanto, não adianta nada se preocupar, não é? — Mildred também não é muito feliz, não é? — Oh não — disse Carrie Louise. — Ela nunca está contente. Já em criança era assim. O contrário de Pippa, que sempre foi muito alegre.

— Quem sabe Mildred não teria motivos para isso?, sugeriu Miss Marple.

— Por causa de ciúmes? — retrucou Carrie Louise calmamente. — Sim, é provável.

Mas as pessoas de fato não precisam de motivos para sentir o que sentem. É uma coisa que já está nelas. Você não acha, Jane? Miss Marple se lembrou um pouco de Miss Moncrieff, escrava de uma tirânica mãe inválida. Pobre Miss Moncrieff, que sonhava viajar para conhecer o mundo. E de como St. Mary Mead tinha discretamente exultado quando Mrs. Moncrieff foi enterrada no cemitério e a filha, com uma pequena renda folgada, se viu finalmente livre. E de como Miss Moncrieff, ao iniciar suas viagens, mal chegou a Hyeres, onde havia ido visitar uma "das mais antigas amigas de mamãe", e ficou tão comovida com os sofrimentos de uma velha hipocondríaca que cancelou a reserva das passagens e fixou residência na vila, só para ser maltratada e sobrecarregada de

serviço e sonhar, mais uma vez, com as alegrias de um horizonte mais amplo.

— Acho que você tem razão, Carrie Louise — respondeu Miss Marple.

— Claro que o fato de eu viver tão livre de preocupações se deve, em parte, a Jolly. Boa Jolly. Ela veio para cá quando Johnnie e eu estávamos recém-casados e foi maravilhosa desde o início. Cuida de mim como se eu fosse uma criança desamparada. É capaz de fazer qualquer coisa que eu peça. Às vezes fico até envergonhada. Acredito mesmo que Jolly mataria qualquer pessoa por mim, Jane.

Não é horrível dizer uma coisa dessas? — Não há dúvida de que ela é muito dedicada — concordou Miss Marple.

— E fica tão indignada. — Mrs. Serrocold deu aquela sua risadinha gostosa. — Gostaria que eu vivesse sempre encomendando roupas maravilhosas e me cercado de luxos. Acha que todo mundo deveria me colocar em primeiro lugar e andar numa roda-viva para me servir. É a única pessoa que não se impressiona de jeito nenhum com o entusiasmo de Lewis. Na opinião dela, os nossos pobres rapazes não passam de jovens criminosos mimados com quem não vale a pena se incomodar. Considera esta casa úmida e inconveniente para o meu reumatismo e que seria melhor que eu fosse para o Egito ou outro lugar qualquer, quente e seco.

— Você sofre muito de reumatismo? — De uns tempos para cá piorou muito. Tenho dificuldade de caminhar. Cãibras horríveis nas pernas. Ah, paciência... — surgiu de novo aquele cativante sorriso de elfo —, deve ser da idade.

Miss Bellever apareceu na porta envidraçada e saiu apressada na direção de ambas.

— Um telegrama, que acabo de receber pelo telefone. “Chego hoje à tarde, Christian Gulbrandsen”.

— Christian? — Carrie Louise pareceu muito surpresa.

— Nem sabia que ele estava na Inglaterra.

— Mando arrumar o quarto de hóspedes?

— Sim, por favor, Jolly. Para ele não ter que subir a escada.

Miss Bellever concordou com a cabeça e voltou para a casa.

— Christian Gulbrandsen é meu enteado — explicou Carrie Louise. — O filho mais velho de Eric. Na verdade tem dois anos a mais do que eu. É um dos curadores do Instituto. . . o principal, por sinal. Que pena que Lewis está viajando... Christian quase nunca fica mais que uma noite. Anda sempre ocupadíssimo. E decerto teriam uma porção de coisas para discutir.

Christian Gulbrandsen chegou naquela mesma tarde, a tempo de tomar o chá.

Era um homenzarrão de traços marcados, com um jeito lento e metódico de falar.

Cumprimentou Carrie Louise todo efusivo.

— E como vai a nossa querida Carrie Louise? Não parece nem um pouco mais velha. Nem um pouco.

E ficou sorrindo, com as mãos apoiadas nos ombros dela.

Puxaram-no pela manga.

— Christian! — Ah — virou-se —, é a Mildred? Como vai, Mildred?

— Ultimamente não vou nada bem.

— Que lástima. Que lástima.

Havia grande semelhança entre Christian Gulbrandsen e Mildred, sua irmã por parte de pai. Tinham quase trinta anos de diferença e podiam facilmente ser tomados por pai e filha. Até Mildred parecia especialmente satisfeita com a chegada dele. Estava corada e falava animadamente, tendo passado o dia todo referindo-se ao "meu irmão", "meu irmão Christian", "meu irmão, Mr. Gulbrandsen".

— E como vai a nossa Gina? — perguntou Gulbrandsen, virando-se para a jovem. — Você e seu marido continuam aqui, então?

— Sim. Já estamos praticamente radicados, não é, Wally?

— Pelo jeito, sim — disse Wally. Os olhinhos astutos de Gulbrandsen pareceram avaliar rapidamente Wally, que, como sempre, estava de cara amarrada e hostil.

— Portanto cá estou eu com toda a família reunida, disse Gulbrandsen.

A voz denotava uma cordialidade bastante convicta — mas Miss Marple achou que, no fundo, ele não estava se sentindo muito contente. Havia um ricto nos lábios e certa preocupação no seu modo de agir.

Apresentado a Miss Marple, examinou-a de alto a baixo, como se estivesse medindo e avaliando a recém-chegada.

— Nem sabíamos que você estava na Inglaterra, Christian — disse Mrs. Serrocold.

— Pois é, tive que vir inesperadamente.

— Pena que Lewis esteja viajando. Quanto tempo você pretende ficar? — Queria ver se voltava amanhã. Quando é que Lewis chega? — Amanhã de tarde ou de noite.

— Pelo jeito, então, terei que ficar mais um dia.

— Por que não nos avisou...

— Minha cara Carrie Louise, foi coisa de última hora. — Vai ficar para falar com Lewis? — Sim, preciso muito falar com ele.

Miss Believer explicou a Miss Marple: — Mr. Gulbrandsen e Mr. Serrocold são curadores do Instituto. Os outros são o bispo de Cromer e Mr. Gilfoy.

Era, então, para tratar de negócios relacionados com o Instituto que Christian Gulbrandsen tinha, presumivelmente, vindo a Stonygates. Parecia ser essa a suposição de Miss Bellever e de todos os demais. E no entanto Miss Marple ficou em dúvida.

Por uma ou duas vezes o velho lançou um olhar pensativo e intrigado a Carrie Louise quando ela estava distraída — um olhar que deixou perplexa a atenta amiga da dona da casa. Depois ele se virou para os outros, analisando-os um a um com uma espécie de avaliação disfarçada que parecia completamente estranha.

Findo o chá, Miss Marple retirou-se, cheia de tato, para a biblioteca, mas para sua surpresa, quando já se achava instalada com o tricô, Christian Gulbrandsen entrou e sentou ao seu lado.

— Creio que é velha amiga da nossa querida Carrie Louise, não? — perguntou.

— Fomos colegas de aula na Itália, Mr. Gulbrandsen. Já faz muitos anos.

— Ah, sim. E a senhora gosta dela? — Imensamente — respondeu Miss Marple com ardor.

— Como todos, me parece. Sim, me parece mesmo. e normal que seja assim.

Porque é urna pessoa muito boa e simpática. Eu e meus irmãos sempre gostamos muito dela, desde o tempo em que casou com meu pai. Tem sido urna verdadeira irmã para nós. Foi uma esposa fiel e leal a todas as ideias do marido. Nunca pensa em si própria, o bem-estar alheio vem sempre em primeiro lugar.

— Sempre foi idealista — disse Miss Marple.

— Idealista? Tem razão. E talvez seja por isso que não percebe realmente a maldade que existe no mundo.

Miss Marple olhou-o, surpresa. O rosto dele estava bem sério.

— Diga-me urna coisa. Corno vai ela de saúde? — perguntou.

Miss Marple surpreendeu-se de novo.

— Parece-me que muito bem... descontando a artrite... ou reumatismo.

— Reumatismo? Ah, sim. E o coração? O coração dela está bom? — Que eu saiba, está. — Miss Marple ficava cada vez mais surpresa. — Mas ontem foi a primeira vez que a vi, depois de muitos anos. Se quiser saber o estado de saúde dela, é melhor se informar com alguém da casa. Com Miss Bellever, por exemplo.

— Miss Bellever... ah, sim, Miss Bellever. Ou Mildred? — Ou Mildred, como diz.

Miss Marple estava meio constrangida.

Christian Gulbrandsen não tirava os olhos de cima dela.

— Entre mãe e filha não há o que se poderia chamar de muita simpatia, não é? — Não, acho que não.

— Concordo com a senhora. É uma pena.... a filha única, mas que se pode fazer. Quer dizer, então, que acha que essa Miss Bellever é muito apegada a ela? — Muito, mesmo.

— E Carrie Louise confia nessa tal de Miss Bellever? — Tenho impressão de que sim.

Christian Gulbrandsen franziu a testa. Falava não como se estivesse se dirigindo a Miss Marple, mas corno se refletisse em voz alta.

— Tem a nossa Gina... mas ela é tão moça. e difícil... —  
Deixou a frase no ar. — Às vezes — disse simplesmente — não é fácil encontrar a melhor solução. Gostaria muito de agir da melhor maneira. Acima de tudo, não quero nem pensar em ferir ou magoar a nossa querida amiga. Mas não vai ser fácil... nada fácil.

Nesse instante Mrs. Strete entrou na sala.

— Ah, cá está você, Christian. Todo mundo queria saber onde você andava. O Dr. Maverick perguntou se não daria para conversar um pouco com você.

— É o novo médico daqui, não? Não... não, prefiro esperar até a chegada do Lewis.

— Ele está lá no gabinete do Lewis. Quer que eu lhe diga...

— Deixe que eu mesmo falo com ele.

Gulbrandsen saiu às pressas da biblioteca. Mildred Strete seguiu-o com o olhar e depois virou-se para Miss Marple.

— Será que aconteceu alguma coisa? O Christian está tão esquisito... Ele não disse nada se...

— Só perguntou pela saúde da sua mãe.

— Pela saúde dela? Por que foi perguntar isso à senhora? Mildred falava com veemência, o grande rosto quadrado avermelhando desfavoravelmente.

— Francamente não sei.

— Mamãe está perfeitamente bem de saúde. Chega a ser surpreendente para a idade dela. Muito melhor do que eu, por sinal.  
— Parou um pouco antes de continuar: — Espero que tenha lhe dito isso.

— Eu de fato não sei de nada a esse respeito — retrucou Miss Marple. — Ele me perguntou sobre o coração dela.

— O coração dela? — É.

— Mamãe não tem nada no coração. Absolutamente nada!

— Muito me alegro em saber disso, minha cara..

— Mas o que será que levou o Christian a meter essas esquisitices na cabeça?

— Não tenho a mínima ideia.

## Capítulo Sete



O dia seguinte, a julgar pelas aparências, transcorreu sem incidentes, embora Miss Marple tivesse a sensação de que havia indícios de uma tensão invisível.

Christian Gulbrandsen passou a manhã inteira percorrendo o Instituto em companhia do Dr. Maverick, discutindo os resultados gerais da orientação adotada.

No começo da tarde Gina levou-o de carro para dar uma volta e depois disso Miss Marple notou que ele persuadiu Miss Bellever a mostrar-lhe qualquer coisa nos jardins. Teve impressão de que era um pretexto para facilitar um tête-à-tête com aquela criatura carrancuda. E no entanto, se a visita inesperada de Christian Gulbrandsen prendia-se exclusivamente a questões de negócios, por que essa vontade de falar a sós com Miss Bellever, uma vez que esta só se ocupava da parte doméstica de Stonygates? Miss Marple, porém, sabia que estava perdendo tempo em conjeturas. O único incidente verdadeiramente inquietante do dia ocorreu lá pelas quatro horas. Já tinha guardado o tricô e saiu para o jardim a fim de dar um passeio antes do chá.

Contornando uma azálea solitária, deparou com Edgar Lawson caminhando e falando sozinho. Quase esbarrou nele.

— Desculpe — disse, afobado.

Miss Marple ficou espantada ante a expressão atônita e esquisita que tinha no olhar.

— Não está se sentindo bem, Mr. Lawson?

— Bem? Como poderia estar me sentindo bem? Acabo de levar um choque... Um choque terrível.

— Que espécie de choque? O rapaz lançou um olhar rápido por cima dos ombros dela e depois se virou inquieto para ambos os lados. Esse comportamento começou a enervar Miss Marple.

— Será que posso lhe contar? — Olhou para ela em dúvida. — Não sei. Realmente não sei. Ando sendo tão espionado.

Miss Marple tomou uma decisão. Pegou-o com firmeza pelo braço.

— Venha por aqui... pronto, agora não tem nenhuma árvore nem arbustos por perto. Ninguém pode ouvir.

— Sim... sim, tem razão. — Respirou fundo, curvou a cabeça e quase cochichou o seguinte: — Fiz uma descoberta. Uma descoberta terrível.

Edgar Lawson começou a tremer dos pés à cabeça. Estava quase chorando.

— Dizer que eu confiei! Que acreditei... e era tudo mentira... tudo mentira. Para que eu não descobrisse a verdade. E insuportável. E muita maldade. A senhora vê, ele era a única pessoa em quem eu confiava, e agora descobro que durante o tempo todo ele estava por detrás de tudo. E ele que é meu inimigo! Foi ele que mandou que eu fosse seguido e espionado. Mas desta ele não escapa. Vai ter que me ouvir. Vou lhe dizer que sei o que ele anda fazendo.

— Ele, quem? — perguntou Miss Marple.

Edgar Lawson empertigou-se todo. Podia ter-se tornado uma figura patética e cheia de dignidade. Mas na realidade ficou apenas ridículo.

— Estou falando do meu pai.

— Do Marechal Montgomery... Ou se refere a Winston Churchill? Edgar lançou-lhe um olhar de desdém.

— Era isso que queriam que eu pensasse... só para não descobrir a verdade.

Mas agora eu sei. Tenho um amigo... um amigo mesmo. Que me diz a verdade e me revela até que ponto fui enganado. Pois bem, meu pai terá de ajustar contas comigo. Vou lhe jogar em rosto tudo o que me mentiu! Vou desafiá-lo com a verdade. Veremos o que tem a dizer.

E afastando-se de repente, Edgar saiu correndo e sumiu no meio do parque.

Miss Marple voltou para a casa com o rosto muito sério.

— Todos nós somos meio loucos, minha cara senhora tinha dito o Dr. Maverick.

Parecia-lhe, porém, que no caso de Edgar a coisa havia ido longe demais.

Lewis Serrocold chegou às seis e meia. Parou o carro no portão e cruzou o parque a pé até a casa. Olhando pela janela, Miss Marple viu Christian Gulbrandsen sair ao seu encontro e os dois, depois de se cumprimentarem, viraram as costas e começaram a andar de um lado para outro no terraço.

Miss Marple havia tido a precaução de trazer um binóculo. Resolveu pô-lo logo em ação. Seria impressão sua ou um bando de pintassilgos revoava aquele grupo de árvores ao longe? Baixando rapidamente o binóculo antes de levantá-lo de novo, Miss Marple notou que os dois homens pareciam muito preocupados. Debruçou-se mais à janela.

De vez em quando chegavam-lhe fragmentos do diálogo. Se um deles erguesse os olhos, ficaria evidente que uma enlevada ornitóloga estava com a atenção fixa num ponto extremamente distante da conversa de ambos.

—... como evitar que Carrie Louise venha a saber que... — ia dizendo Gulbrandsen.

Ao passarem outra vez sob a janela, era Lewis Serrocold quem estava falando.

—... se der pra evitar que ela fique sabendo. Concordo que é nela que se deve pensar...

Novos trechos esparsos chegaram-lhe ao ouvido.

— Realmente sério... não se justifica... uma responsabilidade muito grande pra se assumir... devíamos, talvez, consultar alguém de fora...

Por fim Miss Marple escutou Christian Gulbrandsen dizer: — Puxa, como está ficando frio. E melhor a gente entrar. Miss Marple retirou a cabeça da janela com uma expressão intrigada. O que tinha escutado era desconexo demais para formar sentido — mas

bastava para confirmar aquela vaga apreensão que aos poucos vinha sentindo e sobre a qual Ruth Van Rydock se mostrara tão categórica.

O que quer que houvesse de errado em Stonygates, se relacionava, decididamente, com Carrie Louise.

O jantar daquela noite transcorreu numa atmosfera meio contrafeita. Tanto Gulbrandsen como Lewis pareciam distraídos e absortos em suas próprias ideias.

Walter Hudd estava mais casmurro do que nunca e, para variar, Gina e Stephen davam impressão de ter pouco a dizer um ao outro ou para os convivas em geral. A conversa foi mantida quase só pelo Mr. Maverick, que sustentou um longo debate técnico com Mr. Baumgarten, um dos terapeutas ocupacionais.

Quando passaram para o salão depois do jantar, Christian Gulbrandsen pediu licença para se retirar quase em seguida explicou que tinha de escrever uma carta importante.

— De modo que, se a minha querida Carrie Louise permitir, vou já para o meu quarto.

— Você tem lá tudo o que precisa? Jolly? — Sim, sim. Tudo. Pedi uma máquina de escrever, que já me levaram. Miss Bellever tem sido muito amável e atenciosa.

Saiu do salão pela porta à esquerda que dava para a escadaria principal e para um corredor, ao fundo do qual ficava o quarto de hóspedes com banheiro privativo.

Depois que ele se retirou, Carrie Louise perguntou: — Você hoje não vai lá no teatro, Gina? A moça sacudiu a cabeça. Atravessou o salão e foi sentar à janela, de onde se descortinava a alameda de entrada e o átrio.

Stephen olhou para ela, depois se dirigiu ao grande piano de cauda. Sentou no banquinho e pôs-se a dedilhar baixinho — uma estranha e triste melodia. Os dois terapeutas ocupacionais, Mr. Baumgarten e Mr. Lacy, e o Dr. Maverick deram boa noite e foram embora. Walter acendeu um abajur e, de estalo, metade das luzes do salão se apagou.

— Esta droga de interruptor está sempre com defeito — resmungou. — Vou trocar o fusível.

Saiu e Carrie Louise murmurou: — O Wally é tão habilidoso com aparelhos elétricos e coisas assim! Lembram como ele consertou aquela torradeira automática? — Parece que é a única coisa que ele faz aqui — disse Mildred Strete. — Mamãe, a senhora já tomou seu remédio? Miss Bellever fez uma cara de aborrecimento.

— Mas não é que me esqueci por completo? E pondo-se em pé num instante, correu à sala de refeições, voltando logo com um vidrinho de líquido cor-de-rosa.

Meio que sorrindo, Carrie Louise estendeu a mão, obediente.

— Uma coisa tão horrível e ninguém deixa que eu esqueça — queixou-se, com uma careta de nojo.

Foi então que, de uma, forma meio imprevista, Lewis Serrocold interveio: — Acho que você não devia tomar isso hoje, meu bem. Não sei se vai lhe fazer bem. E tranquilamente, mas com aquela energia controlada sempre tão evidente nele, tirou o copo das mãos de Miss Bellever e pousou-o na grande cômoda de carvalho galês.

— Francamente, Mr. Serrocold — protestou Miss Bellever, — nesse ponto eu não concordo com o senhor. Mrs. Serrocold melhorou muito desde que...

Interrompeu a frase e virou-se subitamente.

A porta de entrada tinha sido aberta com estrondo. Edgar Lawson estava no limiar do vasto salão em penumbra. Parecia uma vedete fazendo sua entrada triunfal. Parou no meio da sala e fez uma pose. Chegava a ser ridículo — mas não de todo.

— Finalmente o encontro, oh inimigo meu! — declamou, teatral, para Lewis Serrocold.

Mr. Serrocold ficou meio aparvalhado.

— Mas, o que vem a ser isto, Edgar?

— E ainda ousa perguntar?... Então não sabe? Depois de andar me enganando, espionando, aliando-se a meus inimigos contra mim? Lewis pegou-o pelo braço.

— Vamos, que é isso, rapaz, não se exalte. Conte-me tudo com calma. Venha a minha sala.

E levou-o através do salão. Passaram por uma porta à direita, que Mr. Serrocold puxou ao sair. Depois ouviu-se o barulho seco da chave girando na fechadura.

Miss Bellever olhou para Miss Marple, a mesma ideia ocorrendo-lhes simultaneamente: não era Lewis Serrocold quem tinha girado a chave.

— Esse rapaz, na minha opinião, está ficando maluco — exclamou Miss Bellever. — A gente não tem mais segurança nenhuma.

— E totalmente desequilibrado — disse Mildred, — sem a menor gratidão por tudo o que se fez por ele... mamãe, a senhora devia tomar uma atitude.

— Coitado. No fundo é inofensivo — murmurou Carrie Louise, com um suspiro. — Ele gosta muito do Lewis. Mas muito, mesmo.

Miss Marple olhou-a, espantada. Não havia o mínimo vestígio de afeto na expressão que Edgar dirigira há poucos instantes a Lewis Serrocold. Muito pelo contrário. E ficou imaginando, como já lhe acontecera anteriormente, se Carrie Louise não fechava os olhos, deliberadamente, para a realidade.

— Ele tinha alguma coisa no bolso — lembrou Gina, de repente. — O Edgar, quero dizer. Brincava com ela.

— Se fosse filme, sem dúvida seria um revólver — murmurou Stephen, afastando as mãos do teclado.

Miss Marple pigarreou.

— Acho que se pode ter certeza de que era um revólver — disse, com ar de quem pede desculpas.

Do interior do gabinete de Lewis vinha o rumor de vozes perfeitamente discernível. Depois, de repente, tornaram-se bem nítidas. Edgar Lawson vociferava, enquanto Lewis Serrocold mantinha o mesmo tom sensato.

— Mentiras... mentiras... mentiras, tudo mentiras. O senhor é o meu pai. Eu sou seu filho. Me privou dos meus direitos. Eu devia ser o dono desta casa. O senhor me odeia... quer se ver livre de mim! Ouviu-se o murmúrio apaziguador de Lewis, mas aí então a voz transtornada ficou ainda mais forte. Berrava palavrões. Edgar parecia estar perdendo rapidamente o autocontrole. De vez em

quando Lewis intervinha: -... calma. .. acalme-se um pouco... você sabe que isso não é verdade...

Mas não adiantava nada. Pelo contrário. O rapaz enfurecia-se cada vez mais.

Sem querer, todos os que se achavam no salão emudeceram, prestando a máxima atenção ao que se passava atrás da porta trancada do gabinete de Lewis.

— Terá que me ouvir — gritou Edgar. — Vou tirar essa expressão de superioridade de sua cara. Fique sabendo que me vingarei. De tudo o que me fez sofrer.

A voz de Lewis veio cortante, diferente da serenidade que sempre mantinha: — Abaixei esse revólver!

— O Edgar vai matá-lo — exclamou Gina, desesperada.

— Ele está louco. Não dá pra chamar a polícia ou fazer qualquer coisa? Carrie Louise, sempre calma, retrucou baixinho: — Não precisa se preocupar, Gina. Edgar adora o Lewis.

Está apenas querendo se dar ares, mais nada.

A voz de Edgar se fez ouvir do outro lado da porta numa gargalhada que Miss Marple teve que reconhecer que parecia definitivamente louca.

— Sim, eu tenho um revólver... e está carregado. Não, não fale nem se mova. Vai ter que me ouvir até o fim. Foi o senhor que começou essa conspiração contra mim e agora terá que pagar por ela.

Todos se sobressaltaram com o que parecia um disparo de arma de fogo, mas Carrie Louise avisou logo: — Não foi nada, é lá fora... veio do lado do parque.

Por trás da porta trancada, Edgar esbravejava a plenos pulmões: — Fica aí sentado me olhando... me olhando... fingindo que não se abala. Por que não se ajoelha e pede perdão? Olha que eu vou atirar. Vou atirar para matar! Sou seu filho... o filho enfeitado, que não quis reconhecer... para que eu ficasse escondido, completamente isolado do mundo, talvez. Pôs espiões para me seguir... para me acostrar... conspirou contra mim. O senhor, meu pai! Meu próprio pai. Não passo de um bastardo, não é? Apenas um bastardo. Continuou me pregando mentiras. Fingindo ser bom para

mim, e durante o tempo todo... o tempo todo... Não merece viver. Vou acabar com sua vida. E de novo, uma torrente de palavras. A certa altura da cena Miss Marple escutou Miss Bellever dizer: — Temos que fazer alguma coisa. .. e saiu em seguida.

Edgar parou, aparentemente para recobrar o fôlego, e depois vociferou: — O senhor vai morrer... morrer. E vai ser agora. Toma lá esta, seu diabo, e mais esta! Ouviram-se dois estampidos — desta vez não no parque, mas decididamente atrás da porta trancada.

Alguém — que Miss Marple achou que era Mildred gritou: — Ah, meu Deus, que vamos fazer? No interior do gabinete ressoou um baque surdo e em seguida um som, quase mais terrível do que o que acontecera antes, o som de soluços, lentos, intensos.

Alguém passou correndo por Miss Marple e começou a sacudir e a bater na porta.

Era Stephen Restarick.

— Abram a porta. Abram a porta — berrou.

Miss Bellever entrou de novo no salão. Trazia na mão um molho de chaves.

— Experimente uma destas aqui — sugeriu, ofegante. Nesse momento as luzes até então apagadas tornaram a se acender. O salão se iluminou todo de novo, depois daquela penumbra fantasmagórica.

Stephen Restarick começou a experimentar as chaves.

Nesse meio tempo ouviram a que estava por dentro cair no chão.

No interior do gabinete, os intensos soluços desesperados prosseguiram.

Walter Hudd, voltando calmamente ao salão, ficou paralisado no mesmo lugar.

— Ei, o que é que está acontecendo aqui?

— Aquele horrível rapaz louco deu um tiro em Mr. Serrocold — explicou Mildred, chorosa.

— Por favor — pediu Carrie Louise, levantando e aproximando-se da porta do gabinete. Empurrou Stephen Restarick para o lado com a máxima delicadeza. — Deixa que eu falo com ele.

E chamou — bem baixinho: — Edgar. .. Edgar... me deixe entrar, sim? Por favor, Edgar.

Ouviram a chave sendo enfiada na fechadura. Girou e a porta se abriu devagar.

Mas não foi Edgar que apareceu e sim Lewis Serrocold. Respirava com dificuldade, como se tivesse dado uma corrida, mas quanto ao mais mantinha-se sereno.

— Não foi nada, querida — disse. — Está tudo em ordem, meu bem.

— Pensamos que o senhor tivesse sido baleado — explicou Miss Bellever, de mau humor.

Lewis Serrocold franziu a testa.

— Claro que não — retrucou, meio áspero.

Agora já dava para ver o interior da sala. Edgar Lawson tinha caído junto da escrivaninha. Soluçava, arquejante. O revólver jazia no chão, aos pés dele.

— Mas nós ouvimos os tiros — disse Mildred.

— Ah! é, ele atirou duas vezes.

— E não acertou no senhor?

— Lógico que não — retrucou Lewis.

Miss Marple não viu nada de lógico nisso. Os tiros deviam ter sido disparados de muito perto.

— Onde anda Maverick? — indagou Lewis Serrocold, irritado. — É dele que precisamos.

— Vou chamá-lo — respondeu Miss Bellever. — Quer que telefone também para a polícia?

— Para a polícia? Absolutamente.

— Evidente, que temos de telefonar para a polícia — disse Mildred. — Ele é perigoso.

— Que bobagem — disse Lewis Serrocold. — Pobre rapaz. Ele tem cara de perigoso? No momento, de fato, não parecia. Dava mais impressão de jovem, patético e repulsivo.

A voz também tinha perdido o rebuscado toque aristocrático. — Não fiz por querer — resmungou. — Não sei o que me deu... falar de todos aqueles troços... devia estar louco.

Mildred fungou.

— Devia estar louco, mesmo. Não fiz por querer. Por favor, Mr. Serrocold, realmente não fiz por querer.

Lewis Serrocold deu-lhe uma pancadinha de leve no ombro.

— Não tem importância, meu rapaz. Não houve dano nenhum.

— Podia ter matado o senhor, Mr. Serrocold.

Walter Hudd atravessou o gabinete e examinou a parede atrás da escrivaninha.

— As balas penetraram aqui — disse. Baixou os olhos para a escrivaninha e para a cadeira atrás dela. — O senhor escapou por um triz — acrescentou, sinistro.

— Perdi a cabeça. Não sabia mais o que estava fazendo. Pensei que ele tivesse lesado os meus direitos. E que...

Miss Marple o interrompeu para perguntar uma coisa que há muito tinha vontade de saber.

— Quem lhe disse que Mr. Serrocold era seu pai? Por um segundo uma expressão dissimulada surgiu no rosto aturdido de Edgar — para desaparecer em seguida.

— Ninguém — disse. — Simplesmente meti na minha cabeça.

Walter Hudd contemplava o revólver caído no chão.

— Onde diabo você conseguiu esta arma? — perguntou. — Arma? — Edgar arregalou os olhos.

— Está com toda a cara de ser minha — disse Walter, curvando-se e apanhandoa.

— E é mesmo! Você a tirou lá do meu quarto, seu verme nojento.

Lewis Serrocold se interpôs entre o intimidado Edgar e o ameaçador americano.

— Tudo isso pode ficar para depois — disse. — Ah, cá está o Maverick. Dê uma olhada nele, sim, Maverick?

O Dr. Maverick adiantou-se para Edgar com uma espécie de entusiasmo profissional.

— Você tem que parar com isso, Edgar — disse. — Tem que parar; viu?

— Ele é um lunático perigoso — afirmou Mildred com veemência. — Andou por aí disparando um revólver, aos berros. Não sei como não acertou no meu padrasto.

Edgar deu um pequeno grito e o Dr. Maverick repreendeu: — Cuidado, por favor, Mrs. Strete.

— Estou farta de tudo isso. Não suporto mais o jeito de vocês todos aqui! Fique sabendo que este homem é um louco.

De um salto, Edgar desvencilhou-se do Dr. Maverick e caiu no chão, aos pés de Serrocold.

— Ajude-me. Ajude-me. Não deixe que me levem para o hospício. Não deixe...

Que cena mais desagradável, pensou Miss Marple.

— Estou lhe dizendo que ele é... — repetiu Mildred, furiosa.

— Por favor, Mildred — atalhou a mãe, apaziguadora. Agora não. Ele está sofrendo.

— Sofrendo, uma ova — resmungou Walter. — Esse pessoal está todo doido.

— Eu cuido dele — disse o Dr. Maverick. — Venha comigo, Edgar. Cama e um sedativo... e amanhã a gente fala nesse assunto. Você confia em mim, não é? Pondo-se em pé, ainda trêmulo, Edgar olhou com cara de dúvida para o jovem médico e depois para Mildred Strete.

-Ela disse...que eu era lunático.

— Não, não, você não é, não.

Os passos de Miss Bellever ressoaram de propósito do outro lado do salão.

Entrou com os lábios franzidos e o rosto afogueado.

— Já telefonei à polícia — anunciou, implacável. — Daqui a pouco estarão aqui.

— Jolly! — exclamou Carrie Louise, horrorizada.

Edgar deu um gemido.

Lewis Serrocold fechou a carranca, irritado.

— Eu não disse, Jolly, que não queria que se chamasse a polícia? Isto aqui é caso para o médico.

— Pode ser que seja — retrucou Miss Bellever. — Cada qual com sua opinião. Mas eu tinha que chamar a polícia. Mr. Gulbrandsen foi morto a tiros.

## Capítulo Oito

Demorou um pouco até que todos compreendessem o que ela havia dito.

— Christian morto? — exclamou Carrie Louise, incrédula. — A tiros? Ah, mas não é possível.

— Se não acreditam — disse Miss Bellever, franzindo os lábios e dirigindo-se não só a Carrie Louise como a todos os presentes —, podem ir verificar com seus próprios olhos.

Estava irritada — o que transparecia no tom cortante da voz.

Lentamente, sem poder crer, Carrie Louise deu um passo na direção da porta.

Lewis Serrocold pôs a mão no ombro.

— Não, meu bem, deixe que eu vou.

E saiu, seguido pelo Dr. Maverick, que lançou um olhar hesitante para Edgar.

Miss Bellever acompanhou-os.

Miss Marple, com delicadeza, levou Carrie Louise até uma cadeira. Ela sentou, com uma expressão magoada e ferida no olhar.

— Christian... morto? — repetiu.

Era o tom perplexo, dolorido, de uma criança.

Walter Hudd conservou-se perto de Edgar Lawson, fazendo-lhe cara feia.

Segurava na mão a arma que tinha apanhado do chão.

— Mas quem poderia querer matar o Christian? — perguntou Mrs. Serrocold, como se estivesse pensando em voz alta.

Era o tipo da pergunta que não exige resposta.

— Doidos! Está todo mundo louco — resmungou Walter baixinho.

Stephen se aproximou de Gina com ar protetor. O rosto assustado da moça era a coisa mais nítida que se via na sala.

De repente a porta da frente se abriu e uma rajada de ar frio entrou junto com um homem de casacão.

A expansividade da sua chegada parecia incrivelmente chocante.

— Olá, pessoal, como vão as coisas? Tinha neblina à beça na estrada. Precisei vir bem devagar.

No primeiro momento de surpresa, Miss Marple julgou que estivesse enxergando duplo. Não era possível que o mesmo homem pudesse estar parado ao lado de Gina e entrar pela porta. Depois percebeu que se tratava apenas de uma semelhança e, olhando bem, nem tão grande assim. Não havia dúvida de que os dois eram irmãos, com forte aparência de família — mas nada mais.

Onde Stephen Restarick era magro a ponto de ser descarnado, o recémchegado era elegante. O casacão de gola de astracã amoldava-se confortavelmente à elegância do corpo. Um rapaz bonito, com autoridade e a boa disposição dos vitoriosos na vida.

Mas Miss Marple notou uma coisa a respeito dele. Os olhos, ao entrar no salão, fixaram-se logo em Gina.

— Você já me esperava, não? — perguntou, meio em dúvida, a Carrie Louise. — Recebeu meu telegrama? Dirigiu-se a ela. Quase maquinalmente, Carrie Louise estendeu-lhe a mão. Ele pegou-a e beijou com delicadeza. Era um ato carinhoso de respeito e não mera cortesia teatral.

— Claro, meu caro Alex... claro — murmurou ela. Só que, você vê... aconteceu tanta coisa...

— O que é que aconteceu? Foi Mildred quem deu a informação, com uma espécie de prazer feroz que Miss Marple achou de mau gosto.

— O Christian Gulbrandsen — disse ela. — O meu irmão Christian Gulbrandsen foi encontrado morto a tiros.

— Deus do céu! — Alex demonstrou uma consternação fora do normal. — Suicídio, você quer dizer? Carrie Louise interveio logo.

— Oh, não — exclamou. — Não pode ter sido suicídio. Não com o Christian! Oh, não.

— Tenho certeza. de que tio Christian nunca se mataria — afirmou Gina.

Alex Restarick olhava de uma para outra pessoa. Recebeu uma espécie de rápido aceno confirmativo do irmão, Stephen. Walter Hudd encarou o com certo rancor. Os olhos de Alex

pousaram em Miss Marple. De repente franziu a testa como se tivesse encontrado um acessório indesejável no palco de um teatro.

Ficou com ar de quem esperasse explicação para a presença dela. Mas ninguém fez isso e Miss Marple continuou com a mesma cara de velha tonta e docemente perplexa.

— Quando? — perguntou Alex. — Quando foi que aconteceu isso, quero dizer?

— Pouco antes de você chegar — respondeu Gina. Uns... três ou quatro minutos, mais ou menos. Nós até ouvimos o tiro. Só que nem notamos... por assim dizer.

— Não notaram? Mas como?

— Bom, você compreende, estavam acontecendo outras coisas. . .Gina meio que hesitou.

— Se estavam — disse Walter, com ênfase.

Juliet Bellever entrou no salão pela porta da biblioteca. — Mr. Serrocold sugere que nós todos deveríamos esperar na biblioteca: Seria mais conveniente para a polícia. Exceto Mrs. Serrocold. Você levou um susto, Cara. Já mandei colocar bolsas de água quente em sua cama. Vou levá-la até lá em cima e...

Carrie Louise levantou-se e sacudiu a cabeça.

— Primeiro tenho que ver o Christian — disse.

— Não faça isso, meu bem. Você vai ficar abalada... Carrie. Louise afastou-a delicadamente com a mão.

— Minha cara Jolly... você não entende. — Olhou em torno.

— Jane? Miss Marple já tinha se aproximado.

— Venha comigo, sim, Jane? Dirigiram-se à porta. O Dr. Maverick, que vinha entrando, quase esbarrou nelas.

— Dr. Maverick — exclamou Miss Bellever. — Não a deixe ir, por favor. É uma insensatez.

Carrie Louise olhou calmamente para o jovem médico. Inclusive sorriu-lhe de leve.

— A senhora quer ir... vê-lo? — perguntou o Dr. Maverick.

— É imprescindível.

— Sei. — Cedeu-lhe passagem. — Já que assim acha, Mrs. Serrocold... Mas depois, por favor, vá se deitar e deixe Miss Bellever

cuidar da senhora. De momento não está sentindo nenhuma reação, mas lhe garanto que sentirá.

— Sim. Creio que tem razão. Serei bem razoável. Venha, Jane.

As duas passaram pela porta, ao pé da escadaria principal, atravessaram o corredor, a sala de refeições à direita e a porta dupla que comunicava com as dependências da cozinha à esquerda saíram no terraço e entraram no pequeno apartamento de móveis de carvalho ocupado por Christian Gulbrandsen. A peça mais parecia uma sala que um quarto de dormir; a cama estando embutida num nicho lateral e a porta interna dando para um misto de quarto de vestir e banheiro.

Carrie Louise estacou no limiar. Christian Gulbrandsen havia sentado à grande escrivaninha de mogno com uma máquina de escrever portátil aberta à sua frente.

Continuava no mesmo lugar, só que caído de lado no assento. Os braços altos da cadeira impediam que escorregasse para o chão.

Lewis Serrocold estava parado de pé à janela. Tinha aberto um pouco a cortina e contemplava a noite lá fora. Virou-se e franziu o cenho.

— Minha querida, você não devia ter vindo. Veio ao seu encontro e ela estendeu-lhe a mão.

Miss Marple recuou um pouco.

— Oh, sim, Lewis. Eu precisava... vê-lo. A gente tem que saber exatamente como são as coisas.

Dirigiu-se lentamente à escrivaninha.

— Não toque em nada — preveniu Lewis. — Quando a polícia chegar, tudo tem que estar exatamente como eu achei.

— Evidente. Ele, então, foi baleado deliberadamente por alguém?

— Foi, sim. — Lewis Serrocold pareceu meio surpreso ao ouvir essa pergunta. — Pensei que você já soubesse.

— E sabia, mesmo. Christian seria incapaz de se suicidar e era uma pessoa tão cuidadosa que não pode ter sido acidente. Só... — hesitou um instante —, assassinato.

Passou para trás da escrivaninha e ficou parada, contemplando o morto.

Havia tristeza e afeição em sua fisionomia.

— Querido Christian — disse. — Foi sempre tão bom para mim.

Tocou delicadamente o alto da cabeça do morto com os dedos.

— Deus te abençoe e muito obrigada, meu caro Christian — acrescentou.

— Só Deus sabe como eu gostaria de poupar isso, a você, Caroline — exclamou Lewis Serrocold, mais emocionado do que Miss Marple estava acostumada a vê-lo.

A esposa sacudiu a cabeça de leve.

— No fundo, nunca se pode poupar nada a ninguém — disse. — Mais cedo ou mais tarde, a realidade tem que ser enfrentada. Foi bom ter sido mais cedo. Agora vou me deitar.

— Você vai ficar até a polícia vir, não é, Lewis?

— Vou, sim.

Carrie Louise virou as costas e Miss Marple passou-lhe o braço pelos ombros.

## Capítulo Nove

O inspetor Curry e sua comitiva encontraram Miss Bellever sozinha no salão quando chegaram.

Ela se adiantou, toda eficiente.

— Sou Juliet Bellever, dama de companhia e secretária de Mrs. Serrocold.

— Foi a senhora quem encontrou o corpo e nos telefonou?

— Foi. Quase toda a família está na biblioteca. .. do outro lado daquela porta ali.

Mr. Serrocold ficou no quarto de Mr. Gulbrandsen, cuidando para que não mexessem em nada. O Dr. Maverick, que foi o primeiro a examinar o cadáver, não deve demorar. Teve que atender um... caso lá na outra ala.

— Quer que lhe mostre o caminho?

— Sim, por favor.

"Mulher competente", pensou o inspetor consigo mesmo.

"Parece que já está senhora da situação." Seguiu-a pelo corredor a fora.

Durante os vinte minutos subsequentes, a rotina das providências se pôs devidamente em ação. O médico-legista chegou e o Dr. Maverick apareceu para ajudá-lo. Meia hora depois, a ambulância já tinha levado os restos mortais de Christian Gulbrandsen e o inspetor Curry iniciara o interrogatório oficial.

Lewis Serrocold conduziu-o à biblioteca, onde ele lançou um olhar penetrante às pessoas ali reunidas, fazendo rápidas anotações mentais. Uma velha de cabelo branco, uma senhora de meia-idade, uma moça bonita que já havia visto dirigindo o carro pelos arredores e aquele marido americano que andava sempre de cara emburrada. Dois rapazes que, de um modo ou de outro, tinham que ver com a organização e a competente Miss Bellever, que lhe telefonara e o recebera ao chegar.

O inspetor Curry já tinha planejado um pequeno discurso, que passou logo a pronunciar.

— Creio que isso tudo é muito desagradável para vocês — disse — e espero não retê-los hoje por mais tempo do que for necessário. Amanhã poderemos examinar as coisas mais a fundo. Foi Miss Bellever quem encontrou Mr. Gulbrandsen morto e vou pedir a ela para me dar um esquema geral da situação a fim de pouparmos repetições supérfluas. Mr. Serrocold, se quiser ir fazer companhia à sua senhora, não se acanhe. Quando eu terminar com Miss Bellever, gostaria de falar com o senhor. Ficou tudo bem claro? Será que não tem uma sala pequena onde...

— O meu gabinete, Jolly? — propôs Lewis Serrocold. Miss Bellever concordou com a cabeça.

— Ia mesmo sugerir.

Tomou a dianteira para cruzar o salão e o inspetor Curry seguiu-a, em companhia do sargento auxiliar.

Miss Bellever dispôs tudo da maneira mais conveniente. Até parecia que era ela, e não o inspetor Curry, quem estava chefiando

as investigações.

Chegou o momento, porém, em que a iniciativa passou para ele. O inspetor Curry tinha uma voz e um comportamento simpáticos. Dava impressão de ser calmo, sério e até meio humilde. Certas pessoas cometiam o erro de subestimá-lo. Na verdade era tão competente a seu modo quanto Miss Bellever ao dela. Só que preferia não fazer alarde do fato. Pigarreou.

— Mr. Serrocold já me deu os dados essenciais. Mr. Christian Gulbrandsen era filho mais velho do falecido Eric Gulbrandsen, fundador da Fundação e Bolsas de Estudo Gulbrandsen... e tudo mais. Era um dos curadores desta instituição e chegou ontem aqui, inesperadamente. Confere? — Sim.

O inspetor Curry gostou dessa resposta concisa. Continuou: — Mr. Serrocold tinha ido a Liverpool. Voltou agora de noite, pelo trem das 6h30min.

— Exato.

— Depois do jantar, Mr. Gulbrandsen avisou que pretendia trabalhar no quarto dele e deixou a companhia dos demais, assim que o café foi servido. Confere? — Sim.

— Agora, Miss Bellever, por favor, me descreva com suas próprias palavras como foi que o encontrou morto.

— Hoje de noite houve um incidente bastante desagradável. Um rapaz, um caso psicótico, ficou completamente desequilibrado e ameaçou Mr. Serrocold com um revólver. Os dois estavam trancados nesta sala. O rapaz, finalmente, acabou dando tiros... o senhor pode ver o buraco das balas ali naquela parede. Por sorte Mr. Serrocold não se feriu. Depois dos tiros, o rapaz ficou totalmente desarvorado. Mr. Serrocold me mandou chamar o Dr. Maverick. Consegui telefonar para o quarto dele, mas ele não estava. Localizei-o na residência de um colega, dei-lhe o recado e ele veio logo pra cá. Quando vinha voltando, passei pelo quarto de Mr. Gulbrandsen. Queria perguntar-lhe se não queria alguma coisa... leite quente, ou uísque, antes de se deitar. Bati na porta, mas ninguém atendeu. Aí entrei. E vi que Mr. Gulbrandsen estava morto. Depois liguei para o senhor.

— Quais são as entradas e saídas que existem na casa? E como são guardadas? Não daria para alguém de fora entrar sem ser visto nem ouvido?

— Qualquer pessoa poderia ter entrado pela porta do terraço. Só é trancada quando todo mundo vai dormir, porque é por ali que se passa para ir e vir dos prédios do Colégio.

— E, segundo me parece, há de duzentos e vinte a duzentos e cinquenta delinquentes no Colégio, não é?

— É. Mas os prédios do Colégio são bem guardados e vigiados. Eu diria que fica muito difícil para alguém sair do Colégio desacompanhado.

— Teremos que verificar isso, naturalmente. Mr. Gulbrandsen não teria dado motivo a... digamos, rancor? Por alguma decisão malquista em matéria de orientação?

Miss Bellever sacudiu a cabeça.

— Oh, não. Mr. Gulbrandsen não tinha nada que ver com a direção do Colégio ou com questões administrativas.

— Qual era o objetivo da visita dele?

— Não tenho ideia.

— Mas ele não ficou aborrecido por não encontrar Mr. Serrocold aqui e resolveu logo esperar que ele voltasse?

— Sim.

— O assunto que ele veio tratar, portanto, se relacionava definitivamente com Mr. Serrocold?

— Sim. Mas teria que ser... porque com quase toda a certeza seria referente ao Instituto.

— É, provavelmente. Ele conversou com Mr. Serrocold?

— Não, não deu tempo. Mr. Serrocold só chegou pouco antes da hora do jantar.

— Mas depois do jantar Mr. Gulbrandsen disse que tinha cartas importantes a escrever e retirou-se para fazer isso.

— Ele não sugeriu uma reunião com Mr. Serrocold?

Miss Bellever hesitou. — Não. Ele não sugeriu, não.

— Mas isso não era esquisito? Já que se tinha dado o trabalho de esperar tanto tempo para falar com ele?

— De fato, era.

Parecia a primeira vez que Miss Bellever se dava conta disso.

— Mr. Serrocold não o acompanhou até o quarto?

— Não. Mr. Serrocold ficou no salão.

— E a senhora não tem ideia da hora em que Mr. Gulbrandsen foi assassinado?

— Acho possível que tenhamos ouvido o tiro. Nesse caso, seriam nove e vinte e três.

— Ouviram o tiro? E ninguém se alarmou?

— As circunstâncias eram um pouco especiais.

Descreveu com muitos detalhes a cena entre Lewis Serrocold e Edgar Lawson.

— Quer dizer, então, que ninguém pensou que o tiro pudesse ser proveniente do interior da própria casa?

— Não. Tenho certeza que não. Nós todos ficamos aliviados que não procedesse daqui da sala, compreende? E acrescentou, lúgubre: — Ninguém espera que haja um crime e uma tentativa de assassinato na mesma casa, na mesma noite.

O inspetor Curry reconheceu que era verdade.

— Em todo caso — exclamou Miss Bellever de repente — Sabe, tenho a impressão de que foi isso que depois me fez ir ao quarto de Mr. Gulbrandsen. Eu também queria ver se ele não precisava de nada, mas era uma espécie de pretexto para verificar se estava tudo em ordem.

O inspetor Curry encarou-a um instante. — O que a levou a crer que talvez não estivesse?

— Sei lá. Acho que foi o tiro do lado de fora. Na hora não dei importância. Julguei que fosse apenas a descarga do carro de Mr. Restarick...

— Do carro de Mr. Restarick?

— É. Alex Restarick. Ele chegou de carro agora de noite... pouco depois que tudo aconteceu.

— Sei. Quando a senhora descobriu o corpo de Mr. Gulbrandsen, não tocou em nada no quarto?

— Claro que não — respondeu Miss Bellever com ar de reprovação. — Sabia, naturalmente, que não se devia tocar nem mexer em coisa alguma. Mr. Gulbrandsen tinha levado um tiro na

cabeça, mas não havia nenhuma arma de fogo à vista, de modo que deduzi logo que era assassinato.

— E agora a pouco, quando nos levou até o quarto, estava tudo exatamente como antes, ao encontrar o cadáver? Miss Bellever pensou um pouco. Reclinou-se na cadeira, forçando os olhos. O inspetor Curry achou que ela devia ter uma dessas memórias fotográficas.

— Uma coisa estava diferente — disse. — Não havia nada na máquina de escrever.

— Quer dizer que quando a senhora entrou pela primeira vez, Mr. Gulbrandsen tinha escrito uma carta, que depois desapareceu? - Sim, tenho quase certeza de que vi a ponta branca do papel no rolo.

— Obrigado, Miss Bellever. Quem mais entrou naquele quarto antes da nossa chegada?

— Mr. Serrocold, evidentemente. Ele ficou lá quando vim receber o senhor. E Mrs. Serrocold e Miss Marple também estiveram lá. Mrs. Serrocold insistiu que queria ir.

— Mrs. Serrocold e Miss Marple — disse o inspetor Curry. — Quem é Miss Marple?

— A senhora de idade, de cabelos brancos. Foi colega de escola de Mrs. Serrocold. Chegou há quatro dias, de visita.

— Bem, obrigado, Miss Bellever. Tudo o que nos disse está perfeitamente claro. Agora vou conversar com Mr. Serrecold. Ah, mas talvez... Miss Marple é uma senhora de idade, não? Então falarei primeiro com ela, assim poderá ir dormir logo. Acho meio cruel deixar uma pessoa de idade acordada até tarde — disse o inspetor Curry, todo virtuoso. Deve ter sido um choque para ela.

— Quer que vá chamá-la?

— Sim, por favor.

Miss Bellever saiu do gabinete. O inspetor Curry olhou para o teto.

— Gulbrandsen?— disse. — Por que Gulbrandsen? Duzentos e tantos rapazes desajustados nas dependências do colégio. Não há motivo para que não fosse um deles. Provavelmente foi. Mas por que Gulbrandsen? Um desconhecido no local.

— Sim, mas nós, naturalmente, ainda não sabemos de tudo — retrucou o sargento Lake.

— Por enquanto — disse o inspetor Curry —, não sabemos de nada.

Pôs-se em pé, todo solícito, quando Miss Marple entrou.

Parecia um pouco aturdida. Apressou-se em deixá-la à vontade.

— Ora, não se aflija, madame. — As velhas gostam de ser tratadas de madame, pensou. Para elas, os policiais pertencem decididamente às classes baixas e têm que mostrar respeito pelas superiores. — Tudo isso é muito penoso, eu sei. Mas temos apenas que esclarecer os fatos. Esclarecer por completo.

— Ah, sim, eu sei — disse Miss Marple. — É tão difícil, não é? Esclarecer qualquer coisa, quero dizer. Porque não se pode olhar para duas coisas ao mesmo tempo. E quase sempre se olha para a coisa errada, embora seja muito difícil de dizer se isso acontece por acaso ou de propósito. Os ilusionistas chamam isso de desvio da atenção. São tão inteligentes, não é? E nunca consegui entender como fazem para sumir com um aquário de peixes — pois é o tipo de coisa que não dá para escamotear facilmente, não acha?

O inspetor Curry pestanejou um pouco e concordou brandamente: — De fato é. Agora, madame, Miss Bellever já me descreveu os incidentes de hoje de noite. Creio que todos passaram por momentos de angústia.

— Realmente. Foi tudo tão dramático, sabe? Primeiro aquele rebuliço entre Mr. Serrocold e... — consultou a anotação que tinha feito — o tal de Edgar Lawson. Um rapaz estranhíssimo — disse Miss Marple. — Sempre senti que havia algo de errado com ele.

— Não duvido — retrucou o inspetor Curry. — E depois, passada essa comoção, surgiu a morte de Mr. Gulbrandsen. Ao que me consta, a senhora acompanhou Mrs. Serrocold para ir ver o... o corpo.

— Acompanhei, sim. Ela me pediu para ir junto. Somos velhas amigas.

— Exato. E foram ao quarto de Mr. Gulbrandsen. Nenhuma das duas tocou em nada enquanto estiveram lá?

— De modo algum. Mr. Serrocold já nos tinha prevenido.

— E por acaso não reparou se havia uma carta ou um pedaço de papel, digamos, na máquina de escrever?

— Não havia, não — respondeu Miss Marple prontamente. — Notei isso logo porque me pareceu estranho. Mr. Gulbrandsen estava sentado ali, na frente da máquina, portanto devia ter escrito alguma coisa. Sim, achei estranhíssimo.

O inspetor Curry olhou vivamente para ela.

— Teve oportunidade de conversar com Mr. Gulbrandsen enquanto ele esteve aqui? — perguntou.

— Muito pouca.

— Não há nada de especial... ou significativo, que lembre?

Miss Marple pensou um instante. — Ele indagou sobre o estado de saúde de Mrs. Serrocold. Sobretudo a respeito do coração dela.

— Do coração? Ela sofre do coração?

— Que eu saiba, não.

O inspetor Curry ficou um pouco calado, depois perguntou: — Não ouviu um tiro hoje de noite, durante a briga entre Mr. Serrocold e Edgar Lawson?

— Eu, na realidade, não ouvi. Sou meio surda, sabe? Mas Mrs. Serrocold falou que tinha sido lá fora no parque.

— Parece que Mr. Gulbrandsen retirou-se logo depois do jantar, não?

— Sim, disse que precisava escrever umas cartas.

— Não manifestou nenhuma vontade de tratar de negócios com Mr. Serrocold?

— Não. — E acrescentou: — Os dois já tinham conversado antes.

— Já? Quando? Disseram-me que Mr. Serrocold só chegou em casa pouco antes do jantar.

— Sim, mas ele veio pelo parque e Mr. Gulbrandsen saiu ao seu encontro e os dois ficaram andando de um lado para outro no terraço.

— Quem mais sabe disso?

— Acho que ninguém — respondeu Miss Marple. — A menos, é lógico, que Mr. Serrocold contasse a Mrs. Serrocold. Eu estava por acaso olhando uns passarinhos lá de cima da minha janela.

— Uns passarinhos?

— É. — E depois acrescentou: — Achei que talvez fossem pintassilgos.

O inspetor Curry não estava interessado em pintassilgos. — Por acaso — perguntou delicadamente, — não ouviu nada do que conversavam?

Os inocentes olhos de porcelana azul enfrentaram os dele. — Só pedaços, creio eu — respondeu Miss Marple, suavemente.

— E como é que eram?

Miss Marple ficou um pouco calada, depois disse: — Não deu para entender o verdadeiro assunto da conversa, mas a preocupação imediata dos dois era que Mrs. Serrocold não viesse a saber, seja lá o que fosse. Para poupá-la... foi assim que Mr. Gulbrandsen se expressou, e Mr. Serrocold disse: "Concordo que é nela que se deve pensar". Também falaram que era "uma grande responsabilidade" e que deveriam, talvez, "consultar alguém de fora".

Fez uma pausa.

— Sabe, acho que seria melhor o senhor perguntar tudo isso ao próprio Mr. Serrocold.

— E o que vou fazer, madame. Agora, não aconteceu mais nada hoje à noite que lhe parecesse fora do normal?

Miss Marple refletiu. — Foi tudo tão fora do normal, compreende?.

— De fato. Tem razão.

Houve — um lampejo na memória de Miss Marple. — Ah, teve uma coisa meio inexplicável. — Mr. Serrocold não deixou que Mrs. Serrocold tomasse o remédio dela. Miss Bellever ficou toda atrapalhada com a história.

Sorriu como quem encerra o assunto.

— Mas isso, naturalmente, é um detalhe tão insignificante...

— Sim, lógico. Bem, obrigado, Miss Marple.

Depois que ela saiu da sala, o sargento Lake comentou: — Ela pode ser velha, mas é viva...

## Capítulo Dez



Lewis Serrocold entrou no gabinete e imediatamente o foco das atenções se deslocou para ele. Virou-se para fechar a porta — criando, assim uma atmosfera de intimidade. Atravessou a peça e sentou, não na cadeira que Miss Marple acabava de desocupar, mas na que ficava habitualmente atrás da escrivaninha. Miss Bellever havia acomodado o inspetor Curry numa outra, puxada para perto da escrivaninha, como se quisesse, inconscientemente, reservar o lugar de Lewis Serrocold até a sua chegada.

Depois que sentou, Lewis Serrocold olhou pensativo para os dois policiais. Seu rosto parecia contraído e cansado — o rosto de um homem que passou por uma prova tremenda, o que surpreendeu um pouco o inspetor Curry pois embora a morte de Christian Gulbrandsen pudesse, inegavelmente, ter-se constituído num choque para Lewis Serrocold, Gulbrandsen, porém, não era seu parente nem amigo íntimo, apenas uma ligação bastante remota criada em decorrência de casamento.

De uma maneira estranha, parecia que as posições estavam invertidas. Lewis Serrocold não dava impressão de ter vindo ao gabinete para responder ao interrogatório da polícia e sim de ter chegado para presidir um tribunal de inquérito — o que irritou um pouco o inspetor Curry.

— Muito bem, Mr. Serrocold... — começou, todo animado.

Lewis Serrocold parecia ainda absorto por seus pensamentos. Comentou, suspirando: — Como é difícil saber direito o que se deve fazer.

— Deixe isso por nossa conta, Mr. Serrocold — retrucou o inspetor Curry. — Agora, quanto a Mr. Gulbrandsen ao que me consta, a chegada dele foi imprevista, não?

— Completamente imprevista.

— O senhor nem sabia que ele vinha.

— Não tinha a menor ideia.

— E ainda não sabe por que veio?

— Ah, não, isso eu sei. Ele me disse.

— Quando?

— Eu vim a pé desde a estação. Ele estava olhando aqui da casa e saiu ao meu encontro. Foi então que explicou o motivo da visita.

— Decerto relacionava-se com o Instituto Gulbrandsen, não é?

— Não, não tinha nada que ver com o Instituto.

— Miss Bellever supôs que tivesse.

— Lógico. A suposição seria essa. Gulbrandsen nada fez para desfazê-la. Nem eu tampouco.

— Por que, Mr. Serrocold?

— Porque nos pareceu indispensável que não desconfiassem do verdadeiro motivo da vinda dele.

— E qual era esse motivo?

Lewis Serrocold ficou um instante calado. Suspirou. — Gulbrandsen costumava vir duas vezes por ano, para as reuniões dos curadores. A última foi há um mês. Consequentemente, só devia voltar daqui a cinco meses. Creio, portanto, que todo mundo deve ter percebido que o assunto que o trazia aqui era positivamente inadiável, mas continuo achando que a suposição normal seria de que se tratava de uma visita de negócios e que a questão, por mais urgente que fosse, seria relacionada com a Fundação. Que eu saiba, Gulbrandsen nada fez para contradizer essa impressão... ou julgou que não tivesse feito. É, talvez isso esteja mais perto da verdade. . . ele julgou que não tivesse feito.

— Acho que não estou entendendo bem, Mr. Serrocold.

Lewis Serrocold demorou um pouco para explicar. Por fim disse, muito sério: — Compreendo perfeitamente que, com a morte de Gulbrandsen, que foi assassinato, quanto a isso não resta

dúvida... terei que lhe expor todos os fatos. Mas, com franqueza, estou preocupado com a felicidade e paz de espírito de minha mulher. Não disponho de autoridade para lhe pedir isto, inspetor, mas ficaria muito grato se o senhor pudesse encontrar um meio de mantê-la na ignorância de certas coisas. Na medida do possível. Porque sabe, inspetor, Christian Gulbrandsen veio aqui expressamente para me dizer que tinha motivos para crer que minha mulher estava sendo, lenta e deliberadamente, envenenada.

— O quê? Curry curvou-se para a frente, incrédulo.

Serrocold confirmou.

— Sim. Isso, como pode calcular, me causou um impacto tremendo. Não tinha a mínima suspeita de uma coisa dessas, mas no momento em que Christian me falou, percebi que certos sintomas de que minha mulher vinha se queixando ultimamente estavam completamente de acordo com essa ideia. O que ela interpretava como reumatismo, câibras nas pernas, dores e náuseas ocasionais... tudo isso correspondia muito bem aos sintomas de envenenamento por arsênico.

— Miss Marple nos contou que Christian Gulbrandsen tinha perguntado a ela sobre o estado cardíaco de Mrs. Serrocold.

— Ah é? Que interessante. Vai ver que ele pensou que estivessem usando um veneno que afetasse o coração, uma vez que isso prepararia o caminho para uma morte súbita que não despertasse suspeitas. Mas eu, pessoalmente, julgo mais provável que fosse arsênico.

— O senhor acha, então, positivamente, que as suspeitas de Christian Gulbrandsen tinham fundamento?

— Ah, acho, sim. Para começar, Gulbrandsen só viria me procurar para falar disso se estivesse absolutamente certo do que dizia. Era um homem prudente e obstinado, difícil de convencer, mas muito observador.

— De que provas dispunha?

— Não tivemos tempo para entrar em detalhes. Conversamos muito às pressas.

Só deu para explicar o motivo da visita dele e combinar que não se diria absolutamente nada à minha mulher enquanto não se

tivesse certeza sobre o assunto.

— E de quem desconfiava ele que estaria dando o veneno?

— Ele não me disse e até acho que nem sabia. Talvez suspeitasse. Agora tenho a impressão de que provavelmente suspeitava... senão por que teria sido assassinado?

— Mas não lhe mencionou nenhum nome?

— Não. Concordamos que o assunto devia ser investigado a fundo e ele sugeriu que se pedisse o conselho e a cooperação do Dr. Galbraith, bispo de Cromer. O Dr. Galbraith é velho amigo dos Gulbrandsen e um dos curadores do Instituto. É um homem de muito bom senso e experiência e daria um apoio e consolo inestimáveis à minha mulher se... se fosse preciso revelar-lhe as nossas suspeitas. Tencionávamos consultar a opinião dele para saber se devíamos avisar a polícia.

— Que surpreendente — exclamou Curry.

— Gulbrandsen se separou de nós depois do jantar para ir escrever ao Dr. Galbraith. Estava mesmo batendo a carta à máquina quando levou o tiro.

— Como é que o senhor sabe?

— Porque tirei a carta da máquina — respondeu Lewis, calmamente. — Cá está.

E puxando do bolso interno do paletó uma folha dobrada de papel datilografado, entregou-a a Curry.

— O senhor não devia ter feito isso — censurou o policial, — nem tocado em nada que estivesse na sala.

— Não toquei em mais nada. Sei que, ao mexer nisso, cometi uma infração imperdoável a seu ver, mas tinha meus motivos. Estava absolutamente certo de que minha mulher ia insistir em vir aqui e fiquei com medo de que pudesse ler alguma coisa do que está escrito aí. Reconheço que procedi mal, mas não hesitaria em fazer o mesmo outra vez. Seria capaz de tudo... de tudo... para poupar-lhe qualquer desgosto.

O inspetor Curry não disse nada por um instante. Leu a folha datilografada.

*Prezado Dr. Galbraith,*

*Peço-lhe fazer o possível para vir a Stonygates assim que receber esta carta.*

*Estamos com um problema extremamente grave e não sei como resolvê-lo.*

*Conheço o profundo carinho que o senhor sente pela nossa querida Carrie Louise e a preocupação que tem por tudo que lhe diz respeito. Até que ponto ela precisa ficar ciente? Até que ponto devemos mantê-la na ignorância do que está acontecendo? Essas são as perguntas que encontro dificuldade para responder...*

*Deixando de rodeios, tenho motivos para crer que essa meiga e inocente senhora está sendo envenenada aos poucos. Desconfiei disso pela primeira vez quando...*

A carta terminava abruptamente aí.

— E quando chegou a essa altura, Christian Gulbrandsen levou um tiro? — perguntou Curry.

— Sim.

— Mas por que cargas d'água deixaram a carta na máquina?

— Só posso imaginar duas razões. Primeira, que o assassino não sabia para quem Gulbrandsen estava escrevendo nem qual era o assunto da carta. Segunda, talvez não desse tempo. Pode ter escutado passos e disposto apenas de tempo suficiente para fugir sem ser visto.

— E Gulbrandsen não lhe deu nenhuma pista de quem ele suspeitava... se é que suspeitava de alguém? Houve, talvez, uma levíssima hesitação antes de Lewis responder.

— Não, de maneira alguma. E acrescentou, sem maiores explicações: — Christian era um homem muito justo.

— Como julga que esse veneno... arsênico ou seja lá o que for... estava ou está sendo aplicado?

— Pensei nisso enquanto trocava de roupa para jantar e me pareceu que a forma mais viável seria um remédio, um fortificante, que minha mulher anda tomando.

Quanto à alimentação, nós todos comemos os mesmos pratos e minha mulher nunca come nada que seja especialmente

preparado para ela. Mas qualquer pessoa poderia pôr arsênico no vidro de remédio.

— Temos que pegar esse remédio e mandar examinar.

— Já separei uma amostra — disse Lewis tranquilamente. — Tirei hoje de noite antes do jantar.

E abrindo uma gaveta da escrivaninha tirou um vidrinho fechado à rolha, contendo um líquido vermelho.

O inspetor Curry lançou-lhe um olhar significativo.

— O senhor pensa em tudo, Mr. Serrocold.

— Acredito que o melhor seja sempre agir prontamente.

Agora de noite não deixei que minha mulher tomasse a dose de costume. Continua no mesmo copo, na cômoda de carvalho do salão... o vidro do fortificante, propriamente dito, está na sala de refeições.

Curry curvou-se sobre a escrivaninha. Baixou a voz e falou em tom sigiloso, sem caráter oficial.

— O senhor me desculpe, Mr. Serrocold, mas por que essa ansiedade toda para evitar que sua mulher, fique sabendo? Tem medo que entre em pânico? Não há dúvida de que, para o próprio bem dela, seria melhor que estivesse de sobreaviso.

— Sim... sim, talvez tenha razão. Mas acho que o senhor não entendeu bem. Seria difícil, sem conhecer Caroline, a minha mulher. Inspetor Curry, ela é uma idealista, uma criatura da mais completa boa fé. Dela, pode-se dizer verdadeiramente que não vê, não ouve, nem fala nada de mau. Para ela, seria inconcebível que alguém quisesse matá-la. Mas temos que ir mais longe, ainda. Não se trata apenas de alguém, mas de uma pessoa. .. o senhor, com certeza já se deu conta disso. . . que lhe é muito próxima e cara...

— É essa , então a sua opinião?

— Temos que encarar os fatos. Aqui perto existem cerca de duzentos rapazes de personalidade deformada ou retardada já manifestada muitas vezes pela mais pura e descabida violência. Mas, devido à própria natureza das coisas, nenhum deles pode ser suspeito neste caso. Um envenenador que age aos poucos é alguém que participa da intimidade da família. Pense nas pessoas que moram aqui nesta casa: o marido dela, a filha, a neta, o marido

da neta, o enteado, a quem ela trata como se fosse o próprio filho, Miss Bellever, dama de companhia dedicada e amiga de vários anos. Todas bem próximas e caras a ela... e no entanto tem que se colocar a suspeita: não será uma delas?

— Tem os de fora... — lembrou Curry, hesitante.

— Sim, dê certo modo. O Dr. Maverick, um ou dois professores estão muitas vezes conosco, os empregados... mas, francamente, que motivo poderiam ter?

— E aquele jovem... como é mesmo o nome dele perguntou o inspetor Curry. — Edgar Lawson?

— Sim. Mas faz pouco tempo que frequenta a casa. Não pode ter nenhum motivo plausível. Além do mais, gosta imensamente de Caroline... como todo mundo, aliás.

— Mas é desequilibrado. A agressão que lhe fez hoje, por exemplo.

Serrocold afastou a possibilidade com a mão, impaciente. — Pura criancice. Não tinha a menor intenção de me ferir.

— Nem com aqueles dois buracos de bala ali na parede? Ele atirou no senhor, não atirou?

— Não queria acertar em mim. Estava apenas representando, mais nada.

— Uma forma de representação meio perigosa, Mr. Serrocold.

— O senhor não compreende. Precisa conversar com o nosso psiquiatra, o Dr. Maverick. Edgar é filho ilegítimo. Consolou-se com a falta de pai e a origem humilde fingindo que é filho de um homem famoso. Garanto-lhe que é um fenômeno bem frequente. Ele estava melhorando, melhorando muito. Aí, por um motivo qualquer, regrediu. Identificou-me como "pai" dele e fez uma agressão melodramática, sacudindo o revólver e proferindo ameaças. Não fiquei nada alarmado. Quando abriu fogo, mesmo, sofreu um colapso nervoso, começou a soluçar e o Dr. Maverick levou-o embora, depois de lhe ter dado um sedativo. Amanhã de manhã, provavelmente já estará completamente normal.

— Não quer apresentar queixa contra ele?

— Seria a pior coisa, possível... para ele, bem entendido.

— Francamente, Mr. Serrocold, me parece que ele deveria ser recolhido ao manicômio. Gente que anda por aí dando tiros de revólver para resguardar o amor próprio...! É preciso pensar na comunidade, compreendeu?

— Converse sobre o assunto com o Dr. Maverick — insistiu Lewis. — Ele lhe explicará o ponto de vista profissional. Seja como for — acrescentou, — o pobre Edgar certamente não atirou em Gulbrandsen. Estava aqui dentro, me ameaçando de revólver em punho.

— Era aí que eu queria chegar, Mr. Serrocold. Já examinamos o lado externo à questão. Parece que qualquer pessoa poderia ter vindo de fora e atirado em Mr. Gulbrandsen, uma vez que a porta do terraço estava destrancada. Mas há um campo mais limitado dentro da casa, e em vista do que acaba de contar, tenho a impressão de que se deveria prestar a máxima atenção a esse fato. Parece possível que, com a exceção da velha Miss... ah, sim, Marple, que olhava por acaso da janela do quarto dela, ninguém ficou sabendo que o senhor já havia tido uma conversa particular com Christian Gulbrandsen. Nesse caso, ele pode ter sido assassinado para impedir que lhe comunicasse as suspeitas que tinha. Claro que é muito cedo ainda para se determinar que outros motivos podem existir. Suponho que Mr. Gulbrandsen fosse um homem rico, não?

— Sim, era riquíssimo. Tem filhos, filhas e netos todos provavelmente se beneficiarão com a morte dele. Mas não creio que nenhum se encontre no país e todos são pessoas abastadas e extremamente respeitáveis. Pelo que me consta, não existem ovelhas negras na família.

— Não tinha inimigos?

— Acho pouco provável. Ele não era... realmente, não era desse tipo de homem.

— Quer dizer, então, que tudo se reduz a esta casa e as pessoas que vivem aqui. Quem, de dentro da casa, podia tê-lo assassinado? — É difícil de dizer — respondeu Lewis Serrocold, hesitante. — Tem os empregados, os membros de minha família e os nossos hóspedes. Todos, segundo o seu ponto de vista, são possibilidades, suponho. Só posso lhe dizer que pelo que sei, todo

mundo, com exceção dos criados, estava no salão quando Christian se retirou e que enquanto estive ali, ninguém saiu.

— Ninguém, mesmo?

— Acho que... — Lewis franziu a testa, procurando se lembrar.

— Ah, é. Algumas lâmpadas queimaram. .. Mr. Walter Hudd foi trocar o fusível.

— Aquele moço americano?

— É... claro que não sei, o que aconteceu depois que Edgar e eu entramos aqui.

— E o senhor não pode me dar maiores detalhes, Mr.Serrocold? Lewis Serrocold sacudiu a cabeça.

— Não. Acho que é só o que eu sei. Tudo... tudo é tão inconcebível.

O inspetor Curry suspirou.

— Mr. Gulbrandsen foi morto com um tiro de pistola automática pequena — disse. — Não sabe se alguém da casa tem uma arma dessas? — Não faço ideia, mas me parece pouco provável.

O inspetor suspirou de novo.

— O senhor pode dizer aos outros que todos já podem ir dormir. Amanhã eu falo com eles.

Depois que Serrocold saiu do gabinete, o inspetor Curry perguntou a Lake: — Bem... o que é que você acha? — Ele sabe... ou julga que sabe quem foi que matou — respondeu Lake.

— Sim. Concordo com você. E não está gostando nem um pouco. . .

## Capítulo Onze

No dia seguinte, quando Miss Marple desceu para tomar o café da manhã, Gina correu ao seu encontro.

— A polícia voltou — disse. — Desta vez estão lá na biblioteca. Wally anda completamente fascinado com eles. Não consegue entender por que ficaram tão discretos e distantes. Acho que no fundo ele está absolutamente empolgado com a história

toda. Eu não. Não estou gostando nada disso. Me parece uma coisa horrível. Por que será que ando tão abalada? Por ser italiana por parte de pai?

— É bem possível. Pelo menos talvez explique por que não se importa de demonstrar o que sente.

Miss Marple sorriu um pouco ao dizer isso.

— Jolly está simplesmente danada — continuou Gina, pendurando-se no braço de Miss Marple e puxando-a para a sala de refeições. — Acho que é realmente porque a polícia tomou conta da situação e ela não pode exatamente mandar neles como faz com todo mundo... Alex e Stephen simplesmente nem ligam — concluiu, bem séria, ao entrarem na sala de refeições, onde os dois irmãos terminavam de tomar café.

— Gina, meu bem — retrucou Alex —, como você é cruel. Bom dia, Miss Marple. Eu ligo, e muito. A não ser pelo fato de que mal conhecia o seu tio Christian, sou, sem termo de comparação, o maior suspeito. Espero que se dê conta disso.

— Por quê?

— Ora, parece que cheguei de carro mais ou menos na hora do crime. E eles andaram verificando tudo e também parece que levei muito tempo para vir do portão até a casa.... o suficiente para saltar do volante, correr em torno da casa, entrar pela porta lateral, dar um tiro em Christian e voltar correndo de novo ao carro.

— E o que foi que você fez, mesmo?

— Pensei que as meninas aprendessem ainda pequenas a não fazer perguntas indiscretas. Esperei, como um bobo. durante vários minutos, assistindo o efeito da neblina nos faróis do carro e imaginando o que usaria para conseguir esse efeito no palco. Para o meu novo baÍé, *Limehouse*.

— Mas você pode dizer isso a eles! Claro. Mas sabe como a polícia é. Eles dizem "obrigado" muito civilmente, anotam tudo, e não se tem ideia do que é que estão pensando... só que dão a sensação de ser meio céticos.

— Como me divertiria vendo você em apuros, Alex, comentou Stephen com aquele seu sorrisinho irônico. — Quanto a mim, não tenho medo! Nem saí do salão, ontem à noite.

— Mas não é possível que pensem que fosse um de nós!— exclamou Gina, arregalando os olhos escuros, consternada.

— Não diga que deve ter sido um vagabundo, querida — retrucou Alex, servindose fartamente de geleia. — É tão vulgar.

Miss Bellever meteu a cabeça na porta e perguntou: — Miss Marple, daria pra vir à biblioteca depois de terminar o café?

— A senhora outra vez — reclamou Gina. — Antes de qualquer um de nós.

Parecia um pouco ofendida.

— Ei, que foi isso? — exclamou Alex.

— Não ouvi nada — disse Stephen.

— Pareceu-me um tiro de pistola.

— Eles andam dando tiros no quarto em que tio Christian foi assassinado — explicou Gina. — Não sei por quê. E lá fora também.

A porta se abriu de novo e Mildred Strete entrou. Estava toda de luto e trazia um terço de ônix na mão.

Deu bom dia baixinho sem olhar para ninguém e sentou.

— Um pouco de chá. por favor, Gina — pediu, num sussurro. — Quase nada de comer... só umas torradas.

Tocou de leve o nariz e os olhos com o lenço que segurava numa das mãos. Depois ergueu a cabeça e fitou os dois irmãos como se não os estivesse vendo. Stephen e Alex não se sentiam à vontade. Passaram praticamente a cochichar e não demorou muito para se levantarem e irem embora.

Mildred Strete disse — não dava para afirmar se seria para o universo ou para Miss Marple: — Nem ao menos uma gravata preta!

— Acho que ninguém podia prever que ia haver um assassinato — retrucou Miss Marple, desculpando-o.

Gina abafou o riso e Mildred Strete fulminou-a com os olhos.

— Onde se meteu o Walter? — perguntou-lhe. Gina avermelhou.

— Sei lá. Não vi.

E ficou ali sentada, preocupada como uma criança com culpa no cartório.

Miss Marple se levantou.

— Vou agora à biblioteca — disse.

Lewis Serrocold estava parado junto à janela.

Não havia mais ninguém na biblioteca.

Virou-se quando Miss Marple entrou e foi ao seu encontro, tomando-lhe a mão entre as suas.

— Espero que não esteja se sentindo mal com o choque que levou — disse. — Ficar perto do que é indubitavelmente um assassinato deve exigir muito de alguém que nunca esteve em contato com uma coisa dessas.

A modéstia impediu Miss Marple de responder que, a essa altura, já estava muito acostumada com assassinatos. Limitou-se a dizer que a vida em St. Mary Mead não era, propriamente, tão resguardada quanto às pessoas de fora poderiam crer.

— Acontecem coisas bem desagradáveis num lugar pequeno, lhe garanto — declarou. — Lá a gente tem oportunidade de ver coisas que nunca se vêem numa cidade grande.

Lewis Serrocold escutou pacientemente, mas meio distraído.

— Preciso de sua ajuda — declarou com toda a simplicidade.

— Pois não, Mr. Serrocold.

— É um assunto que diz respeito à minha mulher... que diz respeito a Caroline.

— A senhora gosta muito dela, não é?

— Gosto, sim. Todo mundo gosta.

— Isso era o que eu pensava. Parece que me enganei. Com a permissão do inspetor Curry, vou lhe contar uma coisa que por enquanto ninguém sabe. Ou talvez fosse melhor dizer que só uma pessoa sabe.

E contou-lhe, em poucas palavras, o que tinha dito ao inspetor Curry na véspera.

Miss Marple ficou horrorizada. — Não é possível, Mr. Serrocold. Realmente não dá para acreditar.

— Foi a reação que eu tive quando Christian Gulbrandsen me contou.

— Seria capaz de jurar que a nossa Carrie Louise não tem nenhum inimigo no mundo inteiro.

— Parece incrível que ela possa ter. Mas compreende o que isso significa? O envenenamento... o envenenamento paulatino. "Só

pode estar sendo feito por alguém da nossa própria família". Deve ser uma pessoa que participa da intimidade da casa...

— Se for verdade. Tem certeza que Mr. Gulbrandsen não se enganou?

— Tenho. Christian era prudente demais para fazer uma afirmação dessas sem fundamento. Além disso, a polícia levou o vidro de remédio de Caroline e uma amostra separada do conteúdo. Em ambos constataram a presença de arsênico... que não estava incluído na fórmula. Os testes quantitativos, propriamente ditos, levarão mais tempo... uma coisa, porém, é certa: o remédio continha arsênico.

— Então o reumatismo dela... a dificuldade para caminhar... tudo isso...

— Sim, as câibras nas pernas são típicas, me disseram. Além disso, antes de a senhora chegar, Caroline sofreu um ou dois ataques muito fortes de natureza gástrica... nunca sonhei, antes de Christian me falar...

Deixou a frase no ar.

— Então. até que Ruth tinha razão! — exclamou Miss Marple baixinho.

— Ruth?

Lewis Serrocold parecia surpreso.

Miss Marple corou. — Tem uma coisa que não lhe contei. Minha vinda aqui não foi puramente fortuita. Se me permite explicar... acho que não sei contar nada direito. Peço-lhe que seja paciente, por favor.

Lewis Serrocold prestou atenção enquanto Miss Marple descreveu-lhe a inquietação e a insistência de Ruth.

— Que coisa mais incrível — comentou. — Não tinha a menor ideia disso.

— Era tudo tão vago — disse Miss Marple. — A própria Ruth não sabia por que havia sentido essa sensação. Devia haver um motivo... por experiência, sei que sempre há... mas "algo de errado" foi o máximo que ela conseguiu articular.

— Pois parece que tinha razão — retrucou Lewis Serrocold, carrancudo. — Agora, Miss Marple, compreende a minha posição?

Acha que devo contar isso a Carrie Louise?

— Oh, não — exclamou logo Miss Marple numa voz aflita.

Depois enrubesceu de novo e olhou fixamente, com ar de dúvida, para Lewis. Ele concordou com a cabeça.

— É da minha opinião, não é? Christian Gulbrandsen também era. Nós nos comportaríamos assim com uma mulher comum?

— Carrie Louise não é uma mulher comum. É uma pessoa de muito boa fé, que acredita na natureza humana... ah, meu Deus; estou me expressando tão mal. Mas realmente acho que, enquanto não se souber quem...

— Sim, esse é o ponto crucial. Mas a senhora compreende, não é, Miss Marple, que há um risco em não dizer nada...

— Por isso o senhor quer que eu... como direi?... fique cuidando dela?

— A senhora é a única pessoa em quem posso confiar, compreende? — explicou Lewis Serrocold simplesmente. Todo mundo aqui parece dedicado a ela. Mas será que é mesmo? Ao passo que a sua amizade já data de longos anos.

— E também só cheguei há poucos dias — frisou Miss Marple. Lewis Serrocold sorriu.

— Exato.

— Vou lhe fazer uma pergunta muito mercenária — disse Miss Marple, em tom de quem já se desculpa. — Mas quem, precisamente, lucraria com a morte da nossa Carrie Louise?

— Dinheiro! — exclamou Lewis, ressentido. — Tudo se reduz sempre a dinheiro, não é?

— Bem, neste caso acho que não resta dúvida. Porque Carrie Louise é uma pessoa boníssima, cheia de encanto, e não se pode realmente imaginar alguém que não goste dela. Aliás, ela não poderia ter um inimigo. Por isso, como diz, tudo se reduz a uma questão de dinheiro. Nem preciso lembrar, Mr. Serrocold, que há pessoas capazes de fazer qualquer coisa por dinheiro.

— É, tem razão. E continuou: — O inspetor Curry, naturalmente, já considerou esse aspecto. Mr. Gilfoy virá hoje de Londres para prestar informações detalhadas. Gilfoy, Gilfoy, James & Gilfoy é uma firma de advogados muito respeitada. O pai desse

Gilfoy foi um dos primeiros sócios e eles redigiram tanto o testamento de Caroline como o de Eric Gulbrandsen. Vou lhe explicar nos termos mais simples...

— Ah, muito obrigada — agradeceu Miss Marple. Sempre acho as leis tão complicadas.

— Eric Gulbrandsen, depois de doar o Colégio, várias bolsas de estudo, bens e outros legados beneficentes, e de ter estipulado uma soma igual para a filha legítima, Mildred, e para a adotiva, Pippa (a mãe de Gina), deixou o resto de sua imensa fortuna em custódia, cuja renda reverteria a Caroline enquanto fosse viva.

— E depois que ela morresse?

— Teria que ser dividida em partes iguais entre Mildred e Pippa... ou entre os filhos de ambas, caso morressem antes dela.

— De modo que, na realidade, as beneficiárias seriam Mrs. Strete e Gina.

— Sim. Caroline também possui uma fortuna própria bastante considerável, apesar de não comparável à de Gulbrandsen. Metade ela transferiu para mim há quatro anos. Da quantia restante, deixou dez mil libras para Juliet Bellever e o resto dividido em partes iguais entre Alex e Stephen Restarick, os dois enteados.

— Minha nossa! — exclamou Miss Marple. — Que situação mais desagradável.

— Como assim?

— Isso significa que todas as pessoas da família tinham um motivo econômico.

— Pois é. E no entanto, sabe, não posso acreditar que alguma delas fosse capaz de cometer um crime. Simplesmente não posso... Mildred é filha de Caroline... — e já vive muito bem com o que possui. Gina é extremamente apegada à avó. Pode ser generosa e extravagante, mas não tem a mania de comprar tudo o que vê. Jolly Bellever é tão dedicada à minha mulher que chega a ser fanática. Para os dois Restaricks, é como se fosse a própria mãe deles. Não possuem fortuna própria, mas boa parte da renda de Caroline foi aplicada para financiar empreendimentos de ambos... sobretudo de Alex. Simplesmente não posso acreditar que um deles

fosse capaz de envenená-la de propósito, só para ficar com a herança. Simplesmente não posso acreditar nisso, Miss Marple.

— Tem o marido de Gina, não tem?

— Sim — disse Lewis bem sério. — Tem o marido de Gina.

— O senhor, de fato, não o conhece bem. E não se pode negar que é um rapaz muito infeliz.

Lewis suspirou. — Ele não se adaptou aqui. Não tem interesse nem simpatia pelo que estamos tentando fazer. Mas, afinal, por que haveria de ter? É moço, ainda está começando, e veio de um país onde se julga um homem pela capacidade de vencer na vida.

— Ao passo que aqui gostamos tanto de vencidos — retrucou Miss Marple.

Lewis Serrocold lançou-lhe um olhar desconfiado.

Ela corou um pouco e pôs-se a murmurar, toda atrapalhada: — Sabe, às vezes eu acho que se pode chegar a extremos perigosos... Quer dizer, as pessoas jovens, que dispõem de uma boa herança e são criadas com orientação e todo o conforto — e têm firmeza de caráter, ânimo e capacidade para progredir na vida — em suma, pensando bem, é dessa espécie de pessoas que um país precisa.

Lewis franziu o cenho. Miss Marple, cada vez mais vermelha e atrapalhada, apressou-se a explicar: — Não que eu não valorize... valorizo muito, até... o trabalho que o senhor e Carrie Louise... uma obra digna de todos os elogios, cheia de compaixão... coisa que se deve ter... porque, afinal de contas, o que importa é o que as pessoas são — ninguém tem culpa do ambiente em que nasce — e a gente tem o direito de esperar muito mais das que nascem em berço de ouro. Mas às vezes eu acho, mesmo, que o nosso senso de proporção... ah, não me refiro ao senhor, Mr. Serrocold. Para ser franca, nem sei direito o que eu quero dizer... mas os ingleses são meio estranhos nesse sentido. Até na guerra, se orgulham mais das derrotas e retiradas que das vitórias. Os estrangeiros nunca conseguiram entender por que nos orgulhamos tanto de Dunquerque. É o tipo de coisa que prefeririam esquecer. Mas parece que nós sempre ficamos quase sem jeito com uma vitória... como se não ficasse bem alardeá-la. E veja os nossos poetas! A Carga da

Brigada Ligeira, e o pequeno Revenge indo a pique nas Caraíbas. Pensando bem, de fato é uma característica muito estranha! — Tomou fôlego. — O que eu quero dizer, em suma, é que tudo aqui deve parecer esquisitíssimo para o jovem Walter Hudd.

— De fato — concedeu Lewis. — Compreendo seu ponto de vista. E Walter, sem dúvida, possui uma excelente folha de serviços de guerra. A coragem dela foi inegável.

— Não que isso influa muito — disse Miss Marple, imparcial. — Porque a guerra é uma coisa, e a vida cotidiana outra, bem diferente. E na verdade, para se cometer um crime, creio que se precisa mesmo de coragem — ou talvez, com mais frequência, apenas de vaidade. Vaidade, sim.

— Mas eu não diria que Walter Hudd tivesse motivos suficientes.

— Como não? — retrucou Miss Marple. — Ele odeia isto aqui. Está louco para ir embora. E para levar Gina junto com ele, se precisa de dinheiro, seria imprescindível que Gina recebesse toda a herança antes de... se apegar definitivamente a outra pessoa.

— Se apegar definitivamente a outra pessoa — repetiu Lewis, atônito.

Miss Marple maravilhou-se com a cegueira dos paladinos da reforma social. — Foi exatamente o que eu disse. Os dois Restaricks estão apaixonados por ela, sabe?

— Ah, acho que não — murmurou Lewis, distraído. E continuou: — Stephen é inestimável para nós... absolutamente inestimável. A maneira como tem ajudado esses rapazes, deixando-os cheios de entusiasmo, interesse. Fizeram um espetáculo ótimo no mês passado. Cenários, trajes, tudo. O que apenas confirma o que sempre digo ao Maverick, que é por falta de drama em suas vidas que esses rapazes terminam criminosos. Dramatizar tudo é o instinto natural da criança. O Maverick acha...ah..e, o Maverick...

Lewis interrompeu a frase.

— Eu quero que o Maverick fale com o inspetor Curry a respeito do Edgar. Toda esta história, realmente, é tão ridícula.

— O que é que o senhor sabe, mesmo, sobre Edgar Lawson, Mr. Serrocold?

— Tudo — respondeu Lewis, categórico. — Isto é, tudo o que se precisa saber. Seus antecedentes, a maneira como foi criado, a falta de confiança arraigada em si próprio...

Miss Marple interrompeu-o. — Edgar Lawson não poderia estar envenenando Mrs. Serrocold? — perguntou.

— Dificilmente. Faz poucas semanas que está aqui. E minha mulher? O que é que ele ganharia com isso?

— Nenhum lucro material, eu sei. Mas talvez tivesse... algum motivo estranho. Ele é estranho, o senhor sabe.

— Quer dizer, desequilibrado?

— Creio que sim. Não, não... não é bem isso. O que eu quero dizer é que ele é todo errado.

Não era uma explicação muito lúcida do que ela sentia.

Lewis Serrocold tomou suas palavras ao pé da letra. — Sim — concordou com um suspiro. — Ele é todo errado, pobre rapaz. E estava melhorando tão rápido. Não consigo, realmente, compreender por que regrediu de uma hora para outra...

Miss Marple curvou-se logo para frente. — Pois é, foi nisso que fiquei pensando. Se...

Interrompeu a frase quando o inspetor Curry entrou na biblioteca.

## Capítulo Doze



Lewis Serrocold saiu e o inspetor Curry sentou e sorriu de um jeito meio esquisito para Miss Marple.

— Quer dizer, então, que Mr. Serrocold pediu para a senhora ficar de cão de guarda — começou.

— Ah, pois é — retrucou Miss Marple, meio que se desculpando. — Espero que não se importe...

— Eu não me importo. Acho a ideia ótima. Mas será que Mr. Serrocold sabe como a senhora está bem qualificada para o cargo? .

— Acho que não entendi bem, inspetor.

— Ah.

— Pelo que vejo, ele pensa que a senhora é apenas uma velhinha muito simpática que foi colega de aula da mulher dele. — Sacudiu a cabeça. — Nós sabemos que a senhora é bem mais do que isso, não é, Miss Marple? Já está familiarizada com o mundo do crime. Mr. Serrocold só conhece um aspecto desse mundo... o dos calouros promissores. Às vezes até me dá náuseas. Provavelmente estou errado e sou retrógrado. Mas há uma porção de rapazes bons e decentes por aí, que deviam ser ajudados para começar a vida. Mas têm que se contentar com a própria honestidade... os milionários não deixam fundos de garantia para quem merece. Bem... bem, não ligue para o que estou dizendo. Sou antiquado. Já vi rapazes... e moças... que tiveram que lutar contra tudo, contra a influência do meio, contra a falta de sorte, contra tudo que é desvantagem, e que tiveram a firmeza de ânimo para sair vitoriosos. São para eles que vou deixar o meu pé-de-meia, se

chegar a ter um. O diabo, porém, é que nunca hei de ter. Só minha aposentadoria e um pedacinho de jardim.

Sacudiu a cabeça para Miss Marple. — O superintendente Blacker esteve me falando ontem à noite sobre a senhora. Disse que conhece de sobra o pior lado da natureza humana. Vejamos, portanto, sua opinião. Quem é o vilão da história? O marido, que esteve na guerra?

— Isso é o que todos gostariam que fosse — respondeu Miss Marple.

O inspetor Curry sorriu de leve. — Perdi minha namorada por causa de um combatente americano — comentou, entregue a recordações. — Naturalmente sou suspeito para falar. Mas o comportamento dele não ajuda. Vejamos a opinião de uma amadora. Quem é que anda, secreta e sistematicamente, envenenando Mrs. Serrocold?

— Bom — retrucou Miss Marple, judiciosamente —, a natureza humana sendo do jeito que é, fica-se sempre inclinada a pensar no marido. Ou, quando se invertem os papéis, na esposa. Não concorda que é a primeira suposição que se faz em caso de envenenamento?

— Estou pronto a concordar com tudo o. que disser respondeu o inspetor Curry.

— Mas, realmente... neste caso — Miss Marple sacudiu a cabeça. — Não, positivamente... não dá para se pensar seriamente que seja Mr. Serrocold. Porque, veja, inspetor, ele de fato é muito dedicado à esposa. Claro que faria questão de demonstrar que é... só que não se trata de demonstração, mas de uma coisa discretíssima, autêntica. Ele ama a mulher e tenho absoluta certeza de que não seria capaz de envenená-la.

— Sem falar no fato de que não teria nenhum motivo para isso. Ela já transferiu o dinheiro para o nome dele.

— Claro que pode haver outros motivos para um marido querer se livrar da esposa — frisou Miss Marple. — Uma ligação com uma mulher mais moça, por exemplo. Mas eu, francamente, não vejo o mínimo sinal disso no caso que estamos analisando. Mr. Serrocold não age como se tivesse qualquer preocupação de índole

romântica. Creio realmente — parecia até pesarosa de chegar a tal conclusão — que teremos de rejeitar essa possibilidade.

— Que lástima, não é? — disse o inspetor, sorrindo. E, enfim, ele não poderia ter assassinado Gulbrandsen. Parece-me que não há dúvida que uma coisa depende da outra. Quem estiver envenenando Mrs. Serrocold matou Gulbrandsen para impeli-lo de dar com a língua nos dentes. O que precisamos descobrir agora é quem teve oportunidade de matar Gulbrandsen ontem à noite. E o nosso suspeito favorito, sem sombra de dúvida também, é o jovem Walter Hudd. Foi ele quem acendeu a lâmpada do abajur que causou a queima do fusível, obtendo assim um pretexto para se afastar do salão e ir verificar o quadro da luz, que fica na passagem que liga a cozinha ao corredor principal. Foi durante a ausência dele que se ouviu o tiro. Eis aí, portanto, o nosso suspeito nº 1, na posição mais favorável para cometer o crime.

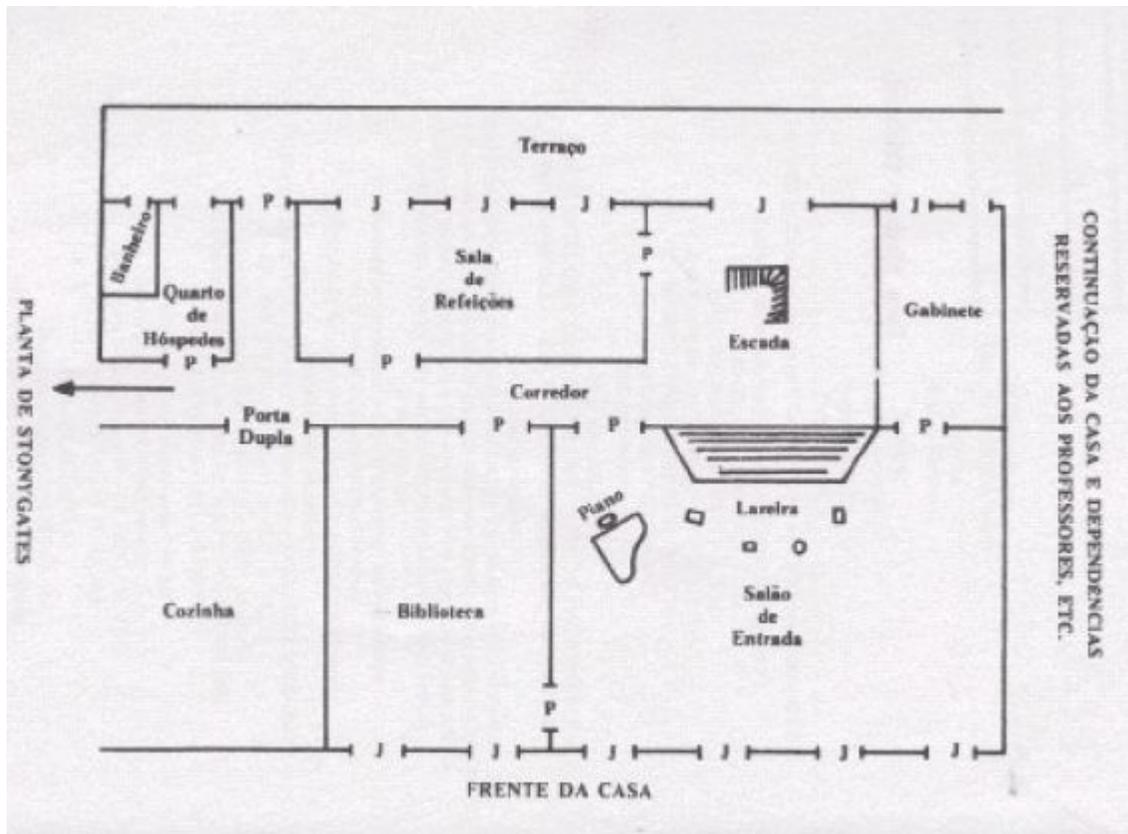
— E quem é o nº 2? — indagou Miss Marple.

— O nº 2 é Alex Restarick, que se encontrava sozinho no carro, desde o portão até a casa, e levou muito tempo para chegar aqui.

— Quem mais? — Miss Marple curvou-se, ansiosa, para frente, sem esquecer de acrescentar: — Como o senhor é amável em me contar tudo isso.

— Não é por amabilidade — retrucou o inspetor Curry, — Preciso de sua ajuda. Acertou em cheio ao perguntar "Quem mais?". Porque é aqui que vou depender da senhora, que ontem à noite estava no salão e pode me dizer quem se afastou de lá...

— E... é, eu devia estar em posição de lhe informar... Mas será que estou? O senhor veja... as circunstâncias...



— Quer dizer que todos ficaram escutando a discussão travada atrás da porta do gabinete de Mr. Serrocold?

Miss Marple confirmou com enérgico movimento da cabeça.

— Sim, compreende, nós todos estávamos de fato muito assustados. Mr. Lawson parecia... parecia, mesmo... completamente louco. A não ser Mrs. Serrocold, que dava impressão de nem se abalar, todos nós temíamos que ele fizesse alguma maldade com Mr. Serrocold. Não parava de gritar, sabe, e esbravejava as coisas mais horríveis, que podiam ser ouvidas com toda a nitidez... e no meio de tudo isso e com a maioria das luzes apagadas... realmente, nem reparei em mais nada.

— Quer dizer que enquanto transcorria essa cena, qualquer pessoa poderia sair disfarçadamente do salão, atravessar o corredor, dar um tiro em Mr. Gulbrandsen e voltar de novo, sem ser vista?

— Creio que sim...

— Tem certeza de alguma pessoa que tenha permanecido o tempo inteiro no salão?

Miss Marple pensou um pouco.

— Eu diria que Mrs. Serrocold “porque eu fiquei cuidando”. Ela estava sentada bem perto da porta do gabinete e não arredou o pé dali. Inclusive me admirei, sabe, que conseguisse se manter tão calma assim.

— E os outros?

— Miss Bellever saiu... mas me parece... tenho quase certeza... que foi depois do tiro. Quanto a Mrs. Strete, francamente não sei. Estava sentada atrás de mim, compreende? Gina ficou junto da janela mais distante. Acho que nunca se afastou dali, mas naturalmente não posso afirmar. Stephen parou de tocar piano quando a discussão começou a se inflamar...

— Não devemos nos deixar impressionar pela hora em que vocês ouviram o tiro — disse o inspetor Curry. — Esse truque já é muito conhecido. sabe? Basta fingir um disparo para fixar o momento... errado, bem entendido... em que o crime foi cometido. Se Miss Bellever planejasse fazer algo semelhante (a hipótese é meio absurda, mas nunca se sabe), ela então sairia do jeito que saiu, abertamente, depois de terem ouvido o tiro. Não, não podemos nos basear por ele. Os limites vão desde o instante em que Christian Gulbrandsen se retirou do salão até quando Miss Bellever o encontrou morto... e só podemos descartar aquelas pessoas que sabemos que não tiveram oportunidade. Ou seja, Lewis Serrocold e o jovem Edgar Lawson aqui dentro do gabinete e Mrs. Serrocold no salão. Pena, naturalmente, que Gulbrandsen fosse assassinado na mesma noite em que houve esse rebuliço todo entre Serrocold e o tal de Lawson.

— Só pena, o senhor acha? — murmurou Miss Marple.

— Por quê? Que lhe parece?

— Ocorreu-me que talvez fosse de propósito.

— Como assim? — Ora, todo mundo parece achar muito estranho que Edgar Lawson pudesse, de uma hora para outra, ter uma recaída, por assim dizer. Ele pegou esse curioso complexo, ou sei lá como se chama, em relação ao pai que nunca conheceu.

Pensava que era filho de Winston Churchill ou do Marechal Montgomery. Tudo dependendo do seu estado de espírito. Qualquer homem célebre que lhe viesse à ideia. Mas suponhamos que alguém o persuadissemos que o pai dele fosse realmente Lewis Serrocold, que também seria quem o andava perseguindo... e que tinha o direito de se julgar o Príncipe Herdeiro, digamos de Stonygates. No seu estado de fraqueza mental, ele aceita a ideia... começa a ficar frenético e, mais cedo ou mais tarde, faz o tipo de cena que se viu. E que proteção maravilhosa isso oferece! Todos terão a atenção fixada na situação perigosa que se armou... ainda mais se alguém teve o cuidado de lhe fornecer um revólver.

— Ah, pois é. O revólver de Walter Hudd.

— Exato — disse Miss Marple —, foi o que me lembrei. Mas, o senhor sabe, Walter pode ser pouco comunicativo e não resta dúvida de que é rabugento e indelicado, mas não acho que seja propriamente burro.

— Na sua opinião, portanto, não foi ele?

— Creio que seria um alívio geral se fosse. Pode parecer falta de caridade, mas é só porque ele é uma pessoa estranha na casa.

— E a mulher dele? — perguntou o inspetor Curry. — Também ficaria aliviada? Miss Marple não respondeu. Estava pensando em Gina e Stephen Restarick parados juntos, tal como os tinha visto no primeiro dia. E se lembrou da maneira como os olhos de Alex Restarick haviam-se fixado logo em Gina ao entrar no saguão na véspera. Qual seria a atitude da própria Gina? Duas horas depois, o inspetor Curry recostou-se na cadeira, espreguiçou-se e deu um suspiro.

— Bem — disse —, já esclarecemos uma porção de coisas.

O sargento Lake concordou. — Os criados é que não foram — disse. — Os que dormem no emprego passaram juntos toda a fase crítica. Os que não moram aqui já tinham ido para casa.

Curry limitou-se a sacudir a cabeça. Não conseguia mais nem pensar.

Tinha entrevistado fisioterapeutas, membros do corpo docente, e o que no íntimo chamava de "os dois jovens reclusos", a quem coubera a vez de jantar com a família naquela noite. Todas

as histórias se encaixavam e conferiam. Podia eliminá-Ios da lista. Suas atividades e hábitos eram comunitários.

Não havia nenhuma alma solitária entre eles. O que era vantajoso em matéria de álibis. Faltava ainda entrevistar o Dr. Maverick, que, pelo que via, tratava-se da pessoa que dirigia o Instituto.

— Mande-o entrar agora, Lake.

E assim o jovem médico irrompeu pelo gabinete adentro, todo limpo, elegante e com um ar meio desumano por trás do pince-nez.

Maverick confirmou as declarações dos professores e concordou com as deduções de Curry. Não havia descuidos nem brechas na inexpugnabilidade do Colégio. A morte de Christian Gulbrandsen não podia ser imputada aos "jovens pacientes", como Curry quase os chamou, de tão hipnotizado que estava pela fervorosa atmosfera médica.

— Mas pacientes é exatamente o que eles são, inspetor — disse o Dr. Maverick com leve sorriso, Era um sorriso de superioridade e o inspetor Curry não seria humano se não ficasse um pouco ressentido.

— Agora, quanto a seus próprios movimentos, Dr. Maverick? — perguntou com ar profissional. — Poderia descrevê-los?

— Pois não. Anotei-os para o senhor, com as horas aproximadas.

O Dr. Maverick tinha saído do salão às nove e quinze, em companhia de Mr. Lacy e do Dr. Baumgarten. Dirigiram-se aos aposentos deste último, onde os três ficaram discutindo certas modalidades de tratamento até que Miss Bellever chegou correndo, pedindo que o Dr. Maverick fosse ao salão. Isso devia ter sido mais ou menos às nove e meia. Ele havia ido logo ao salão, encontrando Edgar Lawson em estado de colapso nervoso.

O inspetor Curry remexeu-se um pouco na cadeira.

— Um momento, Dr. Maverick. — Esse rapaz, na sua opinião, é positivamente um caso mental?

O Dr. Maverick tornou a sorrir com aquele ar de superioridade. — Todos nós somos casos mentais, inspetor Curry.

Que resposta mais idiota, pensou o inspetor. Sabia perfeitamente que não era um caso mental — o Dr. Maverick, se quisesse, podia ser! — Ele é responsável pelo que faz? Sabe o que está fazendo, quero dizer?

— Perfeitamente.

— Então quando disparou aquele revólver contra Mr. Serrocold foi, decididamente, tentativa de homicídio.

— Não, não, inspetor Curry. Nada disso.

— Mas como, Dr, Maverick? Eu vi os dois buracos de bala na parede. Devem ter passado raspando pela cabeça de Mr. Serrocold.

— Talvez. Mas Lawson não teve intenção de matar nem ferir Mr. Serrocold. Ele gosta muito de Mr. Serrocold.

— Que maneira mais estranha de demonstrá-lo.

O Dr. Maverick sorriu de novo. O inspetor Curry já começava a se exasperar com aquilo.

— Tudo o que se faz é intencional. Cada vez que o senhor esquece um nome ou um rosto, inspetor, é porque, inconscientemente, quer esquecer.

O inspetor Curry fez cara de descrença. — Cada vez que se comete um lapso verbal, esse lapso tem uma significação. Edgar Lawson estava parado a poucos passos de distância de Mr. Serrocold. Poderia facilmente tê-la matado com um tiro. No entanto, errou a pontaria. Por quê? Porque queria errar. Simplesmente, Mr. Serrocold nunca correu nenhum risco... e o próprio Mr. Serrocold sabia perfeitamente disso. Interpretou o gesto de Edgar exatamente como era... um gesto de desafio e rancor contra um mundo que lhe negou as necessidades básicas da vida de uma criança... segurança e afeto.

— Acho que gostaria de falar com esse rapaz.

— Pois não, como queira. O desabafo dele ontem à noite teve um efeito de catarse. Hoje já está muito melhor, Mr. Serrocold vai ficar satisfeitíssimo.

O inspetor Curry olhou bem para ele, mas o Dr. Maverick manteve a seriedade de sempre.

Curry suspirou. — O senhor tem arsênico?

— Arsênico? — A pergunta pegara o Dr. Maverick desprevenido. Era evidente que não a esperava. — Que pergunta mais estranha. Por que arsênico?

— Responda apenas à minha pergunta, por favor.

— Não, não tenho nenhum tipo de arsênico em meu poder.

— Mas algumas drogas o senhor tem?

— Ah, sem dúvida. Sedativos. Morfina, barbitúricos. As coisas de costume.

— É o senhor que trata de Mrs. Serrocold?

— Não. O Dr. Gunter, de Market Kimble, é o médico da família. Eu sou formado, naturalmente, mas clínico apenas como psiquiatra.

— Sei. Bem, muito obrigado, Dr. Maverick.

Depois que o Dr. Maverick saiu, o inspetor Curry comentou com Lake que os psiquiatras eram criaturas intragáveis.

— Agora vamos ver a família — disse. — Primeiro quero falar com o jovem Walter Hudd. A atitude de Walter Hudd foi precavida. Parecia estar analisando o policial com uma expressão levemente desconfiada. Mas mostrou-se bastante solícito. A instalação elétrica de Stonygates era muito precária todo o sistema de eletricidade já estava antiquado. Nos Estados Unidos ninguém toleraria um sistema assim.

— Creio que foi instalado pelo falecido Mr. Gulbrandsen, quando a luz elétrica ainda era novidade — disse o inspetor Curry com um leve sorriso.

— Não me admiro! O velho e doce inglês feudal, jamais modernizado.

O fusível que controlava a maioria das lâmpadas no salão tinha queimado e ele havia saído para ir dar uma olhada no quadro de luz. Não demorou muito para consertar tudo e voltar.

— Quanto tempo levou?

— Bom, quanto a isso não tenho certeza. O quadro fica num lugar incômodo. Tive que buscar uma escada e uma vela. Levei dez minutos, talvez. — no máximo um quarto de hora.

— Ouviu o tiro?

— Não, não ouvi nada disso. As portas que comunicam com as dependências da cozinha são duplas e uma delas é forrada com

uma espécie de feltro.

— Ah. E quando voltou ao salão, que foi que viu?

— Estavam todos aglomerados em torno da porta que dá para o gabinete de Mr. Serrocold. Mrs. Strete disse que Mr. Serrocold tinha levado um tiro... mas na verdade não foi bem assim. Mr. Serrocold saiu completamente ileso. O palerma errou a pontaria.

— Reconheceu o revólver?

— Lógico que reconheci! Era meu.

— Quando o tinha visto pela última vez?

— Há dois ou três dias.

— Onde costumava guardá-lo?

— Na gaveta, no meu quarto.

— Quem sabia disso?

— Não tenho a menor ideia de quem sabe o que nesta casa.

— O que é que o senhor quer dizer com isso, Mr. Hudd?

— Ah, são todos doidos!

— Quando chegou no salão, todo mundo estava lá?

— Todo mundo, como?

— As mesmas pessoas que estavam quando saiu para ir consertar o fusível.

— Gina estava... e a velha de cabelo branco... e Miss Bellever... Não reparei muito... mas acho que sim.

— Mr. Gulbrandsen chegou anteontem de maneira bastante imprevista, não foi?

— Creio que sim. Que eu saiba, não tinha o costume de fazer isso.

— Alguém se aborreceu com a chegada dele?

Walter Hudd hesitou um pouco antes de responder. — Não, acho que não.

Havia de novo um toque de cautela no seu jeito. — Por acaso não sabe por que foi que ele veio?

— Imagino que fosse por causa da preciosa Fundação Gulbrandsen. Essa organização aqui é uma loucura.

— Esse tipo de "organização", como o senhor diz, também existe nos Estados Unidos, não?

— Inventar um esquema é uma coisa. Dar-lhe um toque pessoal, como fazem aqui, é outra, bem diferente. Tomei um fartão de psiquiatras no exército. Este lugar está cheio deles. Ensinar pequenos bandidos a tecer cestos de ráfia e esculpir porta-cachimbos. Isso é brincadeira de criança! Frescura!

O inspetor Curry não comentou essa crítica. Possivelmente até concordava com ela.

— Quer dizer, então, que não tem a menor ideia de quem assassinou Mr. Gulbrandsen? — perguntou, observando Walter atentamente.

— Na minha opinião foi um dos rapazes inteligentes do Colégio, para não perder a prática.

— Não, Mr. Hudd, isso está fora de cogitações. Apesar da atmosfera de liberdade que fazem questão de manter com tanto cuidado, o Colégio ainda é um lugar de detenção, sendo administrado como tal. Depois que anoitece, ninguém pode entrar e sair à vontade, para andar cometendo crimes por aí.

— Eu é que não me fio! Mas, se quiser ficar na área da casa, diria que o mais provável seria Alex Restarick.

— Por que diz isso?

— Ele teve oportunidade. Atravessou todo o parque sozinho no carro.

— E por que mataria Christian Gulbrandsen?

Walter encolheu os ombros. — Eu não sou daqui. Não conheço as tramoias da família. Talvez o velhote tivesse ouvido falar qualquer coisa a respeito de Alex e veio contar tudo aos Serrocold.

— Com que intuito?

— Poderiam parar de lhe dar dinheiro. Coisa de que ele precisa... e muito, segundo dizem.

— O senhor se refere... às atividades teatrais dele?

— É esse o nome que ele dá, é?

— Está sugerindo que fossem outras?

Walter tornou a encolher os ombros. — Eu é que não sei — respondeu.

## Capítulo Treze

Alex Restarick falava sem parar. E também gesticulava muito.

— Eu sei, eu sei! Sou o suspeito ideal. Chego de carro sozinho e a caminho da casa me vem uma inspiração súbita. Receio que o senhor não possa com prender.

Seria pedir demais.

— Talvez pudesse — retrucou Curry secamente.

Mas Alex Restarick não se deu por achado.

— É dessas coisas que acontecem! Sobrevêm quando menos se espera. Um efeito... uma ideia... e a gente se esquece do mundo! Mês que vem vou montar *Limehouse Nights*. Ontem à noite, de repente me surge o cenário mais fabuloso... a iluminação perfeita. A neblina... a luz dos faróis tentando romper a cerração... e só conseguindo refletir palidamente uma fileira de prédios altos. Tudo contribuía! Os tiros... o tropel de passos... o barulho de um motor... talvez fosse uma lancha no Tamisa. Aí pensei: descobri!... mas como farei para obter exatamente este efeito? E...

O inspetor Curry interrompeu-o.— Ouviu tiros? Onde?

— No meio da neblina, inspetor. — Alex sacudiu as mãos roliças, bem tratadas.

— No meio da neblina. Era isso que tinha de mais fabuloso.

— Não lhe pareceu anormal?

— Anormal? Por quê?

— Costuma ouvir tiros a toda hora?

— Ah. eu sabia que o senhor não ia compreender! Os tiros faziam parte da cena que eu estava criando. Eu queria tiros. Perigo... ópio... uma coisa de doidos. Que me interessava o que fossem na realidade? A descarga de um caminhão na estrada? Um ladrão, caçando coelhos?

— Nesta região quase só se caça coelho com armadilhas.

— Uma criança soltando foguetes? — continuou Alex, ignorando o comentário. — Nem me ocorreu que fossem tiros.

Estava em Limehouse... ou melhor, na última fila da plateia... contemplando Limehouse.

— Quantos tiros foram?

— Sei lá — respondeu Alex, petulante. — Dois ou três. Só me lembro de que houve um logo em seguida do outro.

O inspetor Curry confirmou com a cabeça.

— E um tropel de passos, não foi isso que o senhor disse? De que lado?

— Vinham do meio da neblina. Bem perto da casa.

— O que significaria que o assassino de Christian Gulbrandsen veio de fora — comentou Curry delicadamente.

— Lógico. Por que não? Por acaso pretende que tenha vindo daqui de dentro?

— Temos que pensar em tudo — retrucou o inspetor Curry, sempre com a máxima delicadeza.

— Sim, de fato — concordou Alex Restarick, condescendente.

— Que trabalho terrível deve ser o seu, inspetor! Os detalhes, a hora, o lugar, a trivialidade insignificante de tudo. E no fim... de que adianta? Devolve a vida do pobre Christian Gulbrandsen?

— Ah, mas a gente tem a satisfação de prender o culpado, Mr. Restarick.

— O toque do Oeste Selvagem!

— Conhecia Mr. Gulbrandsen bem?

— Não o suficiente para assassiná-lo, inspetor. De vez em quando, desde os meus tempos de garoto, o encontrava por aqui. Costumava nos fazer rápidas visitas. Um dos nossos capitães da indústria. O tipo da pessoa que não me interessa. Parece que possuía uma grande coleção de esculturas de Thorwaldsen. — Alex estremeceu. — Acho que basta dizer isso, não? Meu Deus, esses ricos!

O inspetor Curry olhou pensativo para ele. Depois perguntou:

— O senhor se interessa por venenos, Mr. Restarick? — Por venenos? Ah, meu caro, ele, com toda a certeza, não foi envenenado primeiro para ser baleado depois. Que loucura. Ficaria parecido demais com um romance policial.

— Ele não foi envenenado. Mas o senhor não respondeu a minha pergunta.

— O veneno tem um certo atrativo... Não é brutal como a bala de revólver ou o punhal. Mas não entendo do assunto, se é isso que quer saber.

— Nunca teve arsênico em seu poder?

— Para fazer sanduíches... depois do espetáculo? A ideia até que me agrada. Não conhece Rose Glidon? Essas atrizes que se julgam famosas! Não, nunca pensei em arsênico. Não é extraído de herbicida ou papel pega-moscas, não?

— Costuma vir aqui com frequência, Mr. Restarick?

— Depende, inspetor. Às vezes passo muito tempo sem vir. Mas sempre que posso venho todos os fins de semana. Considero Stonygates meu verdadeiro lar.

— Mrs. Serrocold o incentiva nesse sentido?

— Jamais poderei retribuir o que devo a Mrs. Serrocold. Simpatia, compreensão, afeto...

— E muito dinheiro, também, não é?

Alex teve uma pequena reação de revolta. — Ela me trata como filho. Acredita no meu trabalho.

— Nunca lhe falou no testamento que fez?

— Claro que falou. Mas pode-se saber o que pretende com todas essas perguntas, inspetor? Mrs. Serrocold vai indo muito bem de saúde.

— Antes fosse — retrucou Curry, carrancudo.

— Ora essa, que quer dizer com isso?

— Se não sabe, tanto melhor — disse Curry. — Do contrário... fica prevenido.

Depois que Alex saiu, o sargento Lake comentou: — Sujeitinho prosa, hem?

O inspetor sacudiu a cabeça. — Não sei, não. Talvez tenha talento criador mesmo. Talvez goste apenas de levar a vida na flauta e arrotar grandeza. Sabe lá. Disse que ouviu um tropel de passos, não foi? Sou capaz de apostar que é invenção dele.

— Teria algum motivo para isso?

— Sem sombra de dúvida. Por enquanto ainda não sei qual. Mas hei de descobrir.

— Afinal de contas, inspetor, um desses rapazes espertalhões podia ter saído dos prédios do Colégio sem que ninguém visse. Decerto têm alguns. arrombadores no meio deles e nesse caso...

— Isso é o que eles querem que a gente pense. Muito conveniente. Mas se for assim, Lake, eu como o meu chapéu de feltro novo.

— Eu estava sentado ao piano — explicou Stephen Restarick. — Tocava baixinho quando começou a discussão entre Lewis e Edgar.

— O que pensou que fosse?

— Bem... para ser franco, não levei muito a sério. O pobre infeliz costuma ter esses acessos de fúria. Não que seja doido de atar, compreende? Toda aquela bobagem serviu como uma espécie de válvula de escape. A verdade é que ele se irrita facilmente com qualquer um de nós... sobretudo com Gina, é lógico.

— Gina? Quer dizer Mrs. Hudd? Por que ele se irrita com ela?

— Porque é mulher — e uma mulher muito bonita, que vive fazendo troça dele! Sabe, é italiana por parte de pai. E os italianos têm essa tendência inconsciente para a crueldade. Não sentem dó de ninguém que seja velho, feio ou estranho em qualquer sentido. Apontam com o dedo e riem. É o que faz a Gina, praticamente. Nunca o levou a sério. Ele é ridículo, pomposo e, no fundo, fundamentalmente inseguro. Quer impressionar e só consegue bancar o palhaço. Ela nem se importa com que o coitado sofresse como o diabo.

— O senhor insinua que Edgar Lawson está apaixonado por Mrs. Hudd? — perguntou o inspetor Curry.

— Evidente — respondeu Stephen, todo alegre. — Para falar a verdade, todos nós mais ou menos estamos! Ela se diverte com isso.

— E o marido, também se diverte?

— Ele não vê a coisa com bons olhos. Inclusive sofre, coitado. Isso não vai durar muito, sabe? O casamento dos dois, quero dizer. Não demora acaba. Foi só um desses casos de tempo de guerra.

— Tudo isso é muito interessante — disse o inspetor. Mas estamos nos desviando do assunto, que é o assassinato de

Christian Gulbrandsen.

— Tem razão — concordou Stephen. — Mas não sei de nada que possa ajudar. Fiquei lá no piano e só me levantei quando a nossa Jolly veio com um punhado de chaves velhas enferrujadas e experimentou para ver se serviam na fechadura da porta.

— Ficou no piano. E continuou tocando?

— Para fazer acompanhamento à luta de vida ou morte que se travava lá dentro? Não, eu parei quando o negócio esquentou. Não que estivesse em dúvida quanto ao desfecho. Lewis tem um golpe de vista que só posso descrever como dinâmico. Seria capaz de derrotar Edgar. com um simples olhar.

— Mesmo assim Edgar Lawson deu dois tiros dele.

Stephen sacudiu de leve a cabeça.

— Aquilo foi só para impressionar. Para se divertir. Minha mãe gostava muito de fazer o mesmo. Ela morreu ou fugiu com outro homem quando eu tinha quatro anos de idade, mas me lembro que saía disparando com uma pistola se alguma coisa a contrariava. Uma vez foi numa boate. Abriu um rombo na parede. Tinha ótima pontaria. Vivia armando encrenca. Era dançarina russa, sabe?

— Ah, é? Poderia me dizer, Mr. Restarick, quem se afastou do salão ontem à noite enquanto o senhor estava lá... durante o tempo que nos interessa?

— Wally... para arrumar a luz. Juliet Bellever, para achar uma chave que servisse na porta. Mais ninguém que eu saiba.

— Teria notado se alguém saísse?

Stephen pensou um pouco. — Provavelmente não. Isto é, se fossem e voltassem sem fazer barulho. Estava tão escuro no salão... e tinha a luta, que todos nós acompanhávamos com a máxima atenção.

— Existe alguém de quem tenha certeza que ficou lá o tempo todo?

— Mrs. Serrocold... é, e Gina. Elas, eu seria capaz de jurar.

— Obrigado, Mr. Restarick.

Stephen já ia se retirar, mas perto da porta hesitou e voltou.

— Que história de arsênico é essa? — perguntou.

— Quem lhe falou nisso?

— Meu irmão.

— Ah... sim.

— Alguém anda dando arsênico a Mrs. Serrocold?, perguntou Stephen.

— Por que o senhor acha que seria a Mrs. Serrocold?

— Já li a respeito dos sintomas do envenenamento por arsênico. Neurite periférica, não é? Combina mais ou menos com o que ela vem sofrendo de uns tempos para cá. E depois o Lewis tirando-lhe o vidro do fortificante ontem à noite... É isso que anda acontecendo por aqui?

— O assunto está sendo investigado — respondeu o inspetor Curry com o seu ar mais oficial.

— Ela sabe disso?

— Mr. Serrocold fez absoluta questão de não alarmá-la.

— Alarmar não é bem o termo, inspetor. Mrs. Serrocold nunca fica alarmada... É isso que está por trás da morte de Christien Gulbrandsen? Ele descobriu que ela andava sendo envenenada...? Mas como pôde descobrir? Seja como for, a coisa toda parece extremamente improvável. Não tem a mínima lógica.

— E é muito surpreendente para o senhor, não é, Mr. Restarick?

— Se é. Quando Alex me falou, mal pude crer.

— Quem, na sua opinião, seria capaz de dar arsênico a Mrs. Serrocold?

Um sorriso fugaz iluminou o belo rosto de Stephen Restarick.

— Não a pessoa que sempre dá. Pode descartar o marido. Lewis Serrocold não lucraria nada com isso. Além do que venera a mulher. Não suporta que ela sinta a mínima dor.

— Quem, então? Tem alguma ideia?

— Claro que tenho. Até certeza, diria.

— Explique-se, por favor.

Stephen sacudiu a cabeça. — É uma certeza psicologicamente falando. Não em qualquer outro sentido. Não disponho de provas. E o senhor, provavelmente, não concordaria.

Stephen Restarick continuou imperturbável, enquanto o inspetor Curry desenhava gatos na folha de papel a sua frente.

Estava pensando em três coisas. Primeira: que Stephen Restarick era um sujeito muito pretensioso; segunda, que Stephen Restarick e o irmão formavam uma frente única; e terceira, que Stephen Restarick era bonito, ao passo que Walter Hudd era feio.

E também ficou pensando em outras duas coisas — o que Stephen queria dizer com "psicologicamente falando" e se ele poderia ter visto Gina lá do banco do piano. Achou pouco provável.

Gina trouxe um brilho exótico à sinistra escuridão da biblioteca. Até o inspetor Curry meio que pestanejou ante a jovem deslumbrante que sentou, debruçou-se sobre a mesa e perguntou, cheia de expectativa: — E então?

O inspetor Curry, observando a blusa vermelha e as pantalonas verde escuro, retrucou secamente: — Pelo que vejo, Mrs. Hudd, a senhora não está usando luto?

— Não tenho nada que sirva — disse Gina. — Sei que todo mundo deve ter um vestido preto para usar com pérolas. Mas eu não tenho. Detesto o preto. Acho horrendo, e só recepcionistas, governantas e gente assim deviam andar de preto. Seja como for, Christian Gulbrandsen não era, a bem dizer, meu parente. Apenas enteado de minha avó.

— E suponho que não o conhecia muito bem?

Gina sacudiu a cabeça. — Ele veio aqui três ou quatro vezes quando eu era criança, mas depois, com a guerra, fui para a América e só voltei a morar aqui há uns seis meses.

— Voltou em caráter definitivo? Está só de visita?

— Ainda não decidi, propriamente — respondeu Gina.

— Estava no salão ontem à noite, quando Mr. Gulbrandsen foi para o quarto?

— Estava, sim. Ele deu boa noite e retirou-se. Vovó perguntou se não precisava de nada e ele disse que não — que Jolly já tinha tratado de tudo. Não com essas palavras, mas algo parecido. Explicou que precisava escrever umas cartas.

— E depois?

Gina descreveu a cena entre Lewis e Edgar Lawson. Era a mesma história que a essa altura o inspetor Curry já estava farto de ouvir, mas que adquiria um novo colorido, uma nova animação, na

maneira de Gina contar. Ficava dramática. — Era o revólver de Wally — disse. — Imagine a coragem de Edgar, ir roubá-lo lá no quarto. Nunca pensei que tivesse coragem para tanto.

— Não se alarmou quando os dois entraram no gabinete e Edgar Lawson trancou a porta?

— Oh, não — respondeu Gina, arregalando os enormes olhos castanhos. — Adorei. Parecia um dramalhão, sabe, e tão desvairadamente teatral. Tudo o que o Edgar faz é sempre ridículo. Não se pode levá-lo a sério nem por um segundo.

— Mas ele disparou o revólver, não?

— Sim. Aí nós todos pensamos que, afinal de contas, tinha baleado Lewis.

— E a senhora achou graça? — o inspetor Curry não conseguiu refrear a pergunta.

— Ah, não, aí não. Fiquei apavorada. Todo mundo ficou, menos vovó. Ela nem se impressionou.

— Isso me parece bastante surpreendente.

— Nem tanto. É bem dela. Está sempre nas nuvens. É o tipo da pessoa que nunca acredita que possa acontecer qualquer coisa de ruim.

— E durante toda essa cena, quem ficou no salão?

— Ah, nós todos. Menos tio Christian, é lógico.

— Todos não, Mrs. Hudd. Muita gente entrou e saiu.

— Mesmo? — retrucou Gina, vagamente.

— Seu marido, por exemplo, foi arrumar a luz.

— Ah, é. O Wally é ótimo para consertar essas coisas.

— Durante a ausência dele, parece que se ouviu um tiro. Um tiro que todos pensaram que viesse do parque.

— Não me lembro disso... Ah, sim, foi logo depois que as luzes se acenderam de novo e o Wally já tinha voltado.

— Ninguém mais saiu do salão?

— Acho que não. Não me lembro.

— Onde a senhora estava sentada, Mrs. Hudd?

— Junto da janela.

— Perto da porta da biblioteca?

— É.

— Nunca se afastou do salão?

— Afastar-me? Com todo aquele rebuliço? Claro que não. —

Gina parecia escandalizada com a ideia.

— Onde estavam sentados os outros?

— A maioria em torno da lareira, acho eu. Tia Mildred fazia tricô, tal como tia Jane... Miss Marple, quero dizer. Vovó estava simplesmente sentada.

— E Mr. Stephen Restarick?

— Stephen? No começo estava tocando piano. Depois não sei onde se meteu.

— E Miss Bellever?

— Andava de um lado para o outro, como sempre. Ela nunca senta, praticamente. Estava à procura de chaves ou não sei o quê.

De repente exclamou: — Que história é essa do fortificante de vovó? O farmacêutico se enganou na receita ou o quê?

— Por que se lembrou disso?

— Porque o vidro do remédio desapareceu e a Jolly anda procurando por ele feito louca, furiosa da vida. O Alex disse a ela que a polícia tinha confiscado. Foi mesmo?

Em vez de responder a pergunta, o inspetor Curry retrucou: — Miss Bellever se aborreceu, a senhora diz?

— Ah! A Jolly vive criando caso — disse Gina, despreocupadamente. — Ela gosta de fazer espalhafato. Às vezes nem sei como vovó aguenta.

— Só mais uma pergunta, Mrs. Hudd. Não tem ideia de quem matou Christian Gulbrandsen, nem por quê?

— Eu diria que foi um dos esquisitões do Colégio. Os assaltantes até que não são dos piores. Quer dizer, eles apenas esbordoam as pessoas para roubar o caixa, conseguir dinheiro ou joias... não é só pra se divertir. Mas um dos esquisitões. . . o senhor sabe, o que chamam de desajustados mentais... seria capaz de fazer isso só para se divertir, não acha? Porque não vejo que outro motivo poderia haver para matar tio Christian a não ser para se divertir, não é? Aliás, não digo propriamente se divertir, mas...

— Não consegue achar um motivo?

— Sim, é isso que eu quero dizer — respondeu Gina, grata. — Ele não foi roubado nem nada, foi?

— Mas sabe, Mrs. Hudd, os prédios do Colégio estavam fechados a sete chaves. Ninguém poderia sair de lá sem um passe.

— Não acredite nisso — disse Gina, alegremente. — Esses rapazes são capazes de sair de qualquer lugar! Eles me ensinaram uma porção de truques.

— Que criatura mais estimulante — comentou Lake depois que Gina se retirou. — É a primeira vez que a vejo de perto. Que corpo lindo que ela tem, hem? Uma espécie de corpo estrangeiro, não sei se o senhor me entende.

O inspetor Curry lançou-lhe um olhar glacial. O sargento Lake apressou-se a dizer que ela era muito alegre.

— Parece que se divertiu muito com tudo, por assim dizer.

— Não sei se Stephen Restarick acertou ou não quanto à próxima separação do casal, mas notei que ela se esforçou ao máximo para mencionar que Walter Hudd já estava de volta ao salão antes de se ouvir o tiro.

— O que, segundo os outros, não é verdade?

— Exatamente.

— Ela também não mencionou que Miss Bellever saiu do salão para procurar as chaves.

— Pois é — disse o inspetor, pensativo —, não mencionou não...

## Capítulo Quatorze

Mrs. Strete estava muito mais de acordo com a biblioteca do que Gina Hudd.

Nada tinha de exótico. Toda de preto, com um broche de ônix no peito, usava rede nos cabelos grisalhos cuidadosamente penteados.

O inspetor Curry achou que ela dava a impressão exata que a viúva de um cônego da Igreja Anglicana deve dar o que vinha a ser

quase uma anomalia, já que raríssimas pessoas aparentam o que realmente são.

O próprio talho rígido dos lábios possuía um ascético ar eclesiástico.

Personificava a Paciência Cristã e, possivelmente, a Retitude Moral. Mas não, segundo Curry, a Caridade.

Além do mais, era óbvio que Mrs. Strete sentia-se ofendida.

— Parece-me que o senhor bem que podia ter dado alguma ideia da hora que queria falar comigo, inspetor. Fui forçada a passar a manhã inteira sentada, esperando.

Curry percebeu que a tinha ferido na vaidade. Apressou-se a pacificar-lhe o ânimo. — Desculpe, Mrs. Strete. Talvez ainda não saiba como tratamos dessas coisas. Nós começamos pelos testemunhos menos importantes, compreende? Para tirá-los do caminho, por assim dizer. E imprescindível deixar por último a pessoa em cujo discernimento podemos confiar. Uma boa observadora, capaz de confirmar o que nos contaram até agora.

Mrs. Strete se acalmou de maneira visível. — Ah, agora entendi...

— Logo vi que ia entender, Mrs. Strete. A senhora já tem um critério amadurecido, conhece o mundo. E depois isto aqui é o seu lar... a senhora é filha da casa e está em condições de me contar tudo sobre as pessoas que moram sob este teto.

— Sim, certamente — disse Mildred Strete.

— Como vê, portanto, quando se chega à pergunta sobre quem matou Christian Gulbrandsen, a senhora pode nos ser de grande ajuda.

— Mas ainda há alguma dúvida? Não está perfeitamente claro quem é o assassino de meu irmão?

O inspetor Curry se recostou na cadeira. Cofiou o bigodinho bem aparado. — Bom... temos que tomar cuidado — disse. — A senhora acha que está claro?

— Evidente que acho. Foi esse horrendo marido da pobre Gina. E a única pessoa estranha na casa. Não sabemos absolutamente nada a respeito dele. No mínimo é um desses horríveis gângsteres americanos.

— Mas isso não seria motivo suficiente para ele matar Christian Gulbrandsen, não é? Por que haveria de matá-lo?

— Porque Christian tinha descoberto qualquer coisa sobre ele. Foi por isso que veio para cá tão rápido depois da última visita que nos fez.

— Tem certeza disso, Mrs. Strete?

— Repito que me parece perfeitamente óbvio. Ele deixou que pensassem que a visita se relacionava com o Instituto... mas isso é asneira. Faz apenas um mês que esteve aqui. E desde então não surgiu nada de importância. Portanto deve ter vindo para tratar de algum assunto particular. Ele viu Walter durante a última visita, e talvez o tenha reconhecido... ou, quem sabe, andou se informando sobre ele nos Estados Unidos. Naturalmente possui agentes espalhados por todo o mundo... e descobriu algo realmente grave. Gina é muito boba. Sempre foi. Só ela para casar com um desconhecido... sempre foi louca por homem! Um sujeito procurado pela polícia, talvez, ou que já era casado, ou algum mau caráter acostumado a frequentar o mundo do crime. Mas o meu irmão Christian não se deixava enganar assim tão fácil. Tenho certeza de que ele veio aqui para esclarecer toda essa história. Desmascarar Walter e mostrar bem o que ele é. Por isso, naturalmente, Walter matou-o.

O inspetor Curry, acrescentando uns bigodes descomunais a um dos gatos do bloco, disse: — É.

— O senhor não concorda comigo que isso é o que deve ter acontecido?

— Sim... pode ser — admitiu o inspetor.

— Que outra explicação poderia haver? Christian não tinha inimigos. O que não compreendo é: por que ainda não prendeu Walter?

— Bom, Mrs. Strete, a senhora vê, nós temos que ter provas.

— Não deve ser tão difícil assim. Basta telegrafar à América...

— Ah, é, nós vamos nos informar sobre Mr. Walter Hudd.

Quanto a isso não precisa ter medo. Mas enquanto não se encontrar o motivo, não se tem quase nada para se basear. Houve a oportunidade, é claro...

— Ele saiu logo depois de Christian, fingindo que ia trocar o fusível... .

— E trocou mesmo.

— Seria fácil ajeitar isso.

— De fato.

— Isso lhe forneceu o pretexto. Seguiu Christian até o quarto, deu-lhe um tiro, aí trocou o fusível e voltou ao salão.

— A mulher dele diz que ele voltou antes que se ouvisse o tiro lá fora.

— Absolutamente! Gina é capaz de dizer qualquer coisa. Os italianos nunca são sinceros. Ainda por cima é católica.

O inspetor Curry esquivou-se do aspecto religioso da questão.

— Acha que ela está mancomunada com ele?

Mildred Strete hesitou um pouco.

— Não... não, acho que não.

— Parecia meio decepcionada por não achar.

Continuou: — Isso, em parte, deve ter sido o motivo... impedir que Gina soubesse a verdade a respeito dele. Afinal de contas, Gina é quem garante o sustento dele.

— Além de ser muito bonita.

— Ah, é. Eu sempre disse que Gina é atraente. Um tipo bem comum na Itália, naturalmente. Mas quer saber de uma coisa? O que interessa a Walter Hudd é dinheiro. Foi por isso que ele veio para cá e passou a viver à custa dos Serracolds.

— Parece que Mrs. Hudd é muito rica, não?

— Já deixou de ser. Meu pai legou a mesma quantia à mãe de Gina e a mim. Mas ela, evidentemente, adotou a nacionalidade do marido (creio que a lei já foi modificada) e aí, com a guerra e o fato de ele ser fascista, Gina ficou com muito pouco. Minha mãe vive mimando-a e a tia que mora na América, Mrs. Van Rydock, gastou somas fabulosas com ela, comprando-lhe tudo o que queria durante os anos da guerra. Apesar disso, do ponto de vista de Walter, ele só poderá botar a mão no dinheiro quando minha mãe morrer e Gina herdar uma fortuna imensa.

— E a senhora também, Mrs. Strete.

Mildred Strete corou um pouco. — E eu também, como diz. Meu marido e eu sempre vivemos modestamente. Ele gastava muito pouco, e quase tudo em livros... era um grande erudito. O dinheiro que eu tenho sempre deu de sobra. E mais do que suficiente para as minhas pequenas necessidades. Mas a gente gosta de ajudar o próximo. Qualquer herança que eu receber será considerada como um fundo sagrado.

— Mas não ficará num fundo, não é? — perguntou Curry, entendendo mal de propósito.

— Virá totalmente para a senhora.

— Ah, sim... nesse sentido, sim. Será totalmente meu.

Qualquer coisa no som dessa última palavra fez com que o inspetor Curry levantasse abruptamente a cabeça. Mrs. Strete não estava olhando para ele. Seus olhos brilhavam — e os longos lábios finos se contorciam num sorriso de triunfo.

— Quer dizer que na sua opinião — comentou o inspetor Curry com voz ponderada —, e a senhora naturalmente já teve muitas oportunidades de julgar... Walter Hudd quer ficar com o dinheiro que a mulher dele vai herdar quando Mrs. Serracold morrer. Por falar nisso, Mrs. Strete, ela não é muito forte, não é?

— Minha mãe sempre foi frágil.

— Exato. Mas as pessoas frágeis às vezes vivem tanto ou até mais dos que as que gozam de boa saúde.

— É, tem razão.

— Não reparou se de uns tempos para cá sua mãe vem perdendo a saúde?

— Ela sofre de reumatismo. Bom, mas à medida que se envelhece sempre surge algum problema. Não tenho paciência com pessoas que fazem um escarcéu por causa de dores e desgostos.

— Mrs. Serrocold costuma fazer?

Mildred Strete ficou um instante calada. Por fim disse: — Ela mesma, não. Mas está acostumada a que façam por ela. Meu padrasto é solícito demais. E quanto a Miss Bellever, chega a ser positivamente ridícula. Seja como for, Miss Bellever exerce uma péssima influência sobre esta casa. Faz vários anos que veio para cá e a dedicação dela à minha mãe, apesar de admirável em si,

tornou-se realmente uma espécie de castigo. Ela tiraniza, literalmente, a minha mãe. Manda na casa inteira e assume um verdadeiro excesso de responsabilidades. Acho que às vezes Lewis se aborrece. Não me surpreenderia se qualquer dia desses a pusesse na rua. Ela não tem tato... de maneira alguma, e é exasperante para um homem ver a esposa completamente dominada por uma mulher autoritária.

O inspetor concordou delicadamente com a cabeça. — Sei... sei...

Observava-a, pensativo.

— Tem uma coisa que não entendo bem, Mrs. Strete. Qual a posição dos dois irmãos Restarick?

— Mais sentimentalismo idiota. O pai deles casou com a coitada da minha mãe por interesse. Dois anos depois, fugiu com uma cantora iugoslava sem a mínima moral. Ele, também, não valia nada. Minha mãe foi suficientemente compassiva para se apiedar desses dois rapazes. Já que passarem as férias com uma mulher dessa laia estava fora de cogitação para ambos, ela mais ou menos adotou-os. Desde então andam sempre por aqui. Ah, é, parasita é o que não falta nesta casa, isso eu lhe garanto.

— Alex Restarick teve oportunidade de matar Christian Gulbrandsen. Estava sozinho no carro... vindo lá do portão até a casa... mas e Stephen?

— Stephen estava no salão junto conosco. Não gosto de Alex Restarick... anda cada vez mais vulgar e desconfio de que leve uma vida irregular... mas francamente não consigo imaginá-lo como assassino. De mais a mais, por que mataria meu irmão?

— Por mais que se faça, sempre se volta a essa pergunta, não é? — disse o inspetor Curry, bem-humorado. — O que será que Christian Gulbrandsen sabia... a respeito de alguém... que obrigou esse alguém a matá-lo?

— Exatamente — exclamou Mrs. Strete, triunfante. Tem que ser Walter Hudd.

— A menos que fosse outra pessoa da família.

— Que quer dizer com isso? — retrucou Mildred, veemente.

— Mr. Gulbrandsen parecia muito preocupado com a saúde de Mrs. Serrocold quando chegou aqui — disse o inspetor Curry, hesitante.

Mrs. Strete franziu a testa. — Os homens sempre se preocupam com mamãe porque ela parece frágil. Acho até que ela gosta disso! Ou então Christian andou dando ouvido a Juliet Bellever.

— E a senhora, Mrs. Strete? Não se preocupa com a saúde de sua mãe?

— Não. Acho que sou mais sensata. Claro que mamãe não é nenhuma criança...

— E a morte chega para todos nós — completou o inspetor Curry. — Mas não antes da hora marcada. É isso que temos que impedir.

Falou intencionalmente. Mildred Strete de repente se inflamou toda. — Ah, é uma crueldade, uma crueldade. Até parece que aqui ninguém está ligando. Por que haveriam de ligar? Sou a única pessoa que tinha parentesco direto com Christian. Para mamãe, não passava de um enteado adulto. De Gina, nem chegava a ser parente. Mas para mim foi um verdadeiro irmão.

— Só por parte de pai — lembrou o inspetor Curry.

— Sim. Mas apesar da diferença de idade, nós dois éramos Gulbrandsens.

— Eu compreendo seu ponto de vista — disse Curry, delicadamente.

Com lágrimas nos olhos, Mildred Strete retirou-se com passo solene. Curry olhou para Lake.

— Parece que ela tem certeza absoluta que foi Walter Hudd — disse. — Não quer nem admitir a hipótese de que talvez tenha sido outra pessoa.

— Pode ser que tenha razão.

— Claro que pode. Wally se enquadra perfeitamente. Teve a oportunidade... e o motivo. Porque se precisasse do dinheiro com urgência, a avó da mulher dele teria que morrer logo. Assim ele adultera o vidro do fortificante e Christian Gulbrandsen o

surpreende em flagrante... ou fica sabendo de alguma maneira. De fato, ele se enquadra às mil maravilhas.

Fez uma pausa e depois disse: — Por falar nisso, Mildred Strete gosta de dinheiro. Não de gastar talvez, mas gosta. Não sei bem por quê. Talvez seja sovina... com a paixão da sovinice. Ou talvez goste do poder que o dinheiro dá. Para fazer caridade, quem sabe? É uma Gulbrandsen. Talvez queira seguir o exemplo do pai.

— Que complicado, não é? — comentou o sargento Lake, coçando a cabeça.

— Acho melhor a gente falar com esse maluco do jovem Lawson e depois ir lá no salão para calcular quem estava onde... e se... e por que... e quando... Esta manhã nos revelou uma ou duas coisas bem interessantes.

Como é difícil, pensou o inspetor Curry, julgar alguém pelo que os outros dizem.

Naquela manhã Edgar Lawson tinha sido descrito pelas pessoas mais diversas, mas olhando-o agora, as impressões pessoais de Curry eram quase risíveis de tão diferentes. Edgar não lhe parecia "estranho", "perigoso", "arrogante" nem mesmo "anormal", e sim um rapaz bastante comum, muito abatido e com uma humildade semelhante à de Uriah Heep. Parecia jovem, levemente vulgar e um tanto patético.

Só queria saber de falar e pedir desculpas.

— Sei que procedi muito mal. Não entendo o que foi que me deu... não entendo mesmo. Fazer toda aquela cena e armar uma tal confusão. E chegar ao cúmulo de dar tiros. Ainda por cima em Mr. Serrocold, que tem sido tão bom comigo e tão paciente, também.

Retorceu as mãos, nervoso. Eram meio patéticas, de pulsos ossudos. — Se tiver que ser preso pelo que fiz, irei logo com o senhor. Mereço. Vou me declarar culpado.

— Ninguém apresentou queixa contra o senhor — retrucou vivamente o inspetor Curry. — De modo que não temos elementos para agir. Segundo Mr. Serrocold, a pistola disparou por acidente.

— É que ele é bom demais. Nunca houve ninguém mais generoso que Mr. Serrocold! Ele fez tudo por mim. E eu tinha que retribuir me comportando desse jeito...

— E por que se comportou assim?

Edgar pareceu constrangido. — Banquei o idiota.

— A julgar pelas aparências, bancou mesmo — disse o inspetor Curry, secamente. — O senhor declarou a Mr. Serrocold, na presença de testemunhas, que tinha descoberto que ele era seu pai. Isso é verdade?

— Não é, não.

— De onde tirou essa ideia? Alguém lhe botou na cabeça?

— Bem, é meio difícil de explicar.

O inspetor Curry olhou-o, pensativo. Depois sugeriu, com voz amável: — Pelo menos tente. Nós não queremos dificultar as coisas para o senhor.

— Bom, sabe como é, eu passei uma infância bastante penosa. Os outros garotos faziam troça de mim. Porque não tinha pai. Diziam que eu era um pequeno bastardo... o que eu era mesmo, lógico. Mamãe vivia bêbada e recebendo homens em casa o tempo todo. Acho que meu pai foi um marinheiro estrangeiro. Nossa casa estava sempre imunda e aquilo era um verdadeiro inferno. Então pensei, suponhamos que papai não tivesse sido apenas um marinheiro estrangeiro qualquer, mas alguém importante, a comecei a inventar coisas. Primeiro coisas de criança... tinham me trocado no berçário do hospital... era de fato o legítimo herdeiro... esse tipo de coisa. Depois mudei de colégio e de vez em quando procurava fazer insinuações. Disse que meu pai, na verdade, era almirante da marinha. Eu mesmo passei a acreditar nisso. Já não me sentia tão mal como antes.

Parou um pouco e continuou: — E aí, depois, inventei outros troços. Me hospedava em hotéis e contava uma porção de histórias absurdas... que eu era piloto de guerra... ou trabalhava para o serviço de espionagem do exército. Fiquei todo confuso... Parecia que não podia mais parar de pregar mentiras.

"Só que realmente nunca tentei conseguir dinheiro com isso. Era pura fanfarronada para as pessoas pensarem que eu era grande coisa. Não queria ser desonesto. Mr. Serrocold e o Dr. Maverick podem confirmar. Eles sabem de tudo."

O inspetor Curry acenou com a cabeça. Já tinha examinado a ficha e a folha corrida de Edgar.

— No fim Mr. Serrocold conseguiu que me pusessem em liberdade e me trouxe para cá. Disse que precisava de um secretário para ajudá-lo... e eu o ajudei! Ajudei mesmo. Só que os outros riam de mim. Estavam sempre rindo de mim.

— Que outros? Mrs. Serrocold?

— Não, Mrs. Serrocold não. Ela é uma senhora... sempre amável e simpática. Não, mas Gina me trata como lixo. E Stephen Restarick. E Mrs. Strete me despreza por eu não ser de boa família. Miss Bellever também... e o que é que ela é? Uma simples dama de companhia, não é?

Curry começou a notar sintomas de agitação crescente.

— Portanto não encontrou muita compreensão por parte deles?

— É porque eu sou bastardo — respondeu Edgar, inflamado.

— Se tivesse um pai de verdade, não fariam isso comigo.

— E então se apropriou de alguns pais famosos?

Edgar corou. — Parece que não paro de pregar mentiras — murmurou.

— Até que, finalmente, disse que Mr. Serrocold era seu pai. Por quê?

— Porque foi a única forma de obrigá-los a me deixar em paz. Se ele era meu pai, não podiam fazer nada contra mim.

— Sim. Mas o senhor o acusou de ser seu inimigo... de persegui-lo.

— Eu sei...— Coçou a testa. — confundi tudo. Tem hora que... que não vejo nada direito. Fico todo atrapalhado.

— E tirou o revólver do quarto de Mr. Walter Hudd?

Edgar pareceu perplexo. — Tirei? Foi lá que eu o consegui?

— Não se lembra mais?

— Eu pretendia ameaçar Mr. Serrocold com ele — explicou Edgar. — Queria assustá-lo. Tudo coisa de criança de novo.

— Como conseguiu o revólver? — perguntou, paciente, o inspetor Curry.

— O senhor acaba de dizer... no quarto de Walter.

— Ah, então já se lembra?

— Deve ter sido lá. Não pode ter sido de outro modo, não é?

— Sei lá — retrucou o inspetor Curry. — Alguém... podia tê-lo entregue ao senhor.

Edgar ficou calado — com o rosto inexpressivo.

— Foi isso que aconteceu?

— Não me lembro — respondeu Edgar, exaltado. — Estava tão nervoso. Andava pelo jardim, fulo de raiva. Pensei que tinha gente me espionando, me cuidando, tentando me encurralar. Até aquela velhota simpática de cabelo branco... Já não entendo mais nada. Acho que devia estar louco. Não me lembro de metade das coisas que fiz.

— Mas com certeza se lembra de quem lhe contou que Mr. Serrocold era seu pai, não?

Edgar ficou de novo com o mesmo olhar parado no vácuo.

— Ninguém me contou — disse, mal-humorado. —

Simplesmente me ocorreu.

O inspetor Curry suspirou. Não estava satisfeito. Mas achou que o momento não era propício para insistências.

— Bom, para o futuro tome mais cuidado — aconselhou.

— Sim, senhor. Sem dúvida, vou tomar.

Depois que Edgar saiu, o inspetor Curry sacudiu lentamente a cabeça.

— Esses casos patológicos são o diabo!

— Acha que ele é louco, inspetor?

— Muito menos do que eu pensava. Fraco da cabeça, gabola, mentiroso... mas não deixa de ter certa simpatia. Diria que é tremendamente sugestionável...

— O senhor acha que alguém lhe meteu ideias na cabeça?

— Ah, sim, quanto a isso Miss Marple tinha toda a razão. Ela é uma velha muito astuta. Mas gostaria de saber quem foi. Ele não quer dizer. Se ao menos a gente soubesse... Venha, Lake. Vamos reconstituir a cena toda lá no salão.

— Deve ter sido mais ou menos assim.

O inspetor Curry estava sentado ao piano. O sargento Lake ocupava uma cadeira junto à janela que dava para o lago.

— Se eu ficar meio de lado aqui no banco — continuou Curry, — observando a porta do gabinete, não posso ver você.

O sargento Lake se levantou de mansinho e passou silenciosamente pela porta da biblioteca.

— Toda esta parte da sala estava no escuro. As únicas luzes que havia eram as do lado da porta do gabinete. Não, Lake, não vi você se afastar. Depois de entrar na biblioteca, você poderia sair pela outra porta que dá para o corredor... dois minutos para correr até o quarto de hóspedes. Dar um tiro em Gulbrandsen e voltar pela biblioteca até a cadeira junto à janela.

“As mulheres em torno da lareira estão de costas para você. Mrs. Serrocold ficou sentada ali... à direita da lareira, perto da porta do gabinete. Todos afirmam que ela não se mexeu e foi a única que se encontrava bem na linha de visão. Miss Marple estava aqui. Olhava além de Mrs. Serrocold, para o gabinete. Mrs. Strete se manteve à esquerda da lareira junto à porta que liga o salão ao pé da escada, e que é um canto muito escuro. Ela poderia ter saído e voltado. Sim, é possível.”

De repente, Curry sorriu. — E eu também poderia. — Levantou-se rápido do banco e se esgueirou ao longo da parede para passar pela porta.

A única pessoa capaz de notar que eu não continuava mais no piano seria Gina Hudd. E lembre-se do que ela disse: “No começo estava tocando piano. Depois não sei onde se meteu.”

— Acha, então, que é Stephen?

— Sei lá — disse Curry. — Não foi Edgar Lawson nem Lewis Serrocold nem Mrs. Serrocold nem Miss Jane Marple. Mas quanto ao resto... — Suspirou. — Provavelmente é o americano. O tal fusível queimado foi meio conveniente demais... uma coincidência. E no entanto, sabe, até que eu gosto do sujeito. Seja como for, não constitui prova.

Examinou pensativo as peças de música ao lado do piano.

— Hindemith? Quem é? Nunca ouvi falar. Shostakovitch! Que nomes essa gente tem.

Levantou-se e depois pousou os olhos no velho banco do piano. Ergueu-lhe a tampa.

— Cá estão as músicas antigas. O Largo de Mandel, os Exercícios de Czerny. Tudo ainda do tempo do velho Gulbrandsen, a maioria. *I Know a Lovely Garden...* a mulher do pastor costumava cantar isso quando eu era pequeno...

Parou — com as páginas amareladas da canção ainda na mão. Debaixo delas, sobre os Prelúdios de Chopin, havia uma pequena pistola automática.

— Stephen Restarick — exclamou. eufórico, o sargento Lake.

— Não tire conclusões precipitadas — advertiu o inspetor Curry. — Aposto que era isso que queriam que a gente pensasse.

## Capítulo Quinze



Miss Marple subiu a escada e bateu na porta do quarto de Mrs. Serrocold.

— Posso entrar, Carrie Louise? — Claro, Jane.

Carrie Louise estava sentada diante do toucador, escovando os cabelos prateados. Virou a cabeça por cima do ombro.

— A polícia já chegou? Estarei pronta em poucos minutos.

— Tudo bem com você?

— Claro que sim. Jolly insistiu para que eu tomasse o café na cama. E Gina entrou aqui na ponta dos pés. Como se eu estivesse às portas da morte! Acho que as pessoas não se dão conta de que tragédias como a morte de Christian abalam muito menos quem já é velho. Porque a essa altura a gente sabe como tudo pode acontecer... e como realmente pouco importa o que acontece neste mundo.

— Pois... é — concordou Miss Marple, meio em dúvida.

— Você também não acha, Jane? Julguei que achasse.

Christian foi assassinado — frisou.

Miss Marple, hesitante. — Sim ...Entendo o que você quer dizer. Acha que faz diferença?

— Você não?

— Não para o Christian — respondeu Carrie Louise, simplesmente. — Faz, naturalmente, para quem o assassinou.

— Tem alguma ideia de quem seja?

Mrs. Serrocold sacudiu a cabeça, intrigada. — Não, não tenho a mínima. Não posso nem imaginar o motivo. Deve ter sido qualquer coisa relacionada com a visita que ele nos fez... há pouco

mais de um mês. Senão eu acho que ele não teria vindo de novo assim de repente, sem um motivo especial. Seja lá o que for, deve ter começado ali. Já cansei de pensar, mas não consigo me lembrar de nada fora do comum.

— Quem estava aqui na casa?

— Ah! as mesmas pessoas que estão agora... sim, naquela vez Alex tinha vindo de Londres. E... ah, é, Ruth também estava aqui.

— Ruth?

— Na sua costumeira visita relâmpago.

— Ruth — repetiu Miss Marple.

Sua cabeça se pôs a trabalhar. Christian Gulbrandsen e Ruth?

Ruth fora embora preocupada e apreensiva, sem saber por quê. Alguma coisa estava errada, era só o que podia dizer. Christian Gulbrandsen sabia ou suspeitava de algo que Ruth ignorava. Ou seja, que alguém andava tentando envenenar Carrie Louise. Como chegara a ter essas suspeitas? O que teria visto ou ouvido falar? Seria algo que Ruth também tinha visto ou ouvido falar, mas cujo verdadeiro alcance lhe escapara? Miss Marple gostaria de saber o que poderia ter sido. Sua vaga impressão de que (fosse lá o que fosse) se relacionava com Edgar Lawson parecia implausível, já que Ruth nem sequer o mencionara.

Suspirou.

— Vocês todos estão me escondendo alguma coisa, não é? — perguntou Carrie Louise.

Miss Marple sentiu um leve sobressalto ao ouvir aquela voz suave.

— Por que você diz isso?

— Porque estão. Não a Jolly. Mas todos os demais. O próprio Lewis. Ele veio aqui enquanto eu tomava o café se comportou da maneira mais estranha. Provou um pouco do café e até comeu uma fatia de torrada com geleia. Isso é tão diferente dele, que sempre toma chá e não gosta de geleia, que acho que estava pensando noutra coisa... e no mínimo esqueceu de tomar o café dele. Ele de fato costuma se esquecer das refeições, mas parecia tão inquieto e preocupado.

— O assassinato... — começou Miss Marple.

— Sim, eu sei — atalhou Carrie Louise. — E uma coisa horrível. Nunca me meti em nada semelhante. Você já, não é, Jane?

— Bem. .. sim... realmente já — admitiu Miss Marple.

— Foi o que Ruth me disse.

— Ela lhe contou isso da última vez que esteve aqui? — perguntou Miss Marple, curiosa.

— Não, acho que não foi desta vez. Francamente não me lembro.

Carrie Louise falava vagamente, quase distraída.

— Em que é que você está pensando, Carrie Louise?

Mrs. Serrocold sorriu e pareceu voltar de um outro mundo. — Estava pensando em Gina — respondeu. — E no que você disse sobre Stephen Restarick. Gina é um encanto de moça, sabe, e realmente ama o Wally. Tenho certeza de que ama.

Miss Marple não fez comentários.

— As moças como Gina gostam de se divertir um pouco — disse Mrs. Serrocold quase num tom de quem intercede. — São jovens e querem sentir o poder que têm sobre os homens. É perfeitamente natural. Sei que Wally Hudd não é o tipo do marido que sonhávamos para ela. Em circunstâncias normais, nem o teria conhecido. Mas o fato é que conheceu e se apaixonou por ele... e é de se presumir que saiba, melhor do que ninguém, o que mais lhe convém.

— Provavelmente — concordou Miss Marple.

— Mas é tão importante que ela seja feliz.

Miss Marple olhou a amiga com curiosidade.

— Creio que é importante que todos sejam felizes.

— Sim, claro. Mas Gina é um caso ultraespecial. Quando pegamos a mãe dela... quando pegamos Pippa... nós achamos que era uma experiência que simplesmente tinha que dar certo. Sabe, a mãe de Pippa... Carrie Louise parou.

— Quem era a mãe de Pippa? — perguntou Miss Marple.

— Eric e eu combinamos que nunca contaríamos a ninguém — responde Carrie Louise. — Ela mesma jamais soube.

— Eu gostaria de saber — disse Miss Marple.

Mrs. Serrocold olhou-a, em dúvida.

— Não se trata apenas de curiosidade — explicou Miss Marple.

— Eu realmente... bem... preciso saber. Sou um poço, você sabe.

— Você sempre soube guardar segredo, Jane — disse Carrie Louise com um sorriso cheio de recordações. — O Dr. Galbraith... ele agora é o bispo de Cromer... também sabe. Mas mais ninguém. A mãe de Pippa foi Katherine Elsworth

— Elsworth? Não foi aquela mulher que deu arsênico ao marido? Um caso tão comentado.

— Sim.

— Não morreu enforcada?

— Morreu. Mas você sabe que não há certeza absoluta de que tenha sido ela. O marido estava habituado a comer arsênico... naquela época não entendiam muito dessas coisas.

— Ela encharcava o papel de pegar moscas.

— Sempre achamos que a criada prestou falso testemunho.

— E Pippa era filha dela?

— Era. Eric e eu resolvemos dar à criança uma nova oportunidade na vida... cercando-a de amor, carinho e todas as coisas que uma criança precisa. Nós conseguimos. Pippa foi... ela mesma. A criatura mais meiga e feliz que se possa imaginar...

Miss Marple permaneceu longo tempo calada.

Carrie Louise afastou-se do toucador.

— Já estou pronta. Não daria para você pedir ao inspetor, ou seja lá quem for, para vir aqui em cima na minha sala de visitas? Tenho certeza de que ele não vai se incomodar.

O inspetor Curry não se incomodou. Para dizer a verdade, até agradeceu aquela oportunidade de ver Mrs. Serrocold no próprio território dela.

Enquanto ficava ali parado, esperando-a, olhou em tomo com curiosidade.

Aquilo não era a ideia que fazia do boudoir de uma mulher rica.

Havia um divã antiquado e um punhado de cadeiras de aspecto pouco convidativo, em estilo vitoriano, com encostos de madeira retorcida. As cortinas de chitão eram velhas e desbotadas,

mas de belo padrão, reproduzindo uma gravura do Palácio de Cristal. A peça era das menores, embora mesmo, assim fosse mais ampla que a sala de estar da maioria das casas modernas. E apesar do acúmulo de mesinhas, antiguidades e retratos, possuía um ar acolhedor. Curry contemplou um velho instantâneo de duas meninas, uma morena e vivaz, a outra feia e olhando emburrada para o mundo por trás de espessa franja. Fazia poucas horas que tinha visto aquela mesma expressão. "Pippa e Mildred", estava escrito na foto. Havia também um retrato de Eric Gulbrandsen pendurado na parede, em engaste dourado e pesada moldura de ébano. Curry acabava de descobrir a fotografia de um homem bonito, franzindo os olhos de riso, que presumiu que fosse John Restarick, quando a porta se abriu e Mrs. Serrocold entrou.

Estava toda de preto — um preto diáfano e vaporoso. O pequeno rosto alvo e rosado parecia menor do que nunca sob a coroa de cabelos prateados, e havia uma aura de fragilidade em torno dela que calou fundo no coração do inspetor Curry. Só então compreendeu uma coisa que o deixara perplexo no começo da manhã: o motivo por que as pessoas se mostravam tão preocupadas em poupar qualquer aborrecimento a Caroline Louise Serrocold.

E no entanto, pensou, não é do tipo capaz de fazer espalhafato por causa de ninharias...

Ela o cumprimentou, pediu-lhe que sentasse e se instalou numa cadeira vizinha. E em vez de ser ele, foi ela quem o deixou à vontade. O inspetor começou a fazer-lhe perguntas, que Carne Louise respondeu prontamente, sem hesitações. O fusível queimado, a discussão entre Edgar Lawson e seu marido, o tiro que tinham ouvido...

— Não lhe pareceu que vinha do interior da casa?

— Não, achei que era lá de fora. Que talvez fosse a descarga de um carro.

— Durante a discussão entre seu marido e esse jovem Lawson, dentro do gabinete, não reparou se alguém saiu do salão?

— O Wally já tinha ido tratar das luzes. Miss Bellever saiu pouco depois... para buscar alguma coisa, não me lembro o quê.

— Quem mais saiu do salão?

— Que eu saiba, ninguém.

— E a senhora saberia, Mrs. Serrocold?

Ela pensou um pouco. — Não, acho que não.

— Estava completamente absorta pelo que podia ouvir do que se passava dentro do gabinete?

— Estava.

— E ficou apreensiva com o que poderia acontecer?

— Não... não, isso não. Achei que não ia acontecer realmente nada.

— Mas Lawson não tinha um revólver?

— Tinha.

— E não estava ameaçando seu marido com ele?

— Estava. Mas não era a sério.

Essa declaração provocou a costumeira exasperação de leve no inspetor Curry. Com que então ela também! — Não é possível que a senhora tivesse certeza disso, Mrs. Serrocold.

— Pois olhe, eu tive. Cá comigo, quero dizer. Como é que diz a juventude... querendo impressionar? Foi o que me pareceu que era. Edgar ainda é criança. Estava sendo melodramático, bobo, bancando um personagem temerário e desesperado. Vendo-se na pele do herói ultrajado de uma história romântica. Tinha absoluta certeza de que ele jamais daria um tiro com aquele revólver.

— Mas ele deu, Mrs. Serrocold.

Carrie Louise sorriu.

— Acho que disparou por acidente.

O inspetor Curry sentiu-se novamente exasperado. — Não foi por acidente. Lawson deu dois tiros com aquele revólver — e contra seu marido. Ele escapou das balas por um triz.

Carrie Louise pareceu assombrada e depois ficou bem séria.

— Não posso realmente acreditar nisso... Ah, sim — continuou logo, antecipando-se ao protesto do inspetor —, claro que tenho de acreditar, já que o senhor diz. Mas ainda acho que deve haver outra explicação mais simples. Talvez o Dr. Maverick possa me esclarecer isso.

— Ah, é, o Dr. Maverick há de ter uma explicação — retrucou Curry, carrancudo. — O Dr. Maverick é capaz de explicar qualquer coisa. Quanto a isso não tenho a menor dúvida.

Aí então Mrs. Serrocold, inesperadamente, disse: — Eu sei que muita coisa que fazemos aqui lhe parece bobagem sem pé nem cabeça. E que os psiquiatras, às vezes, sabem ser irritantes. Mas nós conseguimos resultados, compreende? Temos os nossos fracassos, mas também temos êxitos. E o que procuramos realizar vale a pena. E apesar de o senhor provavelmente não acreditar, Edgar é de fato muito dedicado a meu marido. Ele começou com essa história boba de que Lewis era pai dele porque ele faz questão de ter um pai como Lewis. Mas o que não posso entender é por que, de uma hora para outra, ficou tão violento. Já estava muito melhor... praticamente normal, mesmo. Para mim, aliás, ele sempre foi normal.

O inspetor preferiu não discutir esse assunto. — O revólver que Edgar Lawson usou pertence ao marido de sua neta — disse. — É de se presumir que o tirasse do quarto de Walter Hudd. Agora me diga: a senhora nunca viu esta arma aqui antes?

E mostrou a pequena automática preta na palma da mão. Carrie Louise olhou-a.

— Não, acho que não.

— Encontrei-a dentro do banco do piano. Foi disparada recentemente. Ainda não tivemos tempo para examiná-la a fundo, mas eu diria que é quase certamente a arma com que mataram Mr. Gulbrandsen.

Ela franziu a testa.

— E o senhor encontrou-a dentro do banco do piano?

— Debaixo de uma pilha de músicas muito antigas. Músicas que eu diria que faz anos que ninguém toca.

— Escondida, então?

— É. Lembra-se de quem estava ao piano ontem à noite?

— Stephen Restarick.

— Ele estava tocando?

— Estava. Bem baixinho. Uma melodia triste, muito estranha.

— Quando ele parou de tocar, Mrs. Serrocold?

— Quando ele parou? Sei lá.

— Mas ele parou, não é? Não vá me dizer que continuou tocando durante a discussão.

— Não. A música simplesmente se extinguiu.

— Ele se levantou do piano?

— Não sei. Não tenho a menor ideia do que ele fez antes de se aproximar da porta do gabinete para experimentar a chave na fechadura.

— Não lhe ocorre nenhum motivo que Stephen Restarick poderia ter para matar Mr. Gulbrandsen?

— Absolutamente nenhum. — E acrescentou, pensativa: — Não creio que tenha sido ele.

— Gulbrandsen talvez houvesse descoberto alguma coisa vergonhosa a respeito dele.

— Isso me parece pouco provável.

O inspetor Curry ficou louco de vontade de dizer: — Um porco talvez seja capaz de voar, mas como pássaro me parece pouco provável.

Era um dos ditados de sua avó. Tinha certeza de que Miss Marple devia conhecê-lo.

Carrie Louise desceu a ampla escadaria e três pessoas convergiram sobre ela, vindas de direções diferentes. — Gina do longo corredor, Miss Marple da biblioteca e Juliet Bellever do salão.

Gina foi a primeira a falar. — Querida vovó! — exclamou com ardor. — A senhora está bem? Não a intimidaram nem submeteram a nenhum interrogatório rigoroso ou coisa que o valha?

— Claro que não, Gina. Que ideias mais extravagantes você tem! O inspetor Curry foi muito simpático e cheio de consideração.

— Não fez mais que a obrigação dele — disse Miss Bellever. — Agora, Carrie, estou com toda sua correspondência e um pacote aqui. Ia levar-lhe lá em cima.

— Traga tudo para a biblioteca — pediu Carrie Louise. As quatro se dirigiram para lá. Carrie Louise sentou e começou a abrir a correspondência.

Havia umas vinte ou trinta cartas.

À medida que ia abrindo, passava-as a Miss Bellever, que as separava em pilhas, explicando ao mesmo tempo a Miss Marple: — Divido-as por categorias. Há três principais. Uma, de parentes dos rapazes.

Essas eu entrego ao Dr. Maverick. Me ocupo pessoalmente das que tratam de pedidos. As restantes são pessoais... e Cara me indica como devo respondê-las.

Terminada a correspondência, Mrs. Serrocold concentrou-se no pacote, cortando o barbante com a tesoura.

Do invólucro bem feito surgiu uma atraente caixa de bombons presa por fita dourada.

— Alguém decerto pensa que hoje é o dia do meu aniversário — comentou Mrs. Serrocold com um sorriso.

Tirou a fita e abriu a caixa. Dentro tinha um cartão de visita. Carrie Louise fitou com leve surpresa.

— Com todo o carinho do Alex — leu. — Que estranho ele me mandar uma caixa de bombons pelo correio no mesmo dia em que vinha para cá.

Miss Marple começou a ficar apreensiva. — Espere um pouco, Carrie Louise — apressou-se a dizer. — Não coma nenhum ainda.

Mrs. Serrocold pareceu meio espantada.

— Eu ia oferecer a vocês.

— Pois não ofereça. Antes eu quero ver uma coisa. .. Gina, você sabe se Alex anda por aí?

— Acho que estava agorinha mesmo no salão — foi a pronta resposta de Gina.

Atravessou a sala, abriu a porta e chamou por ele.

Alex Restarick apareceu logo depois no limiar.

— Madona querida! Então você já está de pé. Como passou a noite? E aproximando-se de Mrs. Serrocold, beijou-a delicadamente nas faces.

— Carrie Louise quer agradecer-lhe pelos bombons — disse Miss Marple.

Alex fez cara de assombro. — Que bombons?

— Estes aqui — respondeu Carrie Louise.

— Mas eu não lhe mandei nenhum bombom, querida.

— A caixa traz o seu cartão — disse Miss Bellever.

Alex examinou. — Traz mesmo. Que engraçado. Que negócio mais esquisito. .. Eu é que certamente não mandei isto pra cá.

— Que coisa mais incrível! — exclamou Miss Bellever.

— Parecem simplesmente ótimos — disse Gina, olhando para a caixa. — Veja, vovó, no meio tem aqueles de Kirsch, que a senhora tanto aprecia.

Miss Marple, com delicadeza, mas decisão, tirou-lhe a caixa das mãos. Sem uma só palavra, retirou-se com ela da sala e foi à procura de Lewis Serrocold.

Levou algum tempo, porque ele tinha ido ao Colégio — encontrou-o lá, no quarto do Dr. Maverick. Colocou a caixa diante dele, em cima da mesa.

E contou-lhe o que havia acontecido. O rosto dele ficou subitamente sério e rígido. Junto com o médico, pegou cuidadosamente cada bombom, examinando um por um.

— Tenho quase certeza — disse o Dr. Maverick — de que estes que separei foram adulterados. Vê como a camada de chocolate por baixo está desalinhada? A primeira coisa que se deve fazer é mandar analisá-los.

— Mas parece incrível — exclamou Miss Marple. — Todas as pessoas da casa podiam ter sido envenenadas!

Lewis concordou com a cabeça. Seu rosto continuava pálido e rígido.

— Sim. Isso é uma maldade... um descaso... ..— Interrompeu a frase. — Acho até que todos estes que foram separados são recheados de Kirsch. Os que Carolina mais aprecia. Portanto, como veem, quem fez isso sabia o que estava fazendo.

— Se for como o senhor diz — comentou Miss Marple em voz baixa —, se estes bombons contêm veneno... então me parece que Carrie Louise precisa saber do que se passa. Ela tem que ficar de sobreaviso.

— Sim — disse Lewis, gravemente. — Ela tem que saber que alguém quer matá-la. Mas acho que nem vai acreditar.

# Capítulo Dezesseis

— Escute aqui, moça. É fato que tem um patife aí querendo envenenar todo mundo?

Gina quase levou um susto ao ouvir aquela voz cochichando. Tirou o cabelo da testa. Estava com o rosto e as calças sujos de tinta. Junto com os auxiliares escolhidos, aprontava o pano de fundo — o Nilo ao crepúsculo — para a próxima peça de teatro que iam montar.

Quem lhe fazia a pergunta era um desses auxiliares, Ernie, o rapaz que lhe tinha dado aquelas ótimas aulas sobre a manipulação de fechaduras. Os dedos de Ernie eram igualmente hábeis em matéria de carpintaria cênica e ele figurava entre os mais entusiásticos colaboradores do teatro.

Seus olhos brilhavam, redondos, no prazer da expectativa. — De onde você tirou essa ideia? — retrucou Gina, indignada.

Ernie piscou o olho. — É só o que se fala nos dormitórios — disse. — Mas escute aqui, moça, não foi nenhum de nós. Não uma coisa dessas. E ninguém faria nada contra Mrs. Serrocold. Nem o Jenkins seria capaz de fazer mal a ela. Se ainda fosse aquela velha cachorra. Essa sim, que merecia ser envenenada. Bem que merecia.

— Não fale assim de Miss Bellever.

— Desculpe, moça. Me escapou. Que veneno era, hein, moça? Estricnina, é? Um troço que entorta as costas e o cara morre se retorcendo todo. Ou foi ácido prussiano?

— Não sei do que você está falando, Ernie.

Ernie piscou o olho de novo. — Pois sim que não sabe! Foi Mr. Alex, pelo que dizem. Trouxe os bombons lá de Londres. Mas isso é mentira. Mr. Alex não faria uma coisa dessas, faria?

— Claro que não — disse Gina.

— Muito mais cara de ter sido Mr. Baumgarten. Quando dá aula pra gente faz cada cara que até mete medo. Don e eu achamos que ele não regula bem.

— Afaste pra lá essa aguarrás.

Ernie obedeceu, murmurando consigo mesmo: — A coisa tá ficando preta por aqui! Ontem o velho Gulbrandsen e agora esse tal de envenenador que ninguém sabe quem é. Será que foi a mesma pessoa que andou fazendo isso? Que diria a senhora, moça, se eu lhe... dissesse que sei quem acabou com o couro dele?

— Não é possível que você saiba.

— Ah, não é, é? Vamos supor que ontem de noite eu estivesse lá fora e visse uma coisa.

— Como que você podia estar lá fora? O Colégio fica trancado depois da última chamada às sete horas.

— Última chamada... Eu posso sair a hora que eu quero, moça. Fechadura pra mim não existe. Saio e ando aí por fora só de farra. Palavra, estou lhe dizendo.

— Gostaria de que você parasse de pregar mentiras, Ernie — disse Gina.

— Quem é que está pregando mentira?

— Você. Só sabe pregar mentiras e se vangloriar de coisas que nunca fez.

— Isso é o que a senhora pensa. Espere até que os tiras venham me perguntar o que eu vi ontem de noite.

— Mas o que foi que você viu, afinal?

— Ah — fez Ernie, — bem que a senhora gostaria de saber, né?

Gina correu atrás dele, que bateu numa retirada estratégica. Stephen veio pelo outro lado do teatro, ao encontro de Gina. Discutiram vários assuntos de interesse técnico e depois, lado a lado, saíram caminhando em direção da casa.

— Parece que todo mundo já sabe da vovó e dos bombons— disse Gina. — Os rapazes, quero dizer. Como é que ficaram sabendo? Deve haver algum foco de informações por aí.

— E já sabiam do cartão de Alex, também. Stephen, você não acha que foi muita burrice colocar o cartão de Alex na caixa quando ele vinha realmente para cá?

— Sim, mas quem é que sabia que ele viria? Resolveu vir à última hora e então mandou um telegrama. Foi provavelmente quando despacharam a caixa pelo correio. E se não tivesse vindo,

pôr o cartão ali dentro seria uma ótima ideia. Porque às vezes ele de fato manda bombons a Caroline.

Depois continuou, hesitante: — Só o que não entendo é...

— Por que alguém haveria de querer envenenar vovó completou Gina. — Eu sei. É inconcebível. Ela é tão adorável. .. e não há absolutamente ninguém que não a adore.

Stephen não respondeu. Gina olhou-o, bruscamente. — Já sei o que você está pensando, Steve!

— Será?

— Você está pensando que Wally... não adora vovó. Mas Wally jamais seria capaz de envenenar alguém. A ideia é risível.

— A esposa leal!

— Não diga isso nesse tom de deboche.

— Não é deboche. Eu a acho leal, mesmo. Admiro você por causa disso. Mas Gina, meu bem, isso assim não pode continuar, você sabe.

— O que você quer dizer com isso, Steve?

— Você sabe muito bem. Você e Wally não foram feitos um para o outro. É simplesmente uma dessas coisas que não dão certo. Ele também sabe disso. Mais dia menos dia, acaba em separação. E vocês serão muito mais felizes quando ela vier.

— Não seja idiota — retrucou Gina.

Stephen riu.

— Ora vamos, não vá me dizer que você dois vivem como dois pombinhos ou que Wally se sente feliz aqui.

— Ah, eu não sei o que há com ele — exclamou Gina. — Passa o tempo todo emburrado. Quase nunca fala. Eu... eu já nem sei mais o que fazer. Por que é que ele não gosta daqui? Antes a gente se divertia tanto... tudo tinha graça... e agora ele parece completamente outro. Por que as pessoas têm que mudar tanto?

— Eu mudei?

— Não, meu bem. Você continua sempre o mesmo. Lembra como eu andava sempre correndo atrás de você nas férias?

— E como eu a achava uma chata... aquela pequena Gina que me torrava a paciência. Pois bem, agora o feitiço virou contra o

feiticeiro. Você sabe onde me encontrar quando precisa, não é, Gina?

— Idiota — respondeu Gina logo, e continuou, afobada: — Você acha que o Ernie estava mentindo? Ele quis me dizer que andou perambulando ontem à noite por aí, no meio da cerração, e insinuou que sabe uma porção de coisas sobre o crime. Será que é verdade?

— Verdade? Claro que não. Você sabe como ele gosta de se gabar. É capaz de qualquer coisa para se fazer de importante.

— Sim, eu sei. Só estava pensando...

Caminharam lado a lado em silêncio.

O sol do poente iluminava a fachada oeste da casa. O inspetor olhou para aquele lado.

— Foi aqui que o senhor parou o carro ontem à noite? — perguntou.

Alex Restarick recuou um pouco, como se estivesse calculando.

— Mais ou menos — respondeu. — É difícil dizer exatamente por causa da cerração. Sim, parece que foi.

O inspetor Curry olhou os arredores, pensativo.

O caminho coberto de pedregulhos descrevia uma grande curva naquele ponto e, irrompendo subitamente de trás de um tufo de azáleas, surgia à vista a fachada oeste da casa, com seu terraço, sebes de teixo e escadarias espalhadas pelo gramado em declive. Dali por diante o caminho prosseguia sinuoso, passando por um grupo de árvores, contornando o lago e a casa, até terminar numa ampla curva, sempre coberta de pedregulhos, no lado leste da casa.

— Dodgett — disse o inspetor Curry.

O guarda Dodgett, que se mantinha de prontidão, se pôs imediatamente em ação.

Saiu correndo pelo gramado, traçando uma linha diagonal até a casa, chegou ao terraço e entrou pela porta lateral. Pouco depois as cortinas de uma das janelas se agitavam com violência. Aí então o guarda Dodgett reapareceu à porta do jardim e voltou correndo, resfolegando feito uma locomotiva.

— Dois minutos e quarenta e dois segundos — disse o inspetor Curry, fazendo parar o cronômetro onde tinha marcado o tempo. — A gente não precisa de muito tempo para fazer uma coisa dessas, não é?

O tom era de quem conversa com a maior naturalidade.

— Eu não corro tão depressa quanto o seu auxiliar frisou Alex. — Suponho que fossem os meus movimentos que o senhor andou marcando aí, não? — Quero apenas lhe mostrar que teve oportunidade de cometer o crime. Só isso. Por enquanto não estou fazendo nenhuma acusação.

Alex Restarick virou-se para o guarda Dodgett, que continuava ofegante.

— Não posso correr tão depressa quanto você, mas acho que estou em melhor forma física.

— É por causa da bronquite que tive no inverno passado — explicou Dodgett.

Alex virou-se de novo para o inspetor.

— Mas, falando sério, mesmo querendo me deixar preocupado só para observar a minha reação... e não se esqueça de que nós, artistas, somos, ah! criaturas tão sensíveis e impressionáveis! — disse isso em tom de troça. — Não é possível que creia que tive qualquer coisa a ver com tudo isso! Dificilmente mandaria uma caixa de bombons envenenados a Mrs. Serrocold com o meu cartão dentro, não lhe parece?

— Talvez fosse de propósito, só para despistar. Um blefe duplo não tem nada de raro, Mr. Restarick.

— Ah, compreendo. Como o senhor é esperto. Por falar nisso, os tais bombons estavam, mesmo, envenenados?

— Os seis recheados de Kirsch na primeira camada, estavam, sim. Continham aconitina.

— Não é dos meus venenos favoritos, inspetor. Pessoalmente, tenho fraco por curare.

— O curare precisa ser injetado no sangue, Mr. Restarick, e não ingerido pelo estômago.

— As coisas maravilhosas que a polícia sabe — disse Alex, com admiração.

O inspetor lançou um olhar discreto ao rapaz. Notou as orelhas ligeiramente pontudas, o tipo de rosto mongólico, nada inglês! Os olhos irrequietos, maliciosos, sempre com ar de troça. Seria difícil adivinhar, em qualquer momento, o que Alex Restarick estaria pensando. Um sátiro ou, melhor, um fauno? Um fauno muito bem nutrido, achou de repente o inspetor Curry, chegando à conclusão de que havia qualquer coisa de desagradável nessa ideia.

Um espertalhão — assim classificaria Alex Restarick. Mais inteligente que o irmão. A mãe tinha sido russa, pelo que ouvira dizer. E "russos" para o inspetor Curry significava o mesmo que "franceses" no início do século dezenove e "boches" durante a Primeira Guerra Mundial. Tudo o que se relacionasse com a Rússia, na opinião do inspetor Curry, não podia ser coisa que prestasse e se Alex Restarick houvesse assassinado Gulbrandsen, seria o protótipo do criminoso ideal.

Infelizmente, porém, não estava nada convencido de que tivesse sido ele.

O guarda Dodgett, tendo recobrado o fôlego, começou a falar.

— Agitei as cortinas tal como o senhor mandou, inspetor — disse. — E contei até trinta. Reparei que um dos ganchos do trilho está solto. Isso significa que há uma brecha. E que dá para se ver a luz do quarto pelo lado de fora.

— Não enxergou nenhuma claridade naquela janela ontem à noite? — perguntou o inspetor Curry a Alex.

— Não pude ver nada da casa por causa da cerração. Já lhe disse isso.

— Mas a cerração é desigual. As vezes ela se desfaz, um pouco, aqui e ali.

— Nunca se desfez o suficiente para eu enxergar a casa.... a parte principal, bem entendido. O pavilhão de ginástica, que fica mais perto, sobressaía no meio da neblina de um modo deliciosamente irreal. Dava a ilusão perfeita dos armazéns do cais do porto. Como lhe falei, estou montando um baIé sobre Limehouse e...

— O senhor já me falou — atalhou o inspetor Curry.

— Sabe, a gente pega o hábito de ver as coisas não como são na realidade, mas como um cenário teatral.

— Provavelmente. Mas um cenário teatral também faz parte da realidade, não faz, Mr. Restarick?

— Não estou entendendo bem o que o senhor quer dizer, inspetor.

— Bom, ele é feito de coisas reais... tela, madeira, tinta e papelão. A ilusão está no olho do espectador, não no cenário, propriamente dito. Que, como já observei, faz parte da realidade, tanto atrás como na frente dos bastidores.

Alex arregalou os olhos.

— Sabe que o senhor acaba de fazer uma observação muito sutil, inspetor? Até me deu uma ideia.

— Para outro balé? — Não, para outro balé não... Deus do céu, será que todos nós não andamos fazendo papel de bobo?

O inspetor e Dodgett atravessaram o gramado para voltar à casa. (Procurando pegadas, disse Alex consigo mesmo. Mas se enganava. Já tinham feito isso de manhã bem cedo, sem o menor êxito, porque às duas da madrugada caíra uma chuva fortíssima.) Alex subiu devagar pelo caminho, refletindo sobre as possibilidades da nova ideia que lhe ocorrera.

Distraiu-se, porém, ao deparar com Gina caminhando ao redor do lago. A casa ficava numa pequena elevação e o terreno descia suavemente desde a frente pavimentada de pedregulhos até o lago, que era cercado de azáleas e outros arbustos. Alex correu pelo caminho a baixo ao encontro de Gina.

— Se a gente pudesse suprimir aquela absurda monstruosidade vitoriana — disse, revirando os olhos —, isto aqui daria um ótimo Lago dos Cisnes, com você, Gina, no papel da princesa. Só que, pensando bem, ficaria melhor no da Rainha. Cruel, decidida a conseguir o que quer, sem dó nem piedade pelos sentimentos alheios. Você é muito, muito feminina, meu bem.

— E você maldoso, querido!

— Só por que não me deixa levar por você? Está acostumada a agir como bem entende, não é, Gina? Faz gato e sapato de todos

nós. De mim, de Stephen e daquele mastodonte simplório do seu marido.

— Não diga bobagens.

— Eu sei o que estou dizendo. Stephen se apaixonou por você. Eu também, e o Wally sofre como um cão. Que mais pode querer uma mulher? Gina olhou para ele e riu.

Alex sacudiu a cabeça com força.

— Ainda bem que pelo menos você é sincera. Deve ser por causa do seu sangue latino. Não se dá o trabalho de fingir que não sabe que é atraente... nem que fica morta de pena pelos homens que se apaixonam por você. Até gosta, não é, Gina cruel? Inclusive o pobre desgraçado do Edgar Lawson!

Gina olhou-o com firmeza. — A gente tem que aproveitar enquanto pode, sabe? retrucou, bem calma e séria. — As mulheres se divertem muito menos que os homens. São mais vulneráveis. Têm filhos e se preocupam... tremendamente... com eles. Mal perdem a beleza, os homens que elas amam perdem o interesse por elas. Se veem traídas, abandonadas, postas de lado. Os homens não têm culpa. Eu também faria o mesmo. Não gosto de gente velha, feia, doente ou que vive se queixando de problemas ou que é ridícula como Edgar, que anda se proseando por aí, bancando o importante e insubstituível. Você me acha cruel? O mundo é que é! Cedo ou tarde, será cruel para mim! Mas por enquanto sou jovem, bonita e as pessoas me consideram atraente. — Os dentes brilharam naquele sorriso tão típico, franco e radiante. — Sim, eu gosto, Alex. Por que não haveria de gostar?

— Por que, não é mesmo? — disse Alex. — O que eu quero saber é o que você pretende fazer. Vai casar com Stephen ou comigo?

— Já estou casada com Wally.

— Provisoriamente. Toda mulher deve cometer um erro matrimonial... mas não há necessidade de insistir nele. Depois de testar o espetáculo nas províncias, chegou a hora de trazê-lo para o West End.

— E você é o West End? — Indubitavelmente.

— Quer casar comigo, mesmo?

— Não consigo imaginar você casado.

— O casamento, para mim, é indispensável. Ter casos já passou de moda. Há as dificuldades com passaportes, hotéis e tudo mais. Só terei uma amante se não der para conquistá-la de outro modo! Gina soltou uma risada gostosa.

— Como você me diverte, Alex.

— E a vantagem que eu tenho. Stephen é muito mais bonito do que eu. É extremamente belo e ardente, coisa que as mulheres naturalmente adoram. Mas o ardor em casa cansa. Comigo, Gina, você vai achar a vida bem mais divertida.

— Não vai, dizer que me ama loucamente?

— Por mais verdade que seja, certamente não direi. Se dissesse, ficaria numa posição desfavorável perante você. Não, a única coisa que estou pronto a fazer é uma proposta prática de casamento.

— Terei que pensar no assunto — disse Gina, sorrindo.

— Evidentemente. Ademais, primeiro você terá que salvar Wally da desgraça.

Sinto muita pena do Wally. Para ele deve ser um verdadeiro inferno estar casado com você e se ver arrastado à força a participar desta horrenda atmosfera familiar de filantropia! — Que monstro que você é, Alex! — Mas um monstro inteligente.

— Às vezes — disse Gina, — acho que Wally não liga nem um pouco para mim.

Simplesmente nem nota que eu existo.

— Você o provocou com uma vara e ele não reagiu? Que chato.

Como um raio, Gina levantou a mão e deu uma sonora bofetada no rosto macio de Alex.

— Touché! — exclamou Alex.

Com um movimento ágil, tomou-a nos braços e, antes que ela pudesse resistir, colou-lhe a boca nos lábios num beijo longo e ardente. Ela relutou um pouco e depois se entregou...

— Gina!

Os dois se separaram. Mildred Strete — o rosto vermelho, os lábios trêmulos — fulminava-os com um olhar terrível. Por um

instante, a própria veemência das palavras estrangulava-as na garganta.

— Que horror... que horror... sua menina monstruosa, sua enjeitada... é igual à mãe... não vale nada... eu sempre desconfiei de que você não valia nada... completamente depravada... e não só adúltera... mas também assassina. Assassina, sim. Pensa que eu não sei?!

— Sabe o quê? Deixe de ser ridícula, tia Mildred.

— Não sou sua tia, graças a Deus. Não temos o mesmo sangue. Ora, você nem sabe quem é sua mãe nem de onde ela veio! Ao passo que meu pai e minha mãe, sim. Que espécie de criança você pensa que eles adotariam? A filha de um criminoso ou de uma prostituta, no mínimo! Eram bem capazes disso. Deviam ter-se lembrado de que a hereditariedade é um fato. Embora eu ache que foi o seu sangue italiano que levou você a optar pelo veneno.

— Como se atreve a dizer isso?

— Eu digo o que bem entendo. Ou vai querer negar que alguém tentou envenenar mamãe? E quem é a pessoa mais capaz de ter feito isso? Quem herdará uma fortuna enorme se mamãe morrer? Você, Gina, e fique certa de que a polícia não se esqueceu desse detalhe.

Ainda trêmula, Mildred afastou-se rapidamente.

— Um caso patológico — disse Alex. — Decididamente patológico. Muito interessante, mesmo. Deixe a gente pensando no falecido cônego Strete... escrúpulos religiosos, talvez? Ou você acha que ele era impotente?

— Não seja nojento, Alex. Ah, como eu odeio essa mulher. Como eu odeio essa mulher.

Gina cerrou os punhos e sacudiu-os com fúria. — A sorte é que você não é de usar faca na bota — disse Alex. — Se não, a nossa cara Mrs. Strete ia aprender alguma coisa a respeito de assassinatos do ponto de vista da vítima. Calma, Gina. Não fique tão melodramática como se fosse cantar uma ópera italiana.

— Como é que ela ousa dizer que tentei envenenar vovó?

— Bom, minha querida, alguém tentou envenená-la. E sob o ponto de vista do motivo, até que você se enquadra muito bem, não acha?

— Alex! — Gina arregalou os olhos, consternada. — Será que a polícia também pensa assim?

— Vá-se saber o que a polícia pensa... Ninguém como ela para guardar segredos. Não são nada bobos, viu? Isso me lembra...

— Aonde é que você vai?

— Pôr em prática uma ideia que eu tive.

## Capítulo Dezessete

Quer dizer que alguém andou tentando me envenenar? A voz de Carrie Louise revelava o maior espanto e incredulidade.

— Sabe — disse, — francamente, não posso acreditar... Permaneceu alguns instantes de olhos fechados.

— Fiz tudo o que pude para lhe poupar isso, meu amor — disse Lewis com delicadeza.

Quase distraída, ela estendeu-lhe a mão, que ele tomou entre as suas.

Miss Marple, sentada perto de ambos, sacudiu a cabeça, compreensiva.

Carrie Louise abriu os olhos.

— É fato mesmo, Jane? — perguntou.

— Receio que sim, meu bem.

— Então tudo... — Carrie Louise não concluiu a frase. Depois continuou: — Sempre pensei que soubesse o que era real e o que não era... Isso não me parece real... mas é... Portanto talvez sempre estivesse enganada... Mas quem poderia querer fazer uma coisa dessas comigo? Será possível que alguém desta casa quisesse... me matar? A voz ainda revelava incredulidade.

— Foi o que também me pareceu absurdo — disse Lewis. — Mas me enganei.

— E Christian sabia disso? Então tudo se explica.

— Se explica como? — perguntou Lewis.

— O comportamento dele — respondeu Carrie Louise. — Foi muito esquisito, sabe? Nem parecia ele. Dava impressão de estar... preocupado comigo... como se quisesse me dizer uma coisa... e depois terminasse não dizendo. Perguntou se meu coração ia bem. E se não andava sentindo nada ultimamente? Procurando fazer uma insinuação, talvez. Mas por que não falou logo? Seria tão simples usar de franqueza.

— E que ele não queria magoar você, Caroline.

— Magoar? Mas como? Ah, compreendo... — Arregalou os olhos. — Então é isso que você pensa. Mas você está enganado, Lewis, redondamente enganado. Posso lhe assegurar.

O marido desviou o olhar. — Lamento — disse Mrs. Serrocold, depois de uma pausa: — Mas não posso acreditar que nada do que aconteceu nestes últimos dias seja verdade. Edgar dando tiros em você. Gina e Stephen. Aquela ridícula caixa de bombons. Simplesmente não é verdade.

Ninguém disse nada.

Carolina Louise Serrocold suspirou. — Tenho a impressão de que vivi muito tempo fora da realidade — disse. — Vocês dois, por favor. Acho que gostaria de ficar só... Preciso ver se consigo compreender.

Miss Marple desceu a escada e entrou no salão para encontrar Alex Restarick parado perto do amplo arco de entrada com a mão estendida num gesto meio florido.

— Entre, entre — disse Alex, eufórico, como se fosse o dono do salão. — Estava mesmo pensando sobre ontem à noite.

Lewis Serrocold, que tinha acompanhado Miss Marple desde a sala de estar de Carrie Louise, atravessou o salão e, dirigindo-se a seu gabinete, entrou e fechou a porta.

— Está tentando reconstituir o crime? — perguntou Miss Marple, com mal contida curiosidade.

— Hã? — Alex franziu a testa. Depois descontraíu-a. — Ah, aquilo — exclamou. — Não, não é bem isso. Estava considerando a coisa toda de um ponto de vista completamente diverso. Pensava nisto aqui em termos de teatro. Não de realidade, mas de artificialismo! Passe para este canto, por favor.

Imagine tudo isso em termos de palco. Iluminação, entradas, saídas. Os personagens. Barulhos fora de cena. Tudo muito interessante. Não se trata de uma ideia minha, em absoluto. Foi o inspetor que me deu. Acho que ele é um sujeito cruel. Fez o possível para me assustar hoje de manhã.

— E conseguiu?

— Não tenho certeza.

Alex descreveu a experiência do inspetor e a marcação cronometrada da atuação do esbaforido Dodgett.

— O tempo é tão enganador — disse. — A gente pensa que as coisas levam um tempo enorme, quando na realidade não.

— Pois é — concordou Miss Marple.

Representando a plateia, mudou de posição. O cenário agora consistia numa parede coberta por vasta tapeçaria que se perdia na penumbra, com o piano de cauda à esquerda alta e uma janela com banco na frente, à direita, no fundo. Bem perto deste último banco ficava a porta que dava para a biblioteca. O banco do piano se achava a apenas dois metros de distância do vestíbulo quadrado que comunicava com o corredor. Duas saídas muito cômodas! A plateia, naturalmente, tinha uma visão excelente de ambas...

Mas na noite anterior, não havia plateia. Quer dizer, ninguém ficara diante do cenário que Miss Marple agora contemplava. A plateia, na véspera, estava sentada de costas para esse palco.

Quanto tempo, Miss Marple pensou, teria sido preciso para sair disfarçadamente da sala, atravessar o corredor, matar Gulbrandsen e voltar? Nem tanto quanto se poderia imaginar. Contado em minutos e segundos, bem pouco, até...O que seria que Carrie Louise queria dizer quando exclamou para o marido: "— Então é isso que você pensa. Mas você está enganado, Lewis!"?

— Devo confessar que a observação do inspetor foi muito sutil — a voz de Alex arrancou-a de suas divagações. — Dizendo que um cenário teatral também é real.

"Feito de madeira e papelão e montado com cola, e tão real do lado pintado como do outro. A ilusão está nos olhos da plateia".

— Feito os ilusionistas — murmurou Miss Marple vagamente. Um passe de mágica, não é assim que se diz?

Stephen Restarick entrou meio ofegante. — Olá, Alex — disse. — Aquele canalhinha do Ernie Gregg — não sei se você se lembra dele...

— O que fez o papel de Feste quando você montou A Noite de Reis? Achei que tinha bastante talento.

— É, talento é o que não lhe falta. Principalmente para usar as mãos. Ele trabalha muito na parte de carpintaria. Mas isso não vem ao caso. Ele se vangloriou para a Gina dizendo que sai à noite por aí e que ontem ele saiu e viu uma coisa.

Alex girou nos calcanhares.

— Viu o quê?

— Não quis dizer. No fundo tenho quase certeza de que está apenas procurando se exhibir para chamar atenção. Mente como o diabo, mas achei que talvez valesse a pena interrogá-lo.

— Eu, se fosse você, não me afobaria — retrucou Alex, enérgico. — Senão ele vai pensar que você está todo interessado.

— Talvez... é, creio que é a melhor solução. Vou esperar até logo mais.

Stephen passou à biblioteca.

Miss Marple, deslocando-se silenciosamente pelo salão no seu papel de plateia ambulante, esbarrou em Alex Restarick, que de repente tinha recuado.

— Ah, desculpe — disse Miss Marple.

Alex franziu a testa e retrucou, meio distraído: — Como disse? — e depois acrescentou, com voz de surpresa: — Ah, é a senhora.

Miss Marple achou o comentário estranho para alguém com quem já vinha conversando há bastante tempo.

— Estava pensando noutra coisa — explicou Alex Restarick. — Esse tal de Ernie...

E fez um gesto vago com as mãos. Depois, mudando subitamente de atitude, cruzou o salão e entrou na porta da biblioteca, fechando-a em seguida.

Ouviu-se um murmúrio de vozes lá dentro, mas Miss Marple nem prestou atenção. Não sentia interesse pelo versátil Ernie nem pelo que ele tinha ou afirmava ter visto. Desconfiava muito que Ernie não tinha visto absolutamente nada. Não acreditava nem um

pouco que, numa noite fria e cheia de cerração como a da véspera, Ernie fosse se dar o trabalho de pôr em prática a sua habilidade com fechaduras para andar perambulando pelo parque. Com toda a certeza nem sequer tinha saído. Pura gabolice, mais nada.

— Que nem Johnnie Backhouse — pensou Miss Marple, que sempre dispunha de uma boa reserva de comparações colhidas entre os moradores de St. Mary Mead.

— Eu te vi ontem de noite — costumava dizer Johnnie Backhouse, em tom de provocação antipática, a quem queria intimidar.

Era o tipo do comentário que surte efeitos surpreendentes, pensou Miss Marple, e é impressionante o número de pessoas que andam por lugares em que não querem ser vistas.

Tirou Johnnie de suas preocupações e concentrou-se numa coisa vaga que a maneira de Alex descrever os comentários do inspetor Curry lhe chamara a atenção. Esses comentários tinham dado uma ideia a Alex. Não estava segura de que não lhe houvessem dado também uma. Seria a mesma? Ou outra, diferente? Postou-se na posição anteriormente ocupada por Alex Restarick. E pensou consigo mesma: este salão não é real. É apenas de papelão, tela e madeira.

Isto aqui é um cenário teatral... — Fragmentos de frases passaram-lhe como um raio pela cabeça. — "Ilusão..." "Nos olhos da plateia." "Um passe de mágica..." Aquários com peixinhos... metros de fitas coloridas... moças que desaparecem. .. todo o aparato e ardis da arte do ilusionista...

Qualquer coisa agitou-se na sua consciência — um quadro — algo que Alex tinha dito... que lhe havia descrito... O guarda Dodgett esbaforido e ofegante...

Ofegante... Qualquer coisa mudou de posição no seu pensamento — entrando subitamente em foco...

— Mas claro! — exclamou Miss Marple. — Só pode ser isso!...

## Capítulo Dezoito



— Puxa, Wally, que susto você me deu!

Gina, saindo das sombras do teatro, recuou um pouco quando o vulto de Wally Hudd materializou-se na penumbra. Ainda não tinha anoitecido por completo, mas já havia aquele lusco-fusco sobrenatural em que os objetos perdem a aparência de realidade e adquirem contornos fantásticos de pesadelo.

— O que anda fazendo por aqui? Você quase nunca se aproxima do teatro.

— Talvez estivesse à sua procura, Gina. Em geral é o melhor lugar para encontrar você, não é? — A voz suave e levemente arrastada de Wally não continha nenhuma insinuação especial.

Mesmo assim Gina ficou meio perturbada. — É um trabalho de que gosto. Agrada-me essa atmosfera de tintas e telas, e dos bastidores, de modo geral.

— Pois é. Já notei que isto é muito importante para você. Diga-me uma coisa, Gina, quanto tempo você acha que vai levar até que se esclareça toda essa história?

— O inquérito é amanhã. Será simplesmente suspenso por uns quinze dias, por aí. Ao menos foi o que o inspetor Curry deu a entender.

— Quinze dias — repetiu Wally, pensativo. — Sei. Digamos três semanas, talvez. E depois disso... estaremos livres. Aí então vou voltar para os Estados Unidos.

— Ah! mas eu não posso ir embora tão depressa assim — exclamou Gina. — Não posso deixar vovó. E temos essas duas novas montagens em andamento...

— Eu não disse nós. Eu disse que eu ia.

Gina parou e levantou os olhos para o marido. Qualquer coisa no efeito das sombras deixava-o gigantesco. Um vulto enorme, calado... e de certo modo, pelo menos causando-lhe essa impressão, um pouco sinistro... Ultrapassando-a na altura. Ameaçando... o quê?

— Quer dizer — hesitou — que você não quer que eu vá?

— Claro que não... não foi isso que eu disse.

— Para você tanto faz se eu for ou não? É isso?

Tinha ficado subitamente irritada. — Escute aqui, Gina. Eu acho que vamos ter que pôr as cartas na mesa. Nós não nos conhecíamos bem quando casamos... um quase não sabia nada do outro. Pensamos que não tinha importância. Que a única coisa que interessava era a gente se divertir juntos. Pois bem, essa fase já passou. A sua família não simpatizou... nem simpatiza... muito comigo. Talvez tenha razão. Não sou do gênero deles. Mas se você imagina que vou ficar aqui, esperando à toa, fazendo coisas sem importância no que eu considero um ambiente simplesmente maluco... está muito enganada! Eu quero viver no meu próprio país, fazendo o tipo de trabalho que gosto e sei fazer. A minha ideia de uma esposa é a que acompanhava os antigos pioneiros, pronta para enfrentar todas as privações, terras estranhas, perigos, regiões desconhecidas... Talvez esteja pedindo demais a você, mas é isso ou nada! Talvez a tenha empurrado para o casamento. Nesse caso, seria melhor se livrar de mim e começar tudo de novo. Você é quem resolve. Se prefere um desses rapazes metidos a artista... a vida é sua e você tem que escolher. Mas eu vou para casa.

— Acho que você é um verdadeiro cabeçudo — exclamou Gina.

— Eu estou gostando daqui.

— Ah, é? Pois eu não. No mínimo você gosta até de assassinatos, não é?

Gina prendeu bruscamente o fôlego. — Você está dizendo isso de pura maldade. Eu gostava muitíssimo do tio Christian. E será que você não percebe que tem alguém envenenando vovó há meses sem que ninguém soubesse? Um horror!

— Eu lhe disse que não estava gostando disto aqui. Não gosto do tipo de coisas que andam acontecendo. Vou dar o fora.

— Se o deixarem! Você não percebe que provavelmente o prenderiam pelo assassinato de tio Christian? Odeio o jeito com que o inspetor Curry olha para você. Parece um gato observando o rato com as garras da pata bem afiadas, pronto para dar o bote. Só porque você saiu do salão para ir arrumar a luz, e porque não é inglês, tenho certeza de que vão terminar prendendo você.

— Primeiro precisam de provas.

— Sinto medo por você, Wally — gemeu Gina. — Venho sentindo desde o início.

— Não precisa ter medo. Estou lhe dizendo que nada têm contra mim.

Caminharam em silêncio na direção da casa.

— Não acredito que você queira mesmo que eu volte para a América em sua companhia... — disse Gina.

Walter Hudd não respondeu.

Gina Hudd virou-se para ele e bateu com o pé no chão. — Eu o odeio. Odeio. Você é horrível... um monstro. . .um monstro cruel, insensível. Depois de tudo o que procurei fazer por você! Quer se livrar de mim. Nem se importa de nunca mais me rever. Pois eu também não me importo de nunca mais te rever. Fui uma boba, idiota em casar com você, e assim que puder vou pedir divórcio para me casar com Stephen ou Alex e ser muito mais feliz do que jamais poderia ser com você. E tomara que você volte pros Estados Unidos e case com uma mulher horrenda que cause realmente a sua desgraça!

— Ótimo! — disse Wally. — Agora sabemos onde estamos pisando.

Miss Marple viu Gina e Wally entrarem juntos na casa.

Estava parada no lugar em que o inspetor Curry tinha feito a experiência com Dodgett no começo da tarde.

A voz de Miss Bellever às suas costas lhe deu um susto.

— A senhora vai pegar um resfriado, Miss Marple, ficando aí parada desse jeito depois que o sol já se pôs.

Miss Marple prontificou-se docilmente a acompanhá-la e as duas se dirigiram à casa com passo rápido.

— Estava pensando nos truques dos ilusionistas — disse Miss Marple. — Fica tão difícil, quando a gente assiste, de ver como é que eles fazem, e no entanto, depois que explicam, chega a ser absurdo de tão simples. (Embora até hoje eu não possa entender como é que conseguem fazer aparecer aquários de peixes!) Nunca viu a Mulher que é Serrada ao Meio?...um truque tão empolgante. Lembro que me fascinou quando eu tinha onze anos. E nunca pude descobrir como era feito. Mas outro dia saiu um artigo no jornal revelando tudo. Acho que não deviam fazer isso, não é mesmo? Parece que não é só uma moça, e sim duas. A cabeça de uma e os pés da outra. A gente pensa que é uma só, quando na realidade são duas... e vice-versa também daria certo, não é?

Miss Bellever olhou-a com certa surpresa.

Miss Marple não costumava ser tão tagarela e incoerente assim. "A dose foi demasiada para ela" — pensou.

— Quando a gente olha apenas para um lado de uma coisa, só se vê aquele lado — continuou Miss Marple. — Mas se a gente consegue chegar a uma conclusão sobre o que é realidade e o que é ilusão, tudo se explica com a maior clareza. — Acrescentou abruptamente: — Carrie Louise está bem?

— Sim — respondeu Miss Bellever. — Ela está bem, mas deve ter sido um choque, sabe... descobrir que alguém tentou matá-la. Quero dizer, ainda mais para ela, que não compreende a violência.

— Carrie Louise compreende certas coisas que nós não — retrucou Miss Marple, pensativa. — Sempre foi assim.

— Eu entendo o que a senhora quer dizer. Mas ela não vive no mundo real.

— Será?

Miss Bellever tornou a olhá-la com surpresa.

— Nunca houve uma pessoa mais etérea que Cara...

— Não acha, talvez, que...

Miss Marple interrompeu o que ia dizer ao ver Edgar Lawson passar por elas num passo largo, cheio de pressa. Cumprimentou-a

com uma espécie de aceno encabulado, mas virou o rosto para o outro lado.

— Já sei quem é que ele me lembra — exclamou Miss Marple. — Me veio de repente, agorinha mesmo. É um rapaz chamado Leonard Wylie. O pai dele era dentista, mas ficou velho e cego, a mão começou a tremer, e as pessoas então preferiam procurar o filho. Mas o velho não se consolava, caiu no desânimo, dizendo que não prestava para mais nada e Leonard, que tinha muito bom coração e era meio bobo, começou a fingir que bebia demais. Andava -sempre cheirando a uísque e se fazia de bêbado quando os clientes chegavam. A ideia dele era obrigá-Ios a voltar para o pai, dizendo que o filho não valia nada.

— E voltaram?

— Claro que não — respondeu Miss Marple. — Aconteceu o que qualquer pessoa de bom senso podia ter dito a ele que ia acontecer! Os clientes passaram a consultar o Dr. Reilly, que era o concorrente do dentista. Há tanta gente de bom coração que não tem a mínima sensatez. Além do mais, Leonard Wylie não convencia ninguém... A ideia que ele fazia de uma bebedeira não tinha nada que ver com a realidade e ele exagerava no uísque...esparramava pela roupa, sabe, de uma maneira completamente impossível.

Entraram na casa pela porta lateral.

## Capítulo Dezenove

Lá dentro encontraram a família reunida na biblioteca. Lewis caminhava de um lado para outro e havia um ar de tensão geral no ambiente.

— O que houve? — perguntou Miss Bellever.

— Ernie Gregg não respondeu a chamada agora de noite — foi a resposta lacônica de Lewis.

— Fugiu?

— Não se sabe. Maverick e alguns auxiliares estão dando busca por aí. Se não conseguimos encontrá-lo, teremos que avisar a

polícia.

— Vovó! — Gina correu para Carrie Louise, assustada com a palidez do seu rosto. — A senhora parece doente.

— Estou desolada. O pobre rapaz...

— Eu ia interrogá-lo agora à noite — explicou Lewis, — para saber se ele tinha visto algo importante ontem. Ofereceram um bom emprego a ele e achei que depois de discutir isso, tocaria no outro assunto. Agora... — deixou a frase no ar.

— Que menino bobo... — murmurou Miss Marple à meia voz. — Coitado... que bobo...

Sacudiu a cabeça. .

— Então você também acha, Jane...? — perguntou Mrs. Serrocold delicadamente.

Stephen Restarick entrou. — Não a encontrei no teatro, Gina — disse. — Pensei que você tinha dito... Olá, o que há?

Lewis repetiu a informação e ao terminar de falar o Dr. Maverick entrou com um rapaz louro, de faces coradas e uma expressão suspeitosamente angelical. Miss Marple lembrava-se de tê-lo visto durante o jantar na noite em que tinha chegado a Stortygates.

— Trouxe junto o Arthur Jenkins — disse o Dr. Maverick. — Parece que ele foi a última pessoa que falou com Ernie.

— Bem, Arthur — começou Lewis Serrocold, — ajude-nos, por favor, se puder. Para onde foi o Ernie? Isso é só uma brincadeira?

— Não sei, não senhor. Palavra que não sei. Ele não me disse nada, não. Só falou na peça do teatro, mais nada. Disse que tinha tido uma ideia bacana para o cenário, que Mrs. Hudd e Mr. Stephen acharam muito legal.

— Tem outra coisa, Arthur. Ernie afirma que andou perambulando por aí depois que trancaram as portas ontem à noite. Isso é verdade?

— Claro que não. Puro bafo, mais nada. O Ernie mente pra burro. Ele nunca saiu de noite. Sempre se gabou que podia, mas não é tão cobra assim com fechaduras! Não seria capaz de abrir uma que prestasse mesmo. Em todo caso, ontem de noite ele não saiu, isso eu garanto.

— Você não está dizendo isso só para nos contentar, Arthur?

— Juro por Deus — respondeu Arthur, todo virtuoso. Lewis não parecia inteiramente satisfeito.

— Ouçam — disse o Dr. Maverick. — O que é isso?

Um murmúrio de vozes se aproximava. A porta se escancarou e com o aspecto muito pálido e doentio, Mr. Baumgarten, de óculos, entrou cambaleando.

— Nós encontramos ele... eles — exclamou, ofegante.— Que horror...

Caiu numa poltrona e enxugou a testa.

— Como assim — perguntou Mildred Strete, abrupta —, encontraram eles?

Baumgarten tremia de cima a baixo. — Lá no teatro — respondeu. — A cabeça deles esmagada... o grande contrapeso deve ter caído em cima deles. Alexis Restarick e aquele rapaz, o Ernie Gregg. Os dois estão mortos...

## Capítulo Vinte



— Trouxe-lhe um pouco de consomê bem forte, Carrie Louise — disse Miss Marple. — Agora tome, por favor.

Mrs. Serrocold soergueu o corpo na vasta cama de carvalho esculpido com colunas. Parecia muito pequena, quase uma criança. As faces haviam perdido a cor e os olhos tinham uma expressão curiosamente distraída.

Pegou, obediente, a sopa que Miss Marple lhe oferecia.

Enquanto a tomava, Miss Marple sentou na cadeira perto da cama.

— Primeiro, Christian — disse Carrie Louise —, e agora Alex... e o coitado do Ernie, tão vivo, tão tolo. Será que ele realmente sabia de alguma coisa?

— Acho que não — respondeu Miss Marple. — Estava apenas mentindo, se fazendo de importante. A tragédia é que alguém acreditou na mentira.

Carrie Louise estremeceu. Os olhos adquiriram de novo aquela expressão ausente.

— Queríamos tanto ajudar esses rapazes... Até certo ponto se conseguiu. Alguns deles se saíram maravilhosamente bem. Vários ocupam cargos de verdadeira responsabilidade. Outros regrediram... isso não se pode evitar. As condições da vida moderna são tão complexas... complexas demais para algumas naturezas simples e mal desenvolvidas. Conhece o grande plano de Lewis? Ele sempre achou que o desterro era uma coisa que tinha salvo muitos criminosos potenciais no passado. Eram deportados para o além-mar...onde recomeçavam a vida em ambientes mais simples. Ele

quer iniciar um plano moderno nessa base. Comprar uma grande extensão de terras... um pequeno arquipélago. Financiá-lo durante alguns anos, transformá-lo numa comunidade cooperativa independente, de que todos participariam. Mas isolado, para que a tentação inicial de voltar à cidade e aos vícios de antes possa ser neutralizada. É o sonho dele. Mas vai ser preciso muito dinheiro, naturalmente, e hoje em dia filantropos idealistas são raros. Teremos que encontrar outro Ernie. Ele, sim, é que ficaria entusiasmado.

Miss Marple pegou uma tesourinha e olhou-a, com curiosidade.

— Que tesoura mais engraçada — comentou. — Tem dois furos para pôr os dedos de um lado e um do outro.

Os olhos de Carrie Louise regressaram daquela terrível distância. — Foi Alex quem me deu hoje de manhã — disse. Assim fica mais fácil para cortar as unhas da mão direita. Pobrezinho, tinha tanto entusiasmo. Fez-me experimentá-la na mesma hora.

— E garanto que ele juntou as aparas para não deixar nada sujo por aqui — disse Miss Marple.

— Sim — confirmou Carrie Louise. — Ele... — Não completou a frase.

— Por que você disse isso?

— Estava pensando em Alex. Ele era inteligente. Era, sim.

— Acha que foi... por isso que morreu?

— Creio que sim.

— Ele e o Ernie... não convém nem pensar. Quando que você acha que aconteceu?

— De tardezinha. Entre as seis e sete horas, no mínimo...

— Depois que pararam de trabalhar por hoje?

— É.

— Gina tinha estado lá no fim da tarde... e Wally Hudd. Stephen também havia dito que fora até lá, à procura de Gina... Mas quanto a isso, qualquer pessoa poderia ter...

Miss Marple interrompeu suas deduções.

— Até que ponto você sabe, Jane? — perguntou Carrie Louise inesperadamente, com a voz bem calma.

Miss Marple levantou bruscamente a cabeça. As duas se entreolharam. — Se eu tivesse absoluta certeza... — retrucou Miss Marple, hesitante.

— Acho que você tem, Jane.

— Que quer que eu faça? — perguntou Jane Marple, depois de um instante de silêncio. Carrie reclinou-se nos travesseiros.

— Você é quem pode decidir, Jane... Faça o que lhe parecer melhor.

E fechou os olhos.

— Amanhã... — Miss Marple hesitou —, amanhã vou tentar falar com o inspetor Curry... se ele me der ouvidos.

## Capítulo Vinte e um

— Que é, Miss Marple? — perguntou o inspetor Curry, meio impaciente.

— Será que poderíamos ir conversar lá no salão?

O inspetor Curry pareceu surpreso. — É essa a ideia que a senhora faz da intimidade? Não lhe parece que aqui...

Olhou em torno do gabinete.

— Na intimidade é o que menos penso. Tem uma coisa que quero lhe mostrar. Uma coisa que Alex Restarick me fez ver.

O inspetor Curry, contendo um suspiro, levantou-se e acompanhou Miss Marple.

— Alguém andou falando com a senhora? — perguntou, otimista.

— Não — respondeu Miss Marple. — Não se trata de nada que possam ter dito. É mais uma questão de truques de ilusionismo. De passes de mágica, sabe... esse tipo de coisa... não sei se me entende.

O inspetor Curry não entendeu. Arregalou os olhos, perguntando-se se Miss Marple estaria regulando bem da cabeça.

Miss Marple tomou sua posição e pediu ao inspetor para que se colocasse a seu lado.

— Eu quero que o senhor imagine isto aqui como um cenário teatral, inspetor. Tal como era na noite em que Christian Gulbrandsen foi assassinado. O senhor está aqui na plateia, vendo as pessoas no palco. Mrs. Serrocold, eu, Mrs. Strete, Gina e Stephen... e, exatamente como num palco, existem entradas e saídas e os personagens saem para lugares diferentes. Só que quando se está na plateia a gente não pensa no lugar para onde eles realmente vão. Eles vão "para a porta da rua" ou "para a cozinha", e quando a porta se abre o que se enxerga é um pedaço de pano de fundo pintado. Mas lógico que na realidade, eles vão é para os bastidores... ou para trás do cenário, onde estão os carpinteiros e eletricitas, e os outros atores à espera de entrar em cena... eles vão... para um mundo diferente.

— Miss Marple, não vejo como...

— Sim, eu sei... provavelmente está achando tudo isso uma grande bobagem... mas se imaginar isto aqui como sendo uma peça teatral, cuja cena se passa no "Salão de Stonygates"... o que é que está, exatamente, atrás do cenário? Quero dizer... no fundo dos bastidores? O terraço, não é? O terraço e uma porção de janelas que dão para ele.

"E assim, compreende, é que foi dado o passe de mágica". Foi o truque da Mulher Serrada ao Meio que me fez pensar nisso.

— A Mulher Serrada ao Meio?

Curry agora estava absolutamente certo de que Miss Marple era débil mental.

— Um golpe de ilusionismo simplesmente eletrizante. O senhor já deve ter visto... só que não se trata realmente de uma, mas de duas mulheres. A cabeça de uma e os pés da outra. Parece uma só pessoa, quando na realidade são duas. E então me ocorreu que também poderia ser o contrário. Duas pessoas podiam, realmente, ser apenas uma.

— Duas pessoas podiam ser apenas uma? — O inspetor Curry parecia desesperado.

— Sim. Mas não por muito tempo. Quanto tempo levou o guarda lá no parque para correr até esta casa e voltar? Dois

minutos e quarenta e cinco segundos, não foi? Isso levaria ainda menos. Muito menos que dois minutos.

— O que levaria muito menos que dois minutos?

— O golpe de ilusionismo. O truque de fazer uma pessoa passar por duas. Ali dentro... no gabinete. Estamos apenas olhando para a parte visível do palco. Atrás do cenário existem o terraço e uma série de janelas. Fica tão fácil, quando há duas pessoas no gabinete, abrir a janela do gabinete, sair, correr pelo terraço (o tropel de passos que Alex ouviu), entrar pela porta lateral, matar Christian Gulbrandsen e correr de volta, e durante esse tempo, a outra pessoa dentro do gabinete fala por ambas, de modo que nós todos ficamos com a absoluta certeza de que há duas pessoas lá dentro. Como de fato havia, na maior parte do tempo, mas não durante esse curto prazo de menos de dois minutos.

O inspetor Curry recobrou o fôlego e a voz.

— Quer dizer, então, que foi Edgar Lawson quem saiu correndo pelo terraço e matou Gulbrandsen? Edgar Lawson quem envenenou Mrs. Serrocold?

— A verdade, porém, inspetor, é que ninguém tentou absolutamente envenenar Mrs. Serrocold. É aqui que entra o artil. Alguém, com muita esperteza, usou o fato de que as dores que Mrs. Serrocold vem sofrendo por causa da artrite não apresentam grande diferença dos sintomas do envenenamento por arsênico. É o velho truque do ilusionista ao mandar a gente escolher uma carta. Nada mais fácil que botar arsênico num vidro de fortificante... e acrescentar umas linhas a uma carta batida à máquina. Mas o verdadeiro motivo para a vinda de Mr. Gulbrandsen era o mais plausível... qualquer coisa a ver com o Fundo Gulbrandsen. Dinheiro, em suma. Vamos supor que tivesse havido um desfalque... um desfalque em grande escala... percebe aonde isso nos leva? A apenas uma pessoa....

O inspetor Curry estava boquiaberto. — Lewis Serrocold? — murmurou, incrédulo.

— Lewis Serrocold. — confirmou Miss Marple.

## Capítulo Vinte e Dois

Trecho da carta de Gina Hudd à tia, Mrs. Van Rydock:

*"... portanto, como vê, querida tia Ruth, a coisa toda foi um autêntico pesadelo — principalmente a parte final. Já lhe contei tudo a respeito daquele divertido Edgar Lawson. Ele sempre foi um verdadeiro coelho — e quando o inspetor começou a interrogá-lo e apertá-lo, terminou perdendo o controle por completo e disparou feito lebre. Simplesmente perdeu o controle e saiu correndo — literalmente.*

*Pulou a janela, contornou a casa, desceu pelo caminho e aí veio um guarda para cortar-lhe a passagem, ele se desviou e rumou a toda velocidade para o lago.*

*Saltou dentro de uma velha canoa podre que faz anos que está abandonada lá e desatracou-a da margem. O tipo da loucura, lógico, mas como já disse ele parecia um coelho tomado de pânico. E aí então Lewis berrou com toda a força: "Essa canoa está podre" e saiu também correndo em direção ao lago. A canoa afundou e lá ficou Edgar bracejando na água. Não sabia nadar. Lewis pulou dentro do lago e nadou até perto dele. Conseguiu alcançá-lo, mas os dois começaram a se dar mal por causa dos juncos. Um dos auxiliares do inspetor entrou na água com uma corda na cintura, mas também se enredou e tiveram que puxá-lo. Tia Mildred exclamou: — "Eles vão se afogar — eles vão se afogar — os dois vão se afogar...", de um jeito muito bobo, e vovó apenas comentou: — 'Sim'. Não dá para descrever a maneira como ela disse isso. Apenas uma palavra, sim, que penetrou na gente como — como uma espada.*

*Será que estou sendo só tola e melodramática? Creio que sim. Mas a verdade é que o efeito foi esse.*

*E depois — quando tudo terminou e tiraram os dois de dentro d'água e tentaram aplicar a respiração artificial (que não adiantou), o inspetor chegou para nós e disse à vovó: — 'Acho que não dá para ter esperanças, Mrs. Serrocold'.*

*— 'Obrigada, inspetor' — retrucou vovó, discretamente.*

*Aí ela olhou para todos nós. Eu com vontade de ajudar, mas sem saber como; Jolly, carrancuda, carinhosa e pronta a dar auxílio, como sempre; Stephen estendendo as mãos; a engraçada da velha Miss Marple, fazendo uma cara tão triste e cansada; e até Wally parecendo preocupado. Todo mundo gostando tanto dela e querendo fazer algo.*

*Mas vovó disse apenas: — 'Mildred.' E tia Mildred respondeu: — 'Mãe'. E as duas voltaram juntas para casa, vovó tão pequena, frágil e apoiando-se em tia Mildred. Só então percebi como uma gostava da outra. Não se notava muito, sabe, mas estava ali o tempo todo."*

*Gina parou, com a ponta da caneta na boca. Depois continuou: — "Quanto a mim e ao Wally — vamos voltar para os Estados Unidos assim que pudermos..."*

## Capítulo Vinte e Três



— Como foi que você adivinhou, Jane?

Miss Marple não se apressou a responder. Contemplou pensativa os outros dois — Carrie Louise, mais magra e frágil do que nunca, e no entanto surpreendentemente imperturbável — e o velho de sorriso doce e basta cabeleira branca: o Dr. Galbraith, bispo de Cromer.

O bispo pegou a mão de Carrie Louise.

— Minha pobre filha, isso deve ter sido uma grande tristeza e um grande choque para você.

— Tristeza, sim. Choque, propriamente, não.

— Pois é — disse Miss Marple. — Foi isso que eu descobri, sabe? Todo mundo vivia repetindo que Carrie Louise andava sempre com a cabeça nas nuvens, sem contato com a realidade. Mas a verdade é que você, Carrie Louise, estava em contato com a realidade e nunca se deixou levar pela ilusão. Você, ao contrário de nós, não se fia nas aparências. Quando de repente me dei conta disso, percebi que devia me basear pelo que você achava e sentia. Você tinha certeza absoluta de que ninguém tentaria envenená-la, não podia acreditar numa coisa dessas... e estava com toda a razão, pois não era verdade mesmo! Você nunca acreditou que Edgar fosse capaz de ferir Lewis... e novamente acertou. Ele jamais feriria Lewis. Estava absolutamente certa de que Gina não amava ninguém além do marido... o que, mais uma vez, era a pura verdade.

“Portanto, se me baseasse em você, todas as coisas que pareciam verdadeiras não passavam de ilusões. Ilusões criadas com

uma determinada finalidade... assim como os ilusionistas criam ilusões para enganar a plateia. A plateia éramos nós. Alex Restarick foi o primeiro a pressentir a verdade porque teve oportunidade de ver as coisas de outro ângulo... o externo. Ele estava com o inspetor lá fora no caminho, olhou para a casa e se deu conta das possibilidades das janelas... e lembrou-se do tropel de passos que tinha escutado naquela noite, e depois o tempo levado pelo guarda mostrou-lhe como se pode fazer muita coisa em poucos minutos. O guarda ficou esbaforido e mais tarde, pensando nisso, me lembrei de que Lewis Serrocold estava ofegando quando abriu a porta do gabinete naquela noite e que acabava de dar uma corrida, entendeu? Mas para mim o pivô da história era Edgar Lawson. Sempre me pareceu que havia qualquer coisa de errado com Edgar Lawson. Tudo o que ele dizia e fazia estava de acordo com o que devia ser... menos ele, propriamente dito. Porque na verdade não passava de um rapaz normal representando o papel de um esquizofrênico... e sempre se comportava de um modo meio exagerado, teatral.

“Tudo deve ter sido muito bem planejado e calculado. Lewis com certeza notou, por ocasião da última visita de Christian, que algo havia-lhe despertado as suspeitas. E conhecia Christian suficientemente bem para saber que se ele suspeitava, não descansaria enquanto não conseguisse verificar se suas suspeitas eram justificadas ou não.”

Carrie Louise remexeu-se na cadeira e disse.

— Christian era bem assim. Lento e meticuloso, mas na realidade muito perspicaz. Não sei o que lhe despertou as suspeitas, mas ele começou a investigar... e descobriu a verdade.

— Não me perdoe por não ter sido um curador mais consciencioso — disse o bispo.

— Ninguém esperava que o senhor entendesse de finanças — retrucou Carrie Louise. — No início isso era da competência de Mr. Gilfoy. Depois, quando ele morreu, a grande experiência de Lewis no assunto colocou-o no que equivalia ao controle absoluto. E isso, naturalmente, foi o que o fez perder a cabeça.

Suas faces ficaram coradas.

— Lewis foi um grande homem — disse. — Um homem de grande visão e um crente apaixonado no que se pode conseguir com o dinheiro. Não que quisesse ser rico... pelo menos não no sentido vulgar, ganancioso, do termo... mas queria o poder que o dinheiro dá... o poder de fazer o bem com ele.

— Queria ser Deus — frisou o bispo, com a voz subitamente severa. — Esqueceu que o homem é apenas o humilde instrumento da vontade divina.

— E então se apropriou dos fundos do Instituto... — perguntou Miss Marple.

O Dr. Galbraith hesitou. — Não foi só isso...

— Pode contar — disse Carrie Louise. — Ela é a minha mais velha amiga.

— Lewis Serrocold era o que se pode chamar de gênio financeiro — explicou o bispo. — Durante os anos em que trabalhou como contador extremamente especializado, divertiu-se em imaginar vários métodos de desfalque virtualmente infalíveis. Não passavam de estudos meramente teóricos, mas quando começou a ver as possibilidades que uma vasta soma de dinheiro poderia oferecer, ele pôs esses métodos em prática. Dispunha de material de primeira qualidade, compreende? Selecionou, a dedo, um pequeno grupo entre os rapazes recolhidos aqui. Todos, naturalmente, possuíam tendências criminosas, adoravam emoções fortes e tinham elevado grau de inteligência. Ainda não se apurou tudo, mas já parece bem claro que esse círculo esotérico era secreto e especialmente treinado, sendo mais tarde colocado em posições estratégicas, onde, seguindo as instruções de Lewis, falsificava a escrita de tal modo que grandes somas de dinheiro eram desviadas sem despertar suspeitas. Pelo que sei, as operações e ramificações são tão complicadas que os peritos vão levar meses até esclarecer a extensão da falcatrua.

“O que não deixa dúvida é que, mediante vários nomes, contas bancárias e firmas fictícias, Lewis Serrocold estaria capacitado a lançar mão de uma quantia colossal, com a qual tencionava abrir uma colônia experimental, em forma de cooperativa, no exterior, onde, com o tempo, os delinquentes

juvenis ficariam proprietários e administradores desse território. Talvez fosse um sonho fantástico...”

— Que podia ter se tomado realidade — disse Carrie Louise.

— Sim, que podia ter-se tornado realidade. Mas os meios usados por Lewis Serrocold foram ilícitos e Christian Gulbrandsen terminou descobrindo. Ficou transtornado, sobretudo ao perceber o abalo que o desmascaramento e provável denúncia de Lewis representariam para você, Carrie Louise.

— Foi por isso que ele me perguntou se meu coração ia bem e se mostrou tão preocupado com a minha saúde — disse Carrie Louise. — Na ocasião eu não entendi.

— Depois Lewis Serrocold regressou do norte e Christian esperou-o do lado de fora da área, revelando-lhe que sabia o que estava se passando. Acho que Lewis reagiu com calma. Os dois combinaram que fariam o possível para poupar qualquer desgosto a você. Christian disse que ia me escrever, pedindo que viesse cá, na qualidade de curador, a fim de discutir a situação.

— Mas Lewis Serrocold evidentemente já estava preparado para essa emergência — disse Miss Marple. — Estava com tudo planejado. Havia trazido o rapaz que devia interpretar o papel de Edgar Lawson perante a família. Lógico que existia um Edgar Lawson verdadeiro, caso a polícia procurasse a ficha. O falso Edgar sabia exatamente o que tinha que fazer... bancar o esquizofrênico com mania de perseguição... e fornecer um álibi de alguns minutos vitais a Lewis Serrocold.

“O passo seguinte também já estava programado. A história que Lewis inventou, dizendo que você, Carrie Louise, andava sendo envenenada aos poucos... quando na verdade, pensando bem, tudo se reduzia ao que Christian teria dito a ele... isso e mais algumas linhas acrescentadas na máquina de escrever enquanto aguardava a chegada da polícia. Era fácil botar arsênico no fortificante. Você não corria nenhum risco, pois ele estaria presente para evitar que o ingerisse. Os bombons foram apenas um toque suplementar... e naturalmente os que chegaram não estavam envenenados... só o que ele substituiu antes de entregá-los ao inspetor Curry.

— E Alex pressentiu — disse Carrie Louise.

— Sim... foi por isso que juntou as aparas das unhas. Elas provariam se o arsênico vinha sendo, efetivamente, aplicado há muito tempo.

— Pobre Alex... pobre Ernie.

Houve um momento de silêncio enquanto ambas pensavam em Christian Gulbrandsen, em Alex Restarick, no jovem Ernie — e na rapidez com que o ato do homicídio pode modificar e desfigurar tudo.

— Mas Lewis certamente estava correndo um grande risco ao persuadir Edgar a servir de cúmplice — continuou o bispo —, mesmo que tivesse certa influência sobre ele...

Carrie sacudiu a cabeça. — Não era propriamente influência. Edgar gostava muito de Lewis.

— Sim — disse Miss Marple. — Que nem Leonard Wylie do pai dele. Eu me pergunto se talvez...

Parou, por delicadeza.

— Você notou a semelhança, não? — retrucou Carrie Louise.

— Quer dizer então, que sempre soube?

— Eu adivinhei. Sabia que Lewis, antes de me conhecer tinha andado apaixonado por uma atriz. Ele mesmo me contou. Não foi nada de maior, era o tipo da interesseira e nunca se importou com ele, mas não tenho a menor dúvida de que Edgar era, realmente, filho de Lewis...

— Sim — disse Miss Marple. — Isso explica tudo...

— E no fim ele sacrificou a própria vida pelo rapaz — disse Carrie Louise, com um olhar ao bispo.

— Sacrificou mesmo, sabe?

Houve um silêncio e depois Carrie Louise continuou: — Ainda bem que terminou assim... ele sacrificando a vida na esperança de salvar o rapaz... Há pessoas que sabem ser boas e também muito más. Sempre percebi que Lewis era assim... Mas... ele gostava muito de mim... e eu dele.

— Nunca... desconfiou de nada? — perguntou Miss Marple.

— Não — respondeu Carrie Louise. — Porque fiquei intrigada com a história do envenenamento. Sabia que Lewis jamais me envenenaria e no entanto aquela carta de Christian dizia

definitivamente que alguém estava me envenenando... de modo que achei que tudo o que eu pensava que sabia sobre os outros tinha que estar errado...

— Mas quando encontraram Alex e Ernie assassinados — insistiu Miss Marple —, nem aí você desconfiou?

— Aí, sim — disse Carrie Louise. — Porque achei que ninguém, a não ser Lewis, se atreveria a tanto. E comecei a ficar com medo do que ele ainda poderia vir a fazer...

Estremeceu de leve. — Eu admirava Lewis. Admirava a... como direi?, a bondade dele. Mas bem sei que para a gente fazer o bem também tem que ser humilde.

— Eis aí, Carrie Louise, o que sempre admirei em você, a sua humildade — disse delicadamente o Dr. Galbraith.

Os lindos olhos azuis se arregalaram, surpresos. — Mas eu não sou inteligente... nem especialmente boa. Só posso admirar a bondade alheia.

— Querida Carrie Louise... — disse Miss Marple.

## Epílogo



— Eu acho que vovó vai se entender às mil maravilhas com tia Mildred — disse Gina.

— Tia Mildred agora está muito mais simpática... não parece tão esquisitona, não é mesmo?

— É, sim — concordou Miss Marple.

— De modo que Wally e eu voltaremos para os Estados Unidos daqui a quinze dias.

Gina lançou um rápido olhar ao marido.

— Quero ver se me esqueço de Stonygates, da Itália, de todo o meu passado de moça, para me tornar cem por cento americana. Nosso filho será sempre chamado de Júnior. É o mínimo que posso fazer, não acha, Wally?

— Sem sombra de dúvida, Kate — disse Miss Marple.

Wally, sorrindo com indulgência para uma velha que confundia os nomes, corrigiu, delicado: — Kate não, Gina.

Gina, porém, riu. — Ela sabe muito bem o que está dizendo! Você vai ver... daqui a pouco ela te chama de Petruccio!

— Eu apenas acho — disse Miss Marple a Walter — que você agiu muito acertadamente, meu caro rapaz.

— O que ela acha é que você é simplesmente o marido que me convém — frisou Gina.

Miss Marple olhou de um para outro. Que beleza, pensou, ver dois jovens tão apaixonados, e Walter Hudd, aquele rapaz emburrado que tinha encontrado no primeiro dia, completamente transformado num gigante bem-humorado e sorridente...

— Vocês dois me lembram... — começou. Mas Gina deu um passo à frente e tapou com firmeza a boca de Miss Marple.

— Não, minha querida — exclamou. — Não diga nada. Desconfio muito dessas comparações de cidade do interior. São sempre uma faca de dois gumes. E quem sai perdendo é a gente. A senhora não passa de uma velha muito maldosa, viu? — Seus olhos se enevoaram. — Às vezes fico pensando na senhora, em tia Ruth e vovó juntas quando moças... Como gostaria de saber como eram! Não sei por que, mas não posso imaginar...

— Acho que você não pode mesmo — disse Miss Marple. — Já faz tanto tempo!

**FIM**